

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

FRANCISCO DE ASSIS SABADINI

**A CERÂMICA GEOMÉTRICA DAS CÍCLADES:
Os centros produtivos e sua circulação**

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

**SÃO PAULO
2024**

FRANCISCO DE ASSIS SABADINI

A CERÂMICA GEOMÉTRICA DAS CÍCLADES:

Os centros produtivos e sua circulação

Versão Revisada. A versão original encontra-se na biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

Orientadora: Profa. Dra. Haiganuch Sarian

Coorientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

**SÃO PAULO
2024**

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sabadini, Francisco de Assis.

A cerâmica geométrica das Cíclades: os centros produtivos e sua circulação. / Francisco de Assis Sabadini; orientadora Haiganuch Sarian; coorientador Gilberto da Silva Francisco. -- São Paulo, 2024.

155 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Arqueologia das Cíclades. 2. Período Geométrico. 3. Ceramologia. 4. Centros Produtivos de Cerâmica. 5. Circulação. I. Sarian, Haiganuch, orient. II. da Silva Francisco, Gilberto, coorient. III. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral
CRB-8/7681

Nome: SABADINI, Francisco de Assis

Título: A cerâmica geométrica das Cíclades: os centros produtivos e sua circulação.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arqueologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Para Maria Ângela e Natalino

AGRADECIMENTOS

Neste espaço, quero agradecer formalmente a todos que contribuíram com esta etapa em minha vida. Inicialmente, agradeço o financiamento das atividades de pesquisa fornecido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) na forma de bolsa de estudos, a qual foi essencial para a condução da pesquisa. Ainda em nível institucional, agradeço também ao MAE/USP (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo) por fornecer as instalações e materiais necessários para a minha formação acadêmica pelo tempo em que estive vinculado ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia. Estendo esse agradecimento à USP (Universidade de São Paulo) por toda estrutura disponibilizada para o desenvolvimento integral dos seus alunos. Não poderia deixar de expressar minha gratidão à EFA (*École Française d'Athènes*) por contribuir com parte desta pesquisa, permitindo-me a permanência em suas dependências e pesquisa na biblioteca, além de intermediar o acesso a museus e sítios arqueológicos na Grécia.

Agradeço aos professores e pesquisadores com os quais tive contato durante minha formação, em especial Claudio W. Duarte Gomez (UNIMES), Márcia de Almeida Rizzutto (IFUSP), Fábio A. Morales (UFSC), Glaydson J. da Silva (UNIFESP), José Geraldo C. Grillo (UNIFESP), Vagner C. Porto (MAE/USP), Juliana F. da Hora (UNISA), Leilane P. Lima (MAE/USP), Maria Isabel D'Agostino Fleming (MAE/USP), Erica Angliker, Yannis Kourayos, Juliana C. Monzani (UNICID) e Carolina M. Guedes (UNIMES). Ressalto meus agradecimentos aos amigos e colegas com os quais pude trocar experiências sobre o mundo acadêmico, em especial Alexandre D. Gonçalves, Michelle B. Pedroso, Heloisa Vidal, Lidiane Carderaro, Erik Correia e Yuri L. Santos.

Reservo um espaço especial para agradecer a minha orientadora, professora Haiganuch Sarian, que, desde o mestrado, acompanha meu trabalho. Sendo um modelo de pesquisadora, a professora foi responsável pelo meu desenvolvimento acadêmico, apresentando a pesquisa arqueológica por meio de inserções em atividades de campo e de laboratório, além da dedicação com a orientação. Ainda nesse espaço privilegiado, agradeço ao professor Gilberto da Silva Francisco, coorientador desta pesquisa, destacando sua contribuição há mais de uma década para meu amadurecimento intelectual e pessoal. Por toda a contribuição, deixo registrado meu profundo respeito e admiração. Nos momentos mais difíceis e percalços acarretados pela pandemia de Covid-19, a professora Haiganuch e o professor Gilberto não mediram esforços para encontrar soluções que permitissem a continuidade da pesquisa dentro das possibilidades existentes.

Agradeço a minha família, em especial meus pais, Natalino e Maria Ângela, pelo suporte essencial ao longo desse período em que estive envolvido com a pesquisa. Através de paciência e afeto, foram meus refúgios nos momentos difíceis. Destaco também a participação das minhas tias, Hilda, Elza e Cleide, da minha irmã, Rita, meu cunhado, Washington, e meus sobrinhos, Davi e Enrico, nesse longo percurso. Manifesto meu amor e agradecimento à minha namorada, Clarissa, que, através do seu companheirismo, tornou esses anos mais felizes. Juntos, nos encontramos e descobrimos os sabores de muitas coisas.

RESUMO

SABADINI, Francisco de Assis. **A cerâmica geométrica das Cíclades: os centros produtivos e sua circulação.** 2024. 155 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Esta pesquisa tem por objetivo caracterizar e identificar os diferentes locais que produziram cerâmica nas Cíclades durante o Período Geométrico, cronologicamente situado entre 900 e 700 a.C., assim como mapear a distribuição dessas produções pelo arquipélago. Desta forma, os sítios de fabricação de cerâmica são referidos nesta tese como centros produtivos, ao passo que a distribuição da produção desses centros é parte da circulação, compreendida como fenômeno abrangente de deslocamento de vasos até locais distintos de onde foram confeccionados. Produção e circulação são temas centrais para o estudo da cerâmica geométrica cicládica desde o final do século XIX e início do século XX, o que resultou em um debate longo e complexo, porém atual. Desta forma, para alcançar os objetivos propostos, foram retomados os principais pontos desse debate sob uma perspectiva histórica dos critérios de classificação, das possíveis localizações dos centros produtivos e das rotas de circulação dos vasos. Ao final, o conhecimento adquirido com a síntese do debate foi aplicado em um estudo de caso na ilha de Delos.

Palavras-chave: Arqueologia das Cíclades. Período Geométrico. Ceramologia. Centros Produtivos de Cerâmica. Circulação.

ABSTRACT

SABADINI, Francisco de Assis. **A cerâmica geométrica das Cíclades: os centros produtivos e sua circulação.** 2024. 155 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

This research aims to characterize and identify the different sites that produced ceramics in the Cyclades during the Geometric Period, chronologically situated between 900 and 700 BC, as well as to map the finds of these vases throughout the Cycladic archipelago. In this way, the ceramic manufacturing sites are referred to in this thesis as production centers, while the distribution of production from these centers is part of circulation, understood as a comprehensive phenomenon of moving vases to different places from where they were made. Production and circulation have been central themes in the study of Cycladic geometric ceramics since the late 19th and early 20th centuries, which has resulted in a long and complex, but current, debate. Therefore, to achieve the proposed objectives, the main points of this debate were revisited from a historical perspective of the classification criteria, the possible locations of the production centers, and the routes of circulation of the vessels. In the end, the knowledge gained from the synthesis of the debate was applied in a case study on the island of Delos.

Keywords: Archaeology of the Cyclades. Geometric period. Ceramology. Ceramic production centers. Circulation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lécito atizante do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 15 cm.	65
Figura 2 – Lécito-enócoa do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 17 cm.	66
Figura 3 – Anforisco do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 31,5 cm.	76
Figura 4 - esquifo com semicírculos pendentes do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 9,3 cm.	77
Figura 5 - Esquifo com semicírculos pendentes do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 7,6 cm.	78
Figura 6 - Esquifo com semicírculos pendentes do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 10 cm.	79
Figura 7 – ânforas do Geométrico Médio. a) produzida em Melos, altura: 73 cm; b) produzida na Ática, altura 71,5 cm.	80
Figura 8 - Ânfora com alças no pescoço do centro produtivo naxiano (Geométrico Médio); altura: 43 cm.	82
Figura 9 – Enócoa produzida na Grupo Sudoeste (Geométrico Médio); altura: 32 cm.	83
Figura 10 - Lécito-enócoa ático (Geométrico Médio I); altura: 19,9 cm.	84
Figura 11 - Lécito-enócoa de produção cicládica (Geométrico Médio); altura: 13 cm.	85
Figura 12 - Esquifo do centro produtivo pariano (Geométrico Médio); altura: 13,6 cm.	86
Figura 13 – Esquifo cicládico (Geométrico Médio); altura: 8,5 cm.	87
Figura 14 - Cântaro com alças altas cicládico (Geométrico Médio); altura: 11,2 cm.	87
Figura 15 - Enócoa do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 35,7 cm.	89
Figura 16 – Cratera do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 63 cm.	90
Figura 17 - Ânfora com alças no pescoço do centro produtivo pariano (Geométrico Recente); altura 36 cm.	92
Figura 18 - Ânfora com alças no ombro do centro produtivo pariano, Grupo da Roda (Geométrico Recente); altura: 42 cm.	93
Figura 19 - Suporte com aberturas do centro produtivo meliano (Geométrico Recente); altura: 15 cm.	95
Figura 20 - Stamnos do centro produtivo terano (Geométrico Recente); altura: 37 cm.	97
Figura 21 - Ânfora com alças nos ombros do centro produtivo terano (Geométrico Recente); altura: 73,5 cm.	98
Figura 22 - Cerâmica geométrica do grupo Aa.	109
Figura 23 - Cerâmica geométrica do grupo Ad.	111
Figura 24 - Ânfora geométrica. Delos, Museu Arqueológico de Delos, alt. 33cm – inv: B1.947x. ...	114
Figura 25 - Fragmento de borda de um vaso geométrico proveniente das escavações de Jean Ducat, em 1964. Delos, Museu Arqueológico de Delos, alt. 3,05 cm.	115
Figura 26 - Aríbalo do Geométrico Recente das Cíclades proveniente das escavações de Haiganuch Sarian, em 2008. Delos, Museu Arqueológico de Delos.	116

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Contextualização das Cíclades no Egeu	17
Mapa 2 - Agrupamento de ilhas conforme posição geográfica nas Cíclades	19
Mapa 3 - Circulação da obsidiana extraída de Melos e de Antiparos durante o Neolítico e Período do Bronze.	32
Mapa 4 - Agrupamento de ilhas conforme posição geográfica nas Cíclades e proximidades	74
Mapa 5 - Delos, Reneia e Míconos em destaque.	101
Mapa 6 - Detalhe da ilha de Delos indicando os dois focos principais de achados de cerâmica geométrica cicládica.	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação Cronológica.....	24
Tabela 2 - Levantamento de cerâmica cicládica em contextos locais e da Eubeia.	70
Tabela 3 - Indicação da origem, distribuição e cronologia dos centros produtivos.	99
Tabela 4 - Indicação das principais formas e da cronologia de cada centro produtivo.	100

Sumário

AGRADECIMENTOS.....	6
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE MAPAS.....	11
LISTA DE TABELAS.....	12
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Balizamentos e objeto de estudo.....	16
2 O DEBATE SOBRE A CERÂMICA CICLÁDICA DO PERÍODO GEOMÉTRICO	41
2.1 Histórico do debate.....	46
2.2 Conclusões sobre debate	53
2.3 Classificando um Centro Produtivo.....	60
3 INVENTÁRIO DOS LOCAIS DE ACHADO DE CERÂMICA CICLÁDICA DO PERÍODO GEOMÉTRICO	62
3.1 O Inventário.....	69
3.1.1 Subprotogeométrico	75
3.1.2 Geométrico Antigo	79
3.1.3 Geométrico Médio	81
3.1.4 Geométrico Recente	87
4 ESTUDO DE CASO	101
4.1 A Fossa de Purificação de Reneia	102
4.1.1 Grupo Aa	108
4.1.2 Grupo Ab	110
4.1.3 Grupo Ac.....	110
4.1.4 Grupo Ad	110
4.1.5 Grupo Ae	111
4.1.6 Grupo Af	111
4.1.7 Grupo Ba.....	112
4.1.8 Grupo Bb	112
4.1.9 Grupo Bc.....	112
4.2 A cerâmica geométrica de Delos.....	113
CONCLUSÕES.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
Documentos	121
Textos Antigos	121
Textos Modernos	121

APÊNDICES	131
ANEXOS	148

1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, os estudos arqueológicos e, mais especificamente, o esforço para a construção de uma ciência ceramológica, voltava-se para a construção de classificações dos vasos gregos¹ em séries cronologicamente divididas, dentro das quais conjuntos menores fossem agrupados segundo critérios de semelhanças dos vasos². Nessa conjuntura, estabelecia-se a preocupação em criar categorias gerais – com base no estudo dos pormenores formais, ornamentais e técnicos - que pudessem organizar os vasos recuperados em escavações arqueológicas, além daqueles presentes nas coleções particulares e de museus, em categorias que correspondessem às produções de antigas oficinas. Subjacente a isso, especulava-se sobre a localização dessas oficinas e da distribuição das diversas produções de vasos pelo Egeu, indicando ampla circulação.

Existia, contudo, uma série de problemas na feitura dessas séries. Charles Dugas, na introdução do livro *La Céramique Grecque* (1924, p. 5-6), discorre sobre seu objetivo de apresentar um resumo dos progressos da ceramologia em estabelecer a seriação da cerâmica grega até o momento da publicação da obra, mas alerta para a diferença nos resultados e conhecimento que se tinha de cada período em função das fontes lacunares. Quase um século após a publicação do *La Céramique Grecque*, apesar da massa de conhecimento firmada desde então, o descompasso entre o que se sabe dos diferentes períodos de produção de cerâmica grega permanece condicionado às características das fontes. Assim, o Período Geométrico (900-700 a.C.)³ ao abranger dois séculos em que a escrita, ausente no seu início, só reaparece, timidamente, nos seus anos finais, tem na documentação arqueológica a principal fonte para estudo da economia e da sociedade⁴. Ademais, o estudo da cerâmica

¹ Para os nomes dos vasos apresentados na tese, será utilizada a terminologia do projeto intitulado “Nomenclatura dos vasos gregos em português”. Este projeto interdepartamental (MAE/USP e DLCV-FFLCH/USP) é coordenado pela professora doutora Haiganuch Sarian.

² Sobre a preocupação em criar uma classificação universal dos vasos gregos em seriá-los em ordem cronológica, ver Dugas 1924, publicação contemporânea a essa empreitada e ciente das lacunas de informações.

³ Todas as indicações cronológicas, ou seja, as datas referentes ao Período Geométrico, incluindo a delimitação do período e as suas subdivisões em datas ajustadas ao calendário gregoriano - em outras palavras, a cronologia absoluta – seguiram o sistema proposto por Coldstream (2008, p. 302-331). A cronologia relativa, estabelecida com base na contemporaneidade das formas dos vasos e outros indícios arqueológicos nas várias regiões do Egeu, também seguiu o mesmo sistema e pode ser conferida nos Anexos B e C.

⁴ Para mais informações sobre a escrita durante o Período Geométrico, SARIAN (1999); RUIJGH (2008, p. 501-505).

geométrica⁵, quer tendo como objeto os próprios vasos, quer para o estudo da sociedade produtora e consumidora, é feito quase que exclusivamente pela análise de vasos e fragmentos de vasos em seus respectivos contextos e associação a outros materiais arqueológicos.

As lacunas da seriação da cerâmica grega apontada por Dugas em 1924 são preenchidas paulatinamente, à medida que novas fontes são encontradas, estudos e classificações são revisados, métodos e técnicas de análise incorporados, por exemplo as análises arqueométricas. Devido a esse conhecimento fragmentado, questões relacionadas à identificação das regiões produtoras e suas características despertaram a curiosidade de pesquisadores que lidavam com o tema. Portanto, não é mera coincidência que desde o século XX o estudo da cerâmica produzida nas Cíclades durante o Período Geométrico tem suscitado o debate classificatório que desencadeou uma série de especulações referentes aos locais de produção e às rotas de circulação interna e externa dos vasos. Somadas, as contribuições dessas gerações de estudiosos alcançaram uma boa compreensão do dossiê cicládico⁶, maneira pela qual Anee Coulié (2007, p. 54) se referiu a essas questões. Porém, tal debate tem a aparência de uma colcha de retalhos, repleto de sobreposições e encaixes obtusos.

Assim, esta pesquisa retoma o referido debate sobre os centros produtivos cicládicos do Período Geométrico, ou seja, os polos de fabricação de cerâmica, e sobre a respectiva circulação desses vasos no contexto das Cíclades, contribuindo com uma proposta de síntese do dossiê cicládico. Cabe destacar que o tema da pesquisa surgiu como desdobramento da dissertação de mestrado defendida em 2016 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, com o título “A cerâmica geométrica da Ática (1100-700 a.C.): Tradição e Inovação”. A ideia inicial previa a revisão da classificação da cerâmica geométrica cicládica e um estudo de caso dos vasos e fragmentos do Período Geométrico provenientes das escavações do Heraion de Delos. Sob a orientação da professora doutora Haiganuch Sarian, eu integrava, desde 2014, na função de estagiário, a equipe do projeto oficial da *École Française d’Athènes*, voltado para a pesquisa sobre o santuário de Hera, em Delos. Nessa

⁵ Os termos geométrico e geométrica são empregados exclusivamente nesta tese em consonância com o recorte temporal e geográfico da pesquisa. Assim, geométrico e geométrica referem-se sempre a algo derivado do Período Geométrico, que cronologicamente se estende de 900 a 700 a.C., majoritariamente nas regiões do mar Egeu onde atualmente se encontra o território da Grécia. A nomenclatura desse período deriva das características decorativas da cerâmica, formada em grande parte por formas geométricas. Desta forma, o leitor vai encontrar com frequência a passagem “cerâmica geométrica” que será entendida como a cerâmica decorada com motivos geométricos, produzida em algum momento entre 900 e 700 a.C. Especificidades dentro dessa cronologia e da região podem acompanhar a fórmula, acrescentando mais precisão tanto à cronologia quanto à localização espacial.

⁶ O adjetivo cicládico é empregado ao longo do texto apenas para designar algo oriundo das Cíclades, e não como indicativo cronológico, sinônimo do Período do Bronze nas Cíclades (3200-1100 a.C.). Para informações sobre a cronologia do Período do Bronze no Egeu e nas Cíclades, consultar Poursat (2008, p. 30-35).

posição, e sendo o projeto coordenado pela professora Sarian, o acesso ao material cerâmico do Heraion seria amplo.

Porém, a proposta inicial, composta da revisão sistemática e do estudo do material em campo, não pôde ser desenvolvida devido aos problemas causados pela pandemia de Covid-19 que afetaram significativamente a qualidade da pesquisa. Inicialmente, a impossibilidade de acesso à coleção do Museu Arqueológico de Delos, Grécia, e, conseqüentemente, à documentação essencial, foi o principal problema que comprometeu o andamento e os resultados da pesquisa. Outra dificuldade foi a falta de acesso a bibliotecas no Brasil e também do exterior por conta do fechamento das mesmas, o que acarretou atrasos porque grande parte das obras necessárias para a continuidade da pesquisa não estavam disponíveis online. Além disso, cancelamentos das missões da *École Française d'Athènes*, entre as quais as coordenadas pela professora doutora Haiganuch Sarian e pelo professor doutor Gilberto da Silva Francisco, na ilha de Delos, somados aos fechamentos institucionais e restrição de acesso, continuaram a acontecer até 2023, prejudicando a pesquisa até sua fase final. O Museu Arqueológico de Delos ainda permanece fechado devido a uma reforma iniciada nas suas instalações durante o período da pandemia, porém, até o momento de finalização desta tese, as obras não estavam concluídas e o museu não havia retomado suas atividades.

Os reflexos dos problemas causados pela pandemia se estenderam e continuaram a impactar a pesquisa em 2023, causando atrasos e demandando o replanejamento de etapas de pesquisa e redação da tese. Embora as medidas adotadas por mim, em conjunto com a orientadora e o coorientador, tenham possibilitado a continuação dos estudos, é inegável os danos que foram causados, comprometendo os prazos para escrita e finalização. Alterações feitas para contornar, principalmente, a dificuldade de acesso às fontes primárias, limitaram consideravelmente as possibilidades iniciais e o cronograma. Como agravante dessa situação, as dependências da *École française d'Athènes* não receberam os pesquisadores brasileiros em 2022 e 2023, pois a agenda que previa restauros e outras pesquisas da instituição estava em atraso após o período de *lockdown*, ocasionando adiamento e remarcação de muitas missões.

Frente a esse cenário, boa parte da bibliografia foi obtida por intermédio de colegas que tiveram acesso a bibliotecas especializadas. Esse processo, entretanto, seguiu à medida que as instituições voltaram ao funcionamento e conforme alguns colegas puderam contribuir, portanto de maneira mais vagarosa e não contínua, tendo em vista que a restrição à entrada de brasileiros na Europa impediu a minha presença na *École Française d'Athènes* e no Museu Arqueológico de Delos. Por outro lado, a impossibilidade de acesso físico ao material não inviabilizou a pesquisa totalmente, porém foi necessário adaptar as análises e também os

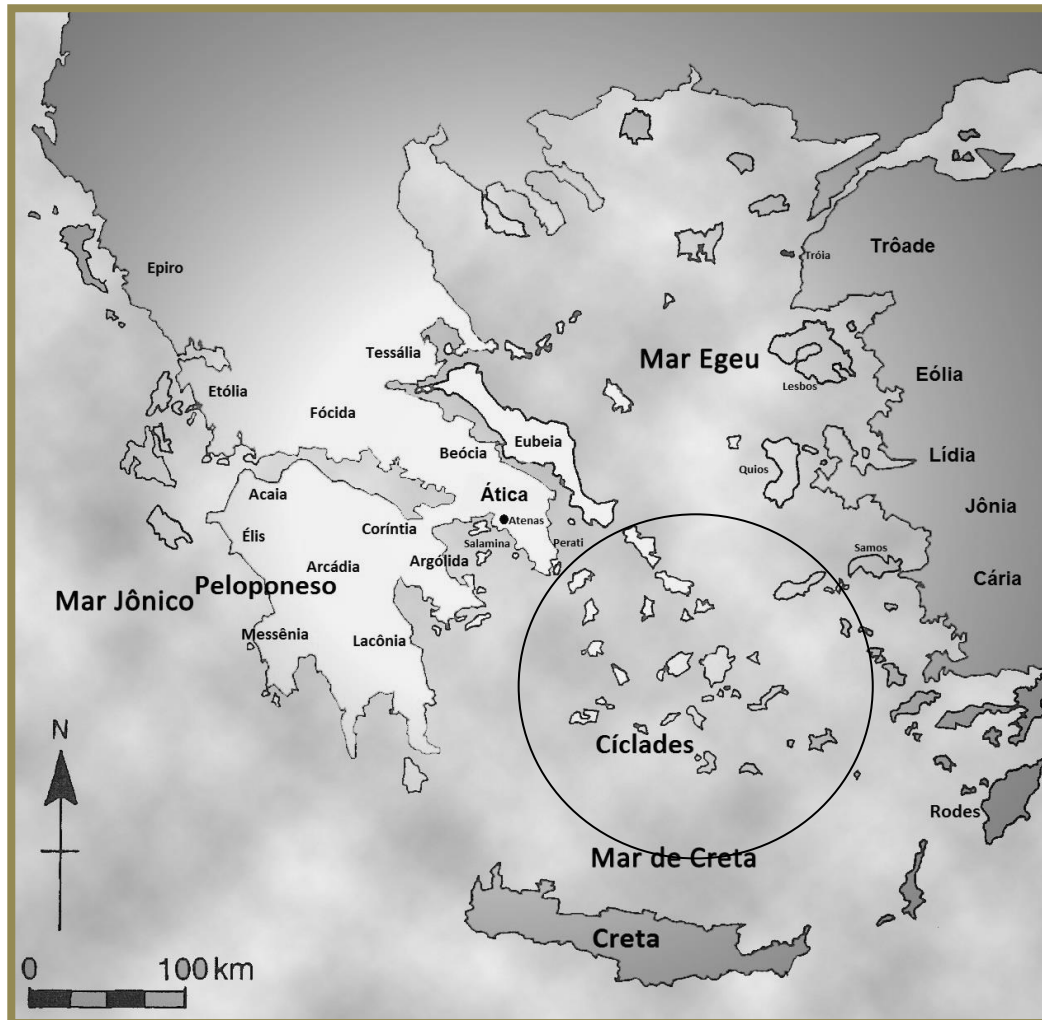
objetivos que passaram a considerar somente os vasos já publicados. Isso implicou a qualidade dos estudos que tiveram que se restringir às informações disponíveis nos catálogos e suas fotografias. Análises feitas em laboratório, tais como aquisições de medidas, coloração da argila e a proposta de observações em microscópio tiveram que ser abandonadas. Todos esses contratempos acabaram por provocar períodos de dúvidas quanto à condução da pesquisa, replanejamentos e adaptações que prejudicaram o desenvolvimento e qualidade da tese.

1.1 Balizamentos e objeto de estudo

O conjunto de ilhas que integra as Cíclades constitui o recorte geográfico do presente estudo (ver mapa 1)⁷; é neste arquipélago que estavam instalados os centros produtivos de cerâmica. Por outro lado, o Egeu constitui o principal meio que possibilitou a circulação dos vasos cicládicos para suas adjacências, sendo, portanto, as outras regiões banhadas por esse mar, além do próprio arquipélago, locais de interesse por constituírem também destinos da produção cicládica. Essas outras regiões do Egeu foram consideradas de importância secundária para a pesquisa, portanto mencionadas ao longo do texto como complemento e suporte para a compreensão da circulação dos vasos.

⁷ Para detalhes relativos à distribuição de achados de cerâmica do Período Geométrico nas Cíclades e no Egeu, ver ANEXO A – Mapa com indicação dos sítios arqueológicos no Egeu onde foi encontrada cerâmica do Período Geométrico.

Mapa 1 - Contextualização das Cíclades no Egeu



Fonte: Dickinson, 2006, p. 208, fig. 7.1. (adaptado).

A localização dos centros produtivos de cerâmica geométrica cicládica, assim como sua produção e distribuição, são partes de um mesmo problema que relaciona produção e circulação na sociedade do arquipélago ao longo do Período Geométrico. Relação esta que pode ser observada tanto nas ilhas, de maneira separada, portanto específica, quanto no nível mais abrangente, por exemplo um grupo de ilhas ou mesmo em todo o arquipélago cicládico. As Cíclades não estavam isoladas, mas integravam um sistema maior de trocas com o exterior, representado por outras sociedades do Egeu. Via de regra, não só as Cíclades, mas também outras regiões produtoras de cerâmica geométrica mantinham contatos mútuos entre si. Obviamente, esse sistema não interligava, necessariamente, todas as regiões de maneira direta e mesmo indiretamente. Observou-se, pelo contrário, que os contatos entre o arquipélago cicládico e as outras regiões variaram durante toda a abrangência do Período Geométrico, a ser discutido no capítulo 3.

As características dos vasos geométricos são diferentes conforme o local analisado, indicando que cada região acabou por desenvolver um estilo próprio. Por estilo entende-se o conjunto de elementos formais e ornamentais utilizados, assim como a maneira como eram organizados na produção de vasos em uma determinada região. Essa relação entre as várias regiões do Egeu e a produção de cerâmica geométrica foi sintetizada por Coldstream (2008, p. 8-301) que reconheceu dez estilos de cerâmica geométrica: ático, coríntio, argivo, tessálio, cicládico e euboico, beócio, lacônio, cretense, da Grécia do Leste e da Magna Grécia.

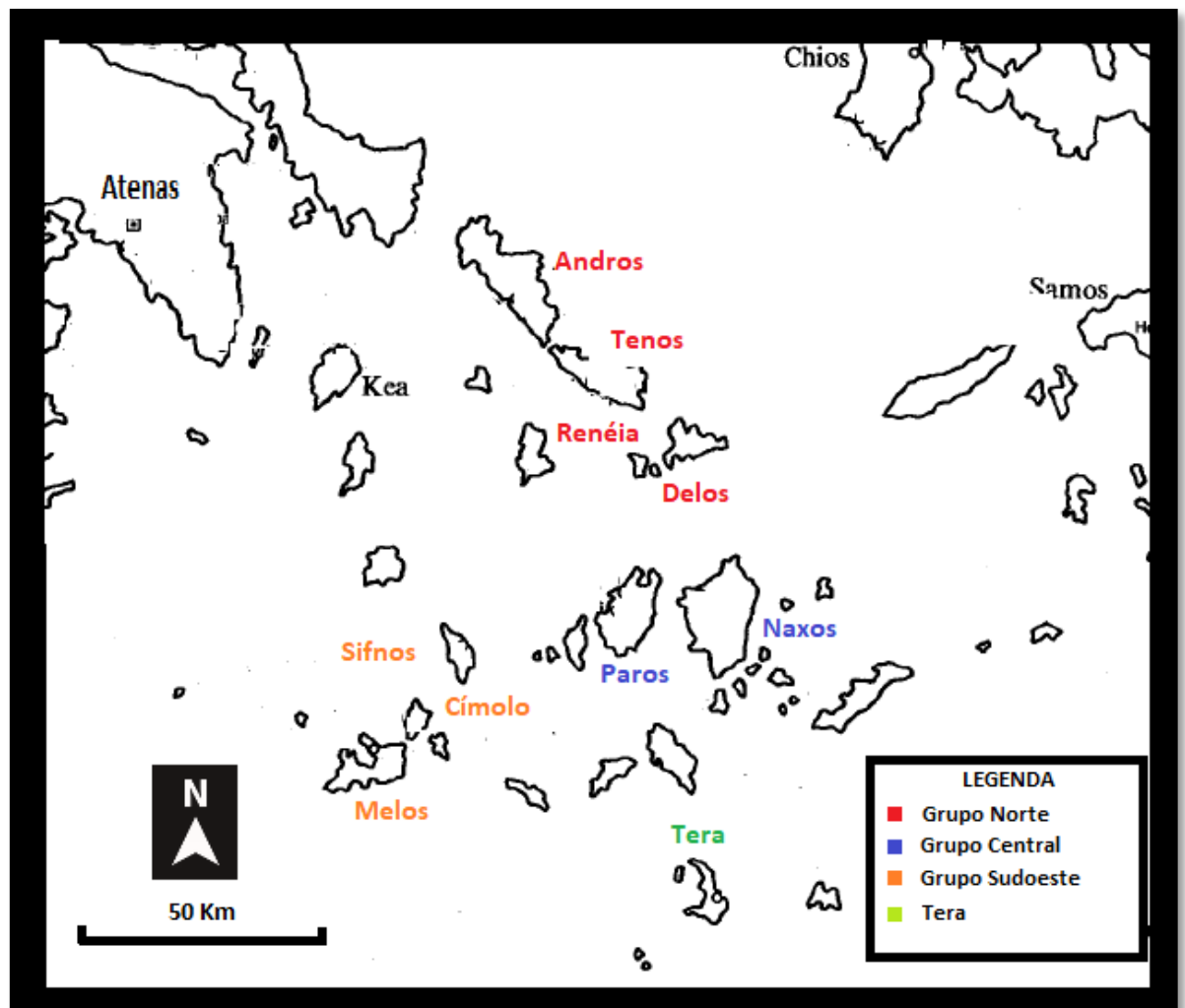
O estilo geométrico das Cíclades, por sua vez, carrega elementos formais e ornamentais variados. Parte dessa diversidade se deve ao fato de que nenhuma ilha exerceu influência hegemônica sobre as outras, nem concentrou as oficinas de produção de cerâmica em si, resultando em diversos centros produtivos e certa variação estilística dentro do arquipélago. Essa diversidade se torna mais notável no final do período - Geométrico Recente (760-700 a.C.) - quando centros produtivos estabelecidos em Melos, Naxos, Paros e Tera passaram a exibir produções com características distintivas entre si (COLDSTREAM, 2008, p. 164; COOK, 1997, p. 30).

Devido à forte semelhança do estilo cicládico com o ático, a cronologia dos vasos do arquipélago pode seguir a divisão tradicional dos vasos áticos em antigo, médio e recente. Como diferencial, há em algumas ilhas das Cíclades, assim como na Eubeia, uma fase subprotogeométrica que pode ser entendida como a manutenção de características da cerâmica protogeométrica mesmo após 900 a.C. (COLDSTREAM, 2008, p. 14). Nem todos os centros produtivos operaram ao mesmo tempo durante a extensão do período - entre 900 e 700 a.C. - e essa constatação somou-se à descentralização da produção para contribuir com a variação interna do estilo Cicládico.

A despeito da heterogeneidade da produção cicládica, Coldstream (2008, p. 164) identificou certa coerência interna ao arquipélago, fazendo com que reconhecesse um estilo próprio, composto de elementos comuns que se alteram ao longo do tempo. No estudo conduzido na presente tese, as características formais, ornamentais e técnicas do estilo cicládico, além das suas mudanças ao longo de todo o Geométrico, serão analisadas na perspectiva dos centros produtivos, detalhadas principalmente no capítulo 3, onde também há uma compilação dessas informações nas tabelas 3 e 4. A parte substancial da caracterização do estilo cicládico advém principalmente de vasos escavados em dez ilhas, divididas por Coldstream (2008, p. 164) em quatro áreas (ver mapa 2):

- a) Grupo Norte, formada por Andros, Tenos, Reneia e Delos;
- b) Grupo Central, formado por Paros e Naxos;
- c) Grupo Sudoeste, formado por Melos, Címolo e Sifnos;
- d) Tera, sendo esta ilha considerada isolada.

Mapa 2 - Agrupamento de ilhas conforme posição geográfica nas Cíclades



Fonte: Coldstream, 2008, p. I. (adaptado).

Isso posto, tem-se que os vasos e fragmentos de vasos de cerâmica, produzidos nas Cíclades, durante o Período Geométrico, são as principais fontes para abordar o problema da localização dos centros produtivos cicládicos, a caracterização de suas respectivas produções, assim como o mapeamento da distribuição dessas produções. O estudo dessa documentação parte do entendimento do processo histórico que estruturou o conhecimento acerca da

cerâmica geométrica das Cíclades. E nesse sentido, a constatação inicial é que a documentação cerâmica foi encontrada em diferentes sítios arqueológicos na região do Egeu, devido à circulação de vasos durante o Período Geométrico. Desse modo, esses vasos eram produzidos, distribuídos e utilizados em seu contexto sistêmico⁸, ou seja, articulados dentro da racionalidade e simbolismos desta sociedade para atender suas demandas.

Contudo, outras sociedades da Antiguidade interferiram nos contextos primários de deposição em sepulturas e em templos geométricos ao conduzirem atividades construtivas. Essa dinâmica se manteve nos séculos imediatamente posteriores ao geométrico, quando esses vasos, encontrados durante trabalhos de restauro e construção de templos, frequentemente foram aproveitados como aterro ou deslocados para outras áreas⁹.

Em um cenário bastante diferente, no final do século XIX, os vasos produzidos há mais de dois milênios foram novamente manuseados, porém no contexto da pesquisa arqueológica, em que estudiosos passaram a classificá-los e interpretar seus contextos de achado. Esse longo caminho indica que, paulatinamente, esses vasos deixaram de circular em qualquer dimensão social, perdendo até mesmo seu sentido de refugio ou restos de algumas gerações anteriores próximas. É esse processo que caracteriza a mudança do contexto sistêmico para o contexto arqueológico¹⁰. Assim, após recuperados do contexto arqueológico, foram arrolados a um novo contexto sistêmico, o da ciência arqueológica, passando a figurar como testemunhos do passado, como fontes arqueológicas. Inaugurava-se, desta forma, a nova conjuntura que envolveria, até o presente, as fontes em questões científicas, políticas e diplomáticas. As relações, tensões e escolhas que se estabeleceram no âmbito acadêmico dos séculos XIX e XX marcariam as classificações da cerâmica geométrica cicládica, a interpretação dos seus contextos de achados e conseqüentemente o conhecimento científico a seu respeito.

Entender o processo de produção, uso, descarte/deposição e estudo das fontes é fundamental para compreender integralmente o debate sobre a cerâmica geométrica cicládica e fazer qualquer inferência sobre o assunto. Nesse sentido, é possível aplicar às balizas geográficas e cronológicas desta pesquisa aquilo que Boardman (2001, p. 8) observa para o estudo da cerâmica grega. Segundo o autor, a tarefa de reconstruir a cadeia de produção e

⁸ O contexto sistêmico pode ser interpretado como o contexto de uso e significado que objetos e espaços tiveram para uma determinada sociedade; o contexto arqueológico é o contexto no qual esses mesmos objetos e espaços foram encontrados por arqueólogos após processos variados ao longo do tempo. Para mais informações sobre a formação do registro arqueológico, ver SCHIFFER, 1976, p. 27-55; 1996, p. 5-11.

⁹ Para um balanço sobre a formação do registro arqueológico em Delos, ver BRISART, 2017, p. 328-337. Mais exemplos podem ser conferidos mais adiante na nota 31.

¹⁰ Cf. nota 7.

circulação da cerâmica na Antiguidade significa, para a Arqueologia Clássica, a possibilidade de extrapolar o conhecimento sobre a aparência física dos vasos para compreender o funcionamento da manufatura, comércio e das relações entre as diversas cidades que as produziram. Isso aplicado aos problemas dessa pesquisa se traduz na busca pelo mapeamento dos locais onde os vasos cicládicos eram produzidos e por onde circularam.

A complexidade em entender esses dois fenômenos reside na maneira como o debate foi estruturado ao longo do tempo. Assim, é necessário analisar a narrativa científica construída sobre as fontes, sobretudo entre o final do século XIX e início do XX, ou seja, desde a descoberta, escavação e tratamento científico do material, para compreender como foi estabelecida e, desta forma, proceder a uma organização e síntese. Na verdade, isso constitui parte do método que tem como objetivo revelar as bases das classificações estabelecidas ao longo de anos nas pesquisas que abordaram os problemas relativos à cerâmica cicládica do Período Geométrico. A justificativa para essa empreitada se encontra na racionalização de que, assim como eventos antigos influenciaram o registro arqueológico, a história recente da Arqueologia influenciou a classificação e interpretação dos vasos. Ambos os processos, somados, constituem o conhecimento disponível sobre o passado, portanto são informações indissociáveis para os objetivos dessa pesquisa.

Devido à grande possibilidade de abordagem e de ramificação que o assunto suscita, optou-se por trabalhar somente com dois conceitos principais: centros produtivos e circulação. No tocante aos centros produtivos, serão consideradas as especificidades formais, ornamentais e técnicas que caracterizam cada produção, assim como a possível localização de cada centro. Em contrapartida, não foram investigadas questões relacionadas à arquitetura e dinâmicas de funcionamento dos mesmos. Quanto à circulação, privilegiou-se seu aspecto mais visível arqueologicamente: a distribuição dos vasos, que pode ser indicativa de contatos entre as regiões produtoras e as consumidoras. Assim, evitaram-se questões mais complexas que demandariam grandes modelos explicativos e investigações mais detidas e direcionadas para os desdobramentos da circulação, como tipos e qualidades dos contatos, além das relações econômicas e políticas entre as regiões envolvidas, o que fugiria do escopo da presente tese. Os métodos que orientaram a investigação consistiram na leitura crítica da literatura sobre a cerâmica geométrica cicládica, sobretudo as publicações dos vasos e fragmentos, a elaboração do banco de dados que permitiram o estudo de caso.

Antes de prosseguir com a apresentação da estrutura textual, faz-se necessário apresentar alguns pormenores sobre o balizamento cronológico adotado, as fontes, métodos, conceitos mobilizados e o arcabouço teórico. Nesse sentido, o Período Geométrico (900-700

a.C.) pode ser definido como uma etapa bastante específica da Idade da Ferro Inicial no Mar Egeu (SABADINI, 2022, p. 12). Tanto a nomenclatura quanto a cronologia deste período são definidas pela cultura-material característica, especificamente a cerâmica, que teve Atenas como berço. Indicativos desse processo são os conjuntos de vasos provenientes dos cemitérios atenienses, bastante informativos sobre a transição estilística direta a partir do estilo anterior, o Protogeométrico (COLDSTREAM, 2008, p. 8-9)¹¹. Em pouco tempo, o novo estilo se espalhou pela Ática, porém em algumas regiões do Egeu, entre elas as ilhas no norte das Cíclades, mantiveram variações da cerâmica protogeométrica por mais de cinquenta anos (COLDSTREAM, 2008, p. 148-157, 327-331). A despeito das permanências locais que podem ser observadas pontualmente em algumas formas e ornamentos do Geométrico Antigo (900-850 a.C.)¹² até o final do século IX a.C., todos os grandes centros do Egeu passaram a produzir cerâmica no estilo Geométrico que, em maior ou menor medida, permaneciam dependentes dos padrões estilísticos em curso na Ática. De fato, a predominância estilística dos artesãos da ática se estendeu até o Geométrico Médio (850-760 a.C.) em outras regiões, como as Cíclades (COLDSTREAM, 2003, p. xxii-xxiii, 2; COLDSTREAM, 2008, p. 8; SABADINI, 2022, p. 12)¹³.

Devido ao fato de que o estilo geométrico derivou do protogeométrico ateniense e foi propagado para as proximidades e para outras regiões, sabe-se da existência de uma sequência cronológica precisa na Ática. Os vestígios dessa transformação foram verificados em Atenas, onde escavações conduzidas sistematicamente na Ágora e no Cerâmico contribuíram para o conhecimento preciso da sequência ática mais que qualquer outra região (LEMOS, 2002, p. 3-26, COLDSTREAM, 2003, p. 2). Consequentemente, a cronologia da cerâmica geométrica produzida na Ática é utilizada como controle e parâmetro de datação da produção de vasos de outras regiões¹⁴. Além disso, a cerâmica decorada com motivos geométricos encontrada pela primeira vez nos cemitérios de Atenas caracterizou a nomenclatura do estilo e suas variações presentes no Egeu durante os três séculos de duração, de 900 a 700 a.C.¹⁵.

¹¹ Para um panorama do Período Protogeométrico, ver a obra de DESBOROUGH, 1964 e de LEMOS, 2002.

¹² As principais formas e ornamentos do Período Geométrico podem ser conferidas na compilação feita por SABADINI, 2016, p. 77-120. De maneira mais completa, os ornamentos presentes na produção geométrica cicládica podem ser consultados em KUNISCH, 1998.

¹³ Para um estudo detalhado das características da cerâmica produzida na Ática entre o final do Período do Bronze (1.100 a.C.) e o final do Período Geométrico (700 a.C.), ver SABADINI, 2016.

¹⁴ Para um índice detalhado dos diferentes tipos de sítios, seja de habitação, santuários ou sepulturas, conferir em Coldstream (2008, p. 484-495).

¹⁵ Para a caracterização da cerâmica do Período Geométrico, ver CONZE, 1870; 1873. Para o desenvolvimento do estilo ático, ver KAHANE, 1940.

À medida que os conjuntos de vasos do Período Geométrico foram estudados e comparados entre si, desenvolveu-se a classificação das formas, técnicas de produção e decorações características de cada região onde esses vestígios foram encontrados, ou seja, ao redor do Egeu. Esta classificação, ao longo do tempo, foi refinada¹⁶. Dentro dessa conjuntura, três pontos, advindos do desenvolvimento do estudo do Período Geométrico, são relevantes. Em primeiro lugar, a cronologia absoluta que, por ser baseada em fatores estilísticos da cerâmica, comporta subdivisões bastante detalhadas que variam conforme a região¹⁷. A cronologia das Cíclades, assim como das outras regiões mencionadas acima, não são correlatas em termos estilísticos, sendo necessária sempre a consulta à cronologia da Ática, conforme supracitado¹⁸. Segundo, as subdivisões cronológicas e estilísticas são resultados de uma produção não uniforme, fruto da existência de diferentes centros produtivos que, provavelmente, estavam localizados em núcleos urbanos. Em terceiro lugar, vasos e fragmentos de vasos do Período Geométrico originários de vários centros produtivos são encontrados em vasta região do Egeu que não eram, necessariamente, os locais onde eram produzidos (COOK, 1997, p. 22-24, 26-30, 32-33, 38; SABADINI, 2022, p. 13).

Isso posto, e segundo a relevância do estudo de Coldstream (2008, p. 302-331), utilizou-se a cronologia da Ática, e das outras regiões propostas pelo autor, para padronizar todas as referências ao Período Geométrico. Assim, a cronologia da Ática foi mantida como a referência principal. Nos casos em que foi necessário lidar com pormenores cronológicos ou estabelecer comparações mais específicas, sobretudo para as Cíclades, as informações foram acrescidas ao texto e podem ser comparadas na tabela 1¹⁹. Embora a cronologia do Período Geométrico seja também assunto de debate, não se insere nos objetivos dessa pesquisa, sendo a proposta de Coldstream uma escolha importante, fruto do extenso trabalho de síntese conduzido pelo autor.

¹⁶ Coldstream (2008, p. 8-301), reconheceu dez estilos locais: ático, coríntio, argivo, tessálio, cicládico e euboico, beócio, lacônico, cretense, da Grécia do Leste e Magna Grécia.

¹⁷ Para a tabela completa, ver ANEXO B – Tabela de comparação cronológica dos estilos de cerâmica do Período Geométrico.

¹⁸ Para visualizar a cronologia comparada das duas regiões, ver ANEXO C - Tabela de comparação cronológica dos estilos de cerâmica do Período Geométrico (destaque para as cronologias da Ática e das Cíclades).

¹⁹ Para uma discussão a respeito das subdivisões e variações regionais, ver Coldstream (2008, p. 302-331) e Dickinson (2006, p. 10-23).

Tabela 1 - Comparação Cronológica.

<u>Cronologia absoluta</u>	<u>Cronologia da Ática</u>	<u>Cronologia das Cíclades</u>
900-875 a.C.	GAI	SubPG
875-850 a.C.	GAI	SubPG
850-800 a.C.	GMI	GM/permanência esquifos SubPG no Grupo Norte
800-760 a.C.	GMI	GM/permanência esquifos SubPG no Grupo Norte
760-750 a.C.	GRIa	GM/permanência esquifos SubPG no Grupo Norte
750-735 a.C.	GRIb	GR – c.p. Meliano GR - c.p.Naxiano GR – c.p. Pariano GM em Tera
735-720 a.C.	GRIIa	GR – c.p. Meliano GR - c.p.Naxiano GR – c.p. Pariano GM em Tera
720-700 a.C.	GRIIb	GR – c.p. Meliano GR - c.p.Naxiano GR – c.p. Pariano GR – c.p. Terano

Fonte: Coldstream, 2008, p. 330.

No tocante às fontes, é preciso destacar alguns pontos sobre a disponibilidade das mesmas. São, em geral, bastante diversas quanto à suas características e também dispersas geograficamente, principalmente se forem consideradas as duas partes complementares do

objeto de pesquisa: a localização dos centros produtivos de cerâmica cicládica, por um lado, e a circulação, especificamente a distribuição, dos vasos produzidos nesses centros, por outro. Assim, tem-se um horizonte arqueológico em que os achados são provenientes de diferentes sítios arqueológicos distribuídos pelo arquipélago, como contextos funerários e de outra natureza em Andros, Ceos, Címolos, Naxos, Melos, Paros, Sifnos, Tenos e Tera (COOK, 1997, p. 30)²⁰.

Nesse horizonte, também estão inclusos os vasos e fragmentos provenientes de Delos e da Fossa da Purificação de Reneia²¹, encontrados em contextos votivos, funerários e talvez de habitações²². A distribuição de vasos nos vários contextos delianos indica demanda para emprego em diferentes tipos de atividades. Estudos prévios (VILLARD, 1993; GAUTIER, 1993; COLDSTREAM, 2008, p. 164-195; COULIÉ, 2007) apontam para origem variada desse material, provavelmente porque Delos já se estabelecia, durante o Período Geométrico, como um ponto importante na circulação de bens, embora os motivos que expliquem a atratividade do local ainda sejam desconhecidos e objeto para pesquisas específicas. Não obstante, o papel que a ilha pode ter desempenhado nessa rede de comunicações coloca os conjuntos de vasos encontrados no solo deliano - e na Fossa da Purificação de Reneia - como um dos mais importantes das Cíclades para se compreender a circulação da cerâmica decorada durante o Período Geométrico²³.

A maior parte dos conjuntos utilizados para as análises nesta tese, inclusive os vasos da Fossa de Purificação de Reneia e boa parte dos vasos de Delos, como especificado adiante, foram acessados por meio das publicações especializadas. Assim, as informações coletadas tiveram que se limitar ao que foi apresentado nos catálogos, relatórios e publicação dos materiais. Quando a qualidade das fotografias ou das informações prestadas permitiram, algumas análises corretivas e/ou atualizações, essas foram feitas. Para os casos em que isso não foi possível, recorreu-se a atualizações feitas em outros estudos e pela comparação entre publicações de diferentes pesquisadores.

²⁰ Os principais sítios arqueológicos cicládicos que contêm material cerâmico do Período Geométrico podem ser conferidos em Coldstream (2008, p. 413-414, 489-490); ANEXO D - Os principais sítios arqueológicos cicládicos que contêm material cerâmico do Período Geométrico; ANEXO E - Os principais sítios arqueológicos cicládicos que contêm material cerâmico do Período Geométrico (suplemento). As informações nestas tabelas versam sobre o local do sítio, o tipo, a publicação em que consta, o museu no qual o material está guardado e a datação do sítio.

²¹ Incorporados, respectivamente, ao Museu Arqueológico de Delos e ao Museu Arqueológico de Míconos.

²² Os vasos encontrados na Fossa da Purificação de Reneia foram transferidos de Delos para a ilha vizinha durante a purificação de Delos em 426-425 a.C.

²³ Esses vasos foram selecionados para o estudo de caso devido à grande variedade de cerâmica geométrica encontrada em Delos que se configura, segundo SARIAN, 1997, p. 66, como um dos achados mais importantes nas Cíclades.

Especificamente para o material proveniente do Heraion de Delos, importante do ponto de vista dos seus contextos arqueológicos e da circulação de vasos nas Cíclades, dados interessantes puderam ser obtidos graças às análises da professora Haiganuch Sarian, que gentilmente disponibilizou parte de seus estudos prévios. Esse conjunto passou por um reconhecimento inicial, análise parcial e sumária *in loco* entre os anos de 2018 e 2019. Também em duas ocasiões, 2017 e 2018, foi possível observar parte do material proveniente da Fossa da Purificação de Reneia, presente na exposição do Museu Arqueológico de Míconos, e em 2018 alguns vasos expostos no Museu Arqueológico de Paros foram observados, embora restrições de acesso e negação de autorizações tenham impedido análises mais detalhadas nas reservas técnicas. Para todos os vasos e fragmentos, incorporados no presente trabalho, nos quais foi possível realizar algum grau de análise, observação e/ou sessão de fotografias, há informações e créditos no trecho do texto em que aparecem.

À medida que esses conjuntos foram estudados por meio dos catálogos, ficaram evidentes as peculiaridades de cada publicação. Assim, foi necessário diferenciar dois tipos de informações. O primeiro tipo são as técnicas, como fotografia e descrição das peças que, apesar de conter elementos interpretativos bastante discretos, configuram uma apresentação bastante aproximada do objeto tal como ele é. O segundo tipo de informação está vinculado à interpretação do autor, buscando atribuir cada vaso ou fragmento a um período, artesão, oficina e centro produtivo. Disso há um padrão em que o primeiro tipo de informação costuma ser mantido a despeito do autor. Apesar de existirem pequenas variações na nomenclatura das cores, das formas ou na face escolhida para fotografar o vaso, elas são raras e, na maioria dos casos, os termos são equivalentes ou muito próximos. O segundo tipo de informação varia com maior frequência de autor para autor, principalmente no tocante à localização e nomenclatura de cada centro produtivo, principalmente porque incorporam o conhecimento do período e das fontes então disponíveis. Pode-se dizer, portanto, que os primeiros tipos de informações são as fontes primárias dessa pesquisa, ao passo que o segundo tipo constitui as fontes secundárias a partir das quais se estabeleceu o debate e o conhecimento sobre a cerâmica geométrica cicládica.

O primeiro passo na organização da documentação, e da pesquisa, foi confrontar as diversas fontes secundárias de modo a reconstituir o histórico do debate e sintetizá-lo. Essa primeira etapa forneceu o conhecimento de base sobre os critérios de classificação, interpretações e hipóteses levantadas pelos principais pesquisadores. Em seguida, a partir desse conhecimento, foi possível questionar as fontes primárias.

Paralelo ao estudo das fontes, é essencial especificar os principais conceitos mobilizados nessa pesquisa. Centros produtivos e circulação são os conceitos mais importantes por se relacionarem diretamente ao objeto da pesquisa, seguidos de conceitos subsidiários que ajudam na delimitação e especificação do estudo. A literatura especializada sobre a cerâmica do Período Geométrico apresenta com frequência conceitos como centros produtivos, produção e circulação de vasos, além de conceitos equivalentes ou alternativos a esses. Ainda que isso seja esperado, na maioria dos casos não há o cuidado em definir e precisar esses conceitos. Ademais, quando existem, as explicações são indiretas, empregando termos e conceitos que variam segundo as preferências dos autores, tornando a busca pelo sentido em cada publicação uma atividade hermenêutica e, portanto, passível de agrupamento e síntese. Visando a precisão das categorias centro produtivo, produção e circulação, uma série de nomenclaturas, termos e conceitos empregados de maneira menos sistemática pela literatura especializada foi sintetizada para esse fim. O objetivo não foi elaborar uma proposta definitiva de direcionamento conceitual e terminológico para o debate tão amplo, mas padronizar o uso dos conceitos que são utilizados no presente estudo.

A produção é um conceito secundário, porém importante nesse sentido, pois ajuda a definir o centro produtivo e a circulação. Assim sendo, a produção de vasos é o resultado das atividades realizadas nos centros produtivos, é ela que vai circular no processo de transporte, resultando na sua distribuição em várias unidades insulares. Portanto, a produção é subentendida como a atividade principal dos centros produtivos: os conjuntos de vasos constituem a produção de um centro produtivo de cerâmica. Por outro lado, é essa mesma produção que será enviada para outras áreas, ela vai circular por regiões próximas e mais distantes, a depender do contexto.

No sentido acima apresentado, a produção é importante para estabelecer a caracterização do centro produtivo. Este último é entendido como a unidade responsável por ter confeccionado, em um espaço temporal e geográfico, os vasos de cerâmica, sua produção. Também é importante adiantar a relação da produção com a circulação ao defini-la também como uma etapa do processo mais amplo que tem por finalidade o abastecimento de um mercado consumidor. Em outras palavras, toda produção circula por determinadas rotas até chegar ao consumidor final.

Nessa esteira, circulação pode ser definida como ações de deslocamento contínuo e distribuição de produtos. Também contempla a ideia de que indivíduos, técnicas e ideias, inclusive aquelas ligadas à produção de vasos, também acabavam por se deslocar, ou ser deslocadas nesse processo. De modo geral, a circulação, no contexto desta pesquisa, é um

conceito que se vincula ao centro produtivo e à produção ao transmitir a ideia de distribuição dos vasos de cerâmica confeccionados nos centros produtivos das Cíclades. O fluxo desses vasos só ocorre pela atividade de indivíduos, envolvidos nas várias e diferentes etapas desse processo, seja para transportar os vasos, para fabricá-los ou vendê-los. Entretanto, o foco dessa pesquisa é no mapeamento da distribuição, e não na compreensão das várias etapas e agentes da circulação.

Centro produtivo refere-se a um local não especificado geograficamente, a menos que seja acompanhado de uma respectiva nomenclatura ou explicação, em que as atividades de produção de cerâmica são conduzidas. Acrescenta-se o fato de que a maior parte dos centros produtivos referidos na tese eram cicládicos, entretanto as localizações exatas serão debatidas ao longo do texto. Se o conceito de centro produtivo é, por um lado, bastante objetivo, por outro se reveste de uma natureza abstrata, particularmente no tocante à sua materialidade, ou seja, suas características arquitetônicas, funcionamento e, o mais importante, onde estavam localizados. A definição de Anne Coulié (2013, p. 15 e 16) é a mais importante nesse sentido, segundo a qual os centros produtivos se definem pelas suas produções, devido à ausência de estruturas arquitetônicas.

A despeito da definição da autora ser bastante clara e objetiva, o que é chamado de centro produtivo é muitas vezes o resultado de uma centralização de várias oficinas que mantinham um tipo de produção semelhante. Em uma explicação alternativa, algumas ilhas poderiam possuir várias oficinas cujas produções eram próximas em termos estilísticos, o que resultaria em pensar a ilha como sendo o centro produtivo de cerâmica. Outra possibilidade era ainda que oficinas com produções semelhantes podiam estar distribuídas em mais de uma ilha, criando um centro produtivo regional. Neste último caso, o que daria unidade ao centro produtivo seriam características formais e ornamentais semelhantes de oficinais que estariam próximas estilisticamente, podendo ou não estarem próximas em termos geográficos. Um exemplo dessa possibilidade é o centro produtivo Tessalo-Cicládico do Geométrico Antigo - que esteve em atividade entre o final do século X a.C. e início do século IX a.C., aparentemente composto de mais de uma oficina que apesar de produzirem vasos semelhantes do ponto de vista formal, ornamental e estilístico, estavam dispersas em uma região que abrangia o grupo norte das Cíclades e a Tessália²⁴, sem aparente centralização. Esses exemplos reforçam uma tendência observada no posicionamento da bibliografia quanto à

²⁴ Cf. mapa 2 e mapa 4.

caracterização dos centros produtivos: a ausência de um modelo específico que explique todos os casos cicládicos do Período Geométrico.

Os conceitos centrais guiaram a escolha do arcabouço teórico da pesquisa, e podem ser aplicados a uma gama de objetos, entre os quais destaca-se a cerâmica. Somando-se aos conceitos e às fontes, estão o recorte cronológico e o geográfico. Todos esses elementos formam o balizamento da pesquisa, abrindo, do ponto de vista teórico, possibilidades de leituras. Portanto, as balizas destacadas ganham também sua perspectiva teórica que ainda requer um detalhamento quanto à circulação. A explicação para o grande volume de informações, objetos e indivíduos circulando por essa região marítima talvez seja atemporal se for destacado que os sistemas que ali se desenvolveram, em diferentes períodos, apresentavam como denominador comum o fato de se estruturarem em função de sua posição geográfica. Assim, a experiência de trocas no Egeu, e sobretudo nas Cíclades, remontam a milênios

No sentido acima exposto, Lucien Faugères (2008, p. 1-2) propõe pensar nessa área como uma composição básica da trilogia mediterrânica, repleta de elementos naturais, contrastantes, porém complementares, e humanos – também plural - interagindo em escala milenar. O mar, centralmente posicionado no espaço egeano e na vida dos habitantes, facilitador das viagens, contatos, pesca e comércio. As planícies para a construção de cidades e vilarejos. E as montanhas, preferidas de pastores, lenhadores e fugitivos. Emerge, segundo essa interpretação (ibidem, p. 4), a unidade cultural e natural, um universo com mar central capaz de separar, assim como de unir, suas partes.

Segundo Colin Renfrew (1972, p. 196-217), durante todo o III milênio a.C. as ilhas cicládicas, devido à posição na região central do Mar Egeu, ofereciam uma ponte natural de conexão entre o Sul da Grécia Continental, Creta, Tessália, Macedônia e Anatólia. Essa afirmação é sustentada por paralelos nas sequências culturais de sítios nessas regiões. Tais paralelos são geralmente estabelecidos pela recorrência de similaridade entre os objetos, o que é interpretado como indicativos de contatos e, em alguns casos, importações de artefatos. Esses indícios são diferentes estilos de cerâmica, estatuetas de mármore, vasos talhados em pedra, pilões de pedra objetos de metal, como adagas, alfinetes e pinças, mas também podem ser técnicas de fortificação, o conhecimento comum de metalurgia ou mesmo padrão de produção das estatuetas de mármore, embora com diferentes materiais ou variando a técnica²⁵.

²⁵ Para mais detalhes sobre o padrão de produção de estatuetas de mármore durante o Período do Bronze Antigo nas Cíclades, conferir em DOUMAS e MERTENS, 2002; SABADINI, 2019, p. 135-155.

Georgia Kourtesi-Philippakis (2008, p. 52-53) sugere que essa relação do homem com o mar na Península Balcânica possa ser ainda mais antiga, ter ocorrido já no Paleolítico Superior (38.000 – 10.000 AP), mais precisamente desde o Aurignaciano (36.000 – 28.000 AP)²⁶ quando sítios litorâneos começaram a aparecer, possivelmente associados à exploração sazonal de recursos marinhos por populações de caçadores-coletores, conferindo uma nova dimensão ao modo de vida que então era exclusivamente continental.²⁷

Os indícios e apontamentos feitos pela autora (KOURTESSI-PHILIPPAKIS, p. 52-53) demonstram que estava em curso a aproximação das comunidades pré-históricas com o mar e, em um segundo momento, essas comunidades passaram a explorar as águas marinhas. Alguns achados bem pontuais da obsidiana de Melos – na Caverna Franchthi, no Peloponeso e em Klissoura, Macedônia Ocidental - datam de entre 9.000 e 7.000 a.C., período caracterizado pela diversificação da economia quando, ao lado da caça, a coleta de vegetais e a de moluscos passam a ter papel importante. A pesca também se apresenta como uma atividade importante, operando, em conjunto com os outros fatores econômicos, uma abertura ao mar. É provável que, em função desse movimento, algumas ilhas egeias tenham sido ocupadas entre 9.000 e 8.500 a.C. (KOURTESSI-PHILIPPAKIS, In: TREUIL et al, 2008, p. 54-55).

Na visão de Renfrew (1972, p. 201, 354, 442-444), as evidências mais sólidas e antigas de circulação de objetos nessa região remontam ao Neolítico, como indicam alguns paralelos existentes entre as estatuetas esquemáticas do Neolítico de Creta e de Saliagos²⁸. São de grande importância os achados de obsidiana de Melos que agora se encontram mais difundidos em várias localidades ao redor do Egeu (ver mapa 3): anteriores a 6500 a.C. na Caverna Franchthi - sudeste da Argólida, nos níveis mais antigos de Cnossos que datam de 6000 a.C., na camada pré-ceramista da ocupação neolítica de Argissa, na Tessália, e algumas lascas do nível neolítico antigo de Nea Nikomedeia, na Macedônia Central. Parte dessas amostras foi, segundo Renfrew, Can e Dixon (1965, apud RENFREW, 1972, p. 442), submetida a análises físico-químicas²⁹ que resultou na constatação de que a quase totalidade presente em contextos neolíticos do Egeu são provenientes de Melos. Essa distribuição do material vulcânico meliano, segundo o autor, leva a crer que era possível se movimentar por

²⁶ A sigla AP (antes do presente) é uma medida de tempo que tem como base o ano de 1950. É utilizada para datas bastante recuadas.

²⁷ A autora levanta a possibilidade da ocorrência dos sítios litorâneos, justificando que eles provavelmente existiram, mas foram submersos com a subida do nível do mar por volta de 18.000 AP, tornando os vestígios inacessíveis.

²⁸ Os exemplos e as indicações dos locais onde foram encontrados, bem como os paralelos são bastante complexos e minuciosamente explicados por Renfrew, podendo ser conferidas com mais atenção nas páginas citadas da referida obra.

²⁹ Sobre o potencial e aplicabilidade das análises físico-químicas, ver SARIAN, 1997.

rotas marítimas do Continente para as Cíclades, provavelmente fazendo paradas de ilha em ilha, uma vez que se evitava navegar em mar aberto ou cobrir longas distâncias de uma só vez³⁰.

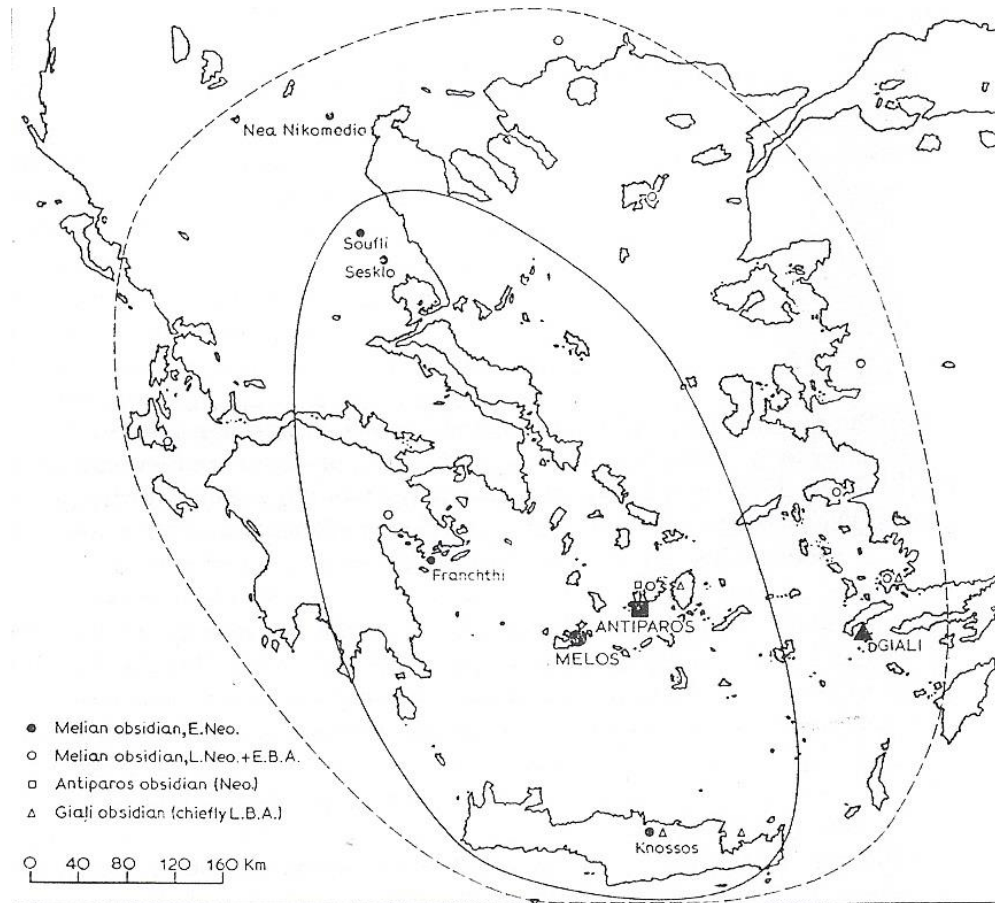
Durante o Neolítico a maioria dos materiais usados para a fabricação de utensílios e uso no cotidiano era conseguida localmente ou nas proximidades. Certos materiais mais específicos, como corante de minerais e algumas rochas para diversas confecções, eram mais raros e adquiridos em locais mais distantes: pedras para polimento de Naxos que circulavam em Saliagos, sílex da Tessália e da Bulgária circulando em áreas dos Bálcãs, e a já mencionada obsidiana de Melos ou dos Cárpatos. Ao lado das matérias-primas, houve também a circulação de cerâmica que pode ser identificada pela semelhança entre os vasos de uma região com outra, embora muitas vezes essa semelhança não signifique a troca do objeto propriamente dito, mas a transmissão de técnicas e ideias (TREUIL, 2008, p. 87-88, 97).

É possível que análoga à circulação de obsidiana, a pesca do atum em áreas próximas da costa já estivesse sendo praticada com o auxílio de botes quando os primeiros barcos pequenos, mas capazes de navegar em alto mar, foram produzidos. Contudo, a grande mudança tecnológica que de fato alterou a capacidade de comunicação e acesso entre as regiões do Egeu ocorreu durante o 3º milênio a.C. com o surgimento do barco longo a remo, uma construção que necessitava de bom conhecimento técnico, além de ferramentas de bronze para a obtenção e entalhe da madeira adequada. A nova embarcação, associada a outros desenvolvimentos como técnicas de navegação, ferramentas e conhecimento da região, facilitaram os deslocamentos fazendo com que na transição entre o Neolítico e o Período do Bronze, a distribuição da obsidiana de Melos se estendesse para as Ilhas Jônicas e as ilhas a leste do Egeu (RENFREW, 1972, p. 270, 355-358, 449)³¹.

³⁰ Segundo o autor, não há evidências de ocupação na ilha de Melos durante o início do Neolítico, embora os vestígios apontem indícios de forte extração de obsidiana do Neolítico ao Período do Bronze. É provável que a ilha foi utilizada apenas para a extração de matéria-prima por habitantes das Cíclades, Creta e leste da Península Balcânica (sul da Tessália).

³¹ Os outros materiais são mais difíceis de serem analisados uma vez que não passaram por análises físico-químicas para detecção de proveniência. Além disso, as correlações e atribuições de contatos são baseadas apenas em similaridades dos objetos. A quantidade de paralelos e similaridades pode ser conferida no capítulo 13 da obra de Renfrew (1972, p. 196-221).

Mapa 3 - Circulação da obsidiana extraída de Melos e de Antiparos durante o Neolítico e Período do Bronze.



Fonte: RENFREW, 1972, p. 443, fig. 20.1.

À medida que avança o Período do Bronze, a tecnologia de transporte marítimo se desenvolve e os contatos se intensificam entre as áreas com fácil acesso ao mar. É oportuno mencionar que, embora o Neolítico e o Período do Bronze estejam fora do escopo da presente pesquisa, a constatação desses processos evidencia que já havia um sistema de trocas entre as regiões do Egeu, que tinha como ponto de destaque as Cíclades. A presença da obsidiana de Melos em Creta, na Argólida e mesmo na porção norte da Península Balcânica é o conjunto de dados mais reveladores da qualidade e existência de trocas em datas tão recuadas, servindo de base para a investigação de processos semelhantes que ocorreram em períodos posteriores.

A leitura teórica da circulação no Período Geométrico pode partir da hipótese de que predominantemente não havia rotas diretas entre os centros produtivos e os consumidores

específicos da cerâmica, mas redes de trocas indiretas ativas que favoreciam a circulação desses vasos em área tão ampla do Egeu ³². Ainda que o descarte ou deposição tenham marcado a saída desses vasos do contexto sistêmico, um longo processo conduzido por fatores humanos e não humanos ao longo do tempo pode ter modificado a disposição e relação entre os objetos, resultando na formação do registro arqueológico. Isso significa que ao longo do tempo um determinado contexto cicládico do Período Geométrico pode ter sofrido alterações ocasionadas por uma série de fatores, entre eles obras relacionadas a construções ou mesmo rituais religiosos, conforme apontado anteriormente ³³.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente - pelas características das fontes - que o problema do dossiê cicládico deveria ser explorado de modo a caracterizar os centros produtivos em operação nas Cíclades e mapear a distribuição da produção desses centros pelas unidades do arquipélago. Qualquer tentativa de estimar volume de exportação e importação ou outro tipo de quantificação esbarraria no caráter lacunar das fontes arqueológicas. Primeiro, porque o registro arqueológico difere bastante do contexto sistêmico, representando somente alguns indícios do que de fato foi esse sistema de produção e trocas no arquipélago. Em segundo lugar, porque esses contatos não eram constantes e nem diretos, conforme apontam Cook (1997, p. 259-261, 264) e Dickinson (2006, p. 200-201), portanto difíceis de detectar no cenário arqueológico.

Se as diferenças estilísticas entre as produções dos centros, assim como a circulação dos vasos, obedeciam a questões políticas, econômicas ou geográficas, é uma questão complexa para ser respondida no estágio atual de conhecimento. Entretanto, partir do agrupamento dos vasos e fragmentos, chegando a uma localização aproximada de onde foram produzidos e mapear a distribuição dessas produções nas Cíclades, é algo factível. Via de regra, todo local onde a cerâmica geométrica foi encontrada podia ser um centro produtivo ou apenas um local consumidor. Ademais, existe uma relação causal entre centro produtivo,

³² Exceção a esse padrão são as ânforas encontradas no Poliandron de Paros. Ao que tudo indica, esses vasos foram produzidos localmente para deposição em uma sepultura coletiva na ilha de Paros. Análises estilísticas e técnicas confirmam a origem local, ao passo que o estudo das formas, da decoração e dos restos esqueléticos indicam a função funerária: as imagens nos vasos mesclaram cenas de funerais e combates entre vários indivíduos. Para informações detalhadas, ver AGELARAKIS, 2018; COLDSTREAM, 2008, p. 468-469; COULIÉ, 2013, p. 98-104; ZAPHIROPOULOU 1994; 1999; 2006.

³³ Essas modificações somatórias que caracterizam o registro arqueológico são comuns. Relativo à cerâmica geométrica cicládica, a ilha de Delos possui exemplos interessantes de processos ocorridos após a deposição de vasos durante o Período Geométrico, como as purificação da ilha nos séculos VI e V a.C., a construção de estruturas mais recentes na região do Santuário de Apolo onde havia anteriormente material geométrico e, por último, o templo I do Heraion – datado da segunda metade do século VIII a.C. devido a sua associação à cerâmica geométrica - que foi sobreposto pela construção do templo II entre 475 e 450 a.C. Para detalhes dos respectivos exemplos citados, ver BRUNEAU; DUCAT, 1983, p. 20-21, 265-268; BRISART, 2017, p. 330-337; SARIAN, 2000, p. 333; 2008, p. 9.

produção e circulação, ou seja, assumir a ocorrência de um desses elementos em um dado contexto regional implica a existência dos outros dois.

Coldstream (1983) tentou responder a essa relação demonstrando a existência de uma correlação entre a emergência de núcleos urbanos e a diferenciação dos estilos de cerâmica geométrica durante o século VIII a.C. O autor explica que a melhoria da comunicação durante o século VIII a.C.³⁴ não contribuiu, como se pensava, para a padronização das produções, e sim para a proliferação dos estilos³⁵. Portanto, há, nesta maneira de encarar o processo, um desenvolvimento generalizado de produções locais³⁶ no Egeu, principalmente na segunda metade do século VIII a.C., que agia contra a tendência imposta pela ampliação das redes de contatos e consequentemente da circulação: ao invés da homogeneidade estilística, intensificou-se a diversidade atrelada ao crescimento de cidades-estado autônomas³⁷.

A proposição de Coldstream (1983, p. 24) é baseada em um padrão geral de desenvolvimento para o Egeu, além de vincular a ideia de que os estilos mais originais – assim referidos pelo autor – desenvolveram-se na Ática, Corinto e Argólida³⁸. A originalidade desses estilos, para Coldstream, se confunde com a ideia de uma produção centralizada, de origem local e mais homogênea, portanto sólida do ponto de vista de sua origem, diferente de outros estilos, como o cicládico, que no entendimento do autor, eram compostos de empréstimo de outras regiões.

³⁴ Essa melhoria se refere ao contexto de retração e diminuição de contatos, que ocorreu durante o final do Período do Bronze, logo após o colapso do sistema palacial micênico, e início da Idade do Ferro. Para uma síntese da circulação de natureza variada no Egeu desde o Período do Bronze Antigo até o Geométrico, ver Dickinson, 2006, p. 196-218.

³⁵ A explicação para esse fenômeno era feita por meio de premissas baseadas em questões geográficas: quanto mais isolada uma localidade, mais específico e diferenciado seria um estilo; quanto mais uma região estivesse em contato com outras, por meio de contatos, haveria a facilitação de trocas de informações relacionadas à produção e, consequentemente, os estilos tenderiam a ser mais homogêneos, padronizados em função de uma experiência comum.

³⁶ Para a classificação dos estilos regionais do Período Geométrico, ver COLDSTREAM, 2008.

³⁷ Para uma visão geral sobre o padrão de assentamentos urbanos no início da Idade do Ferro, ver DICKINSON, 2006, p. 84-93. Irene Lemos (2006, p. 505-529), apresenta uma visão interessante sobre a formação de dois núcleos urbanos, Atenas e Lefkandi, desde o Período do Bronze até o início da Idade do Ferro. Enquanto Atenas se torna uma pólis arcaica, Lefkandi não segue o mesmo desenvolvimento e embora possuísse indícios de riqueza e poder local, perde sua proeminência para Erétria ao longo o Período Geométrico. Nas Cíclades, o exemplo mais marcante que indica uma ligação interessante entre o surgimento de um centro produtivo concomitante com um núcleo urbano é Paros. A ilha possuía no século VII a.C. uma pólis, contudo vasos geométricos produzidos localmente foram encontrados em grande quantidade em uma necrópole local (Poliandrión) cuja datação mais antiga é do final do Século VIII a.C. Esta sepultura coletiva ilustra a existência de funerais públicos em Paros já no final do Geométrico. Cf. COULIÉ, 2013, p. 99-104. Exceção a esses exemplos é o caso de Cálcis que, embora tenha se tornado um centro com forte poder econômico, não possuía produção expressiva de cerâmica, ver mais adiante a nota 50.

³⁸ Na seqüência viriam a Eubeia e a Lacônia. As Cíclades, objeto deste estudo, viriam na terceira posição em escala de pureza e originalidade, ao lado de Creta e Grécia do Leste. Cf. Coldstream, 1983, p. 24.

Cada um desses estilos sólidos era proveniente de um centro produtivo³⁹ associado a um centro urbano autônomo. Por outro lado, os estilos com menor uniformidade eram derivados dos mais sólidos. O contexto teórico mais amplo desse fenômeno durante o século VIII a.C. aponta para o fato de que o crescimento e consolidação de cidades-estado autônomas resultaram na maior diversificação de estilos, sendo que cada pólis possuía o seu, uma visão centrada na questão política.

Ademais, Coldstream (1983, p. 24) sustenta sua posição na projeção que Snodgrass (1980, fig. 9) faz sobre a abrangência do sistema de pólis arcaica que englobava a Ática, Eubeia, Calcídica, costa da Ásia Menor, Creta e todas as outras ilhas Egeias, Lacônia com Messênia, Argólida, Corínto, Sicião, e as ilhas Jônicas. Utilizando esse modelo e comparando com o século VIII a.C., Coldstream vê uma correlação entre essa malha urbana arcaica e os locais onde se desenvolveram os estilos que ele considera mais uniformes durante o Geométrico Recente, cada um destes irradiando a partir de um único centro urbano. Coulié (2007, p. 53) retoma a questão dando maior ênfase ao papel da cidade em várias dimensões: “La cité ne se réduit pas au sens étroitement institutionnel du politique; elle est aussi le cadre dans lequel se développent les activités économiques, artisanales et artistiques. »⁴⁰. Em outras palavras, a cidade é o grande catalisador onde se desenvolvem as atividades que favorecem as relações de aprendizado, produção e circulação de produtos, como a cerâmica.

Mesmo considerando o fator urbano, os dados para compreender as dinâmicas de produção e circulação de vasos durante o período Geométrico são exíguos, principalmente se considerar somente as Cíclades. Contudo, se o contexto espacial e temporal for ampliado na tentativa de encontrar generalizações aplicáveis ao problema desta pesquisa, é possível filtrar algumas informações que possam servir como interpolações ou, ao menos, como inferências. A síntese de Cook (1997, p. 259-261, 264) sobre as escavações no Bairro Ceramista de Corínto e no Cerâmico de Atenas pode ser útil a essa finalidade⁴¹. Nesses dois casos, embora as oficinas não sejam do Período Geométrico, é notável o quão atrelado ao contexto urbano estava o ofício de ceramista, uma vez que os artesãos tinham suas oficinas concentradas em

³⁹ Nesse sentido, é possível pensar que os estilos uniformes são resultado de uma única produção, portanto proveniente de um único centro. Entretanto, Coldstream (1983, p. 25) enfatiza que somente a Ática, Corínto e, possivelmente, a Lacônia tiveram um estilo desenvolvido em um único centro urbano. Isso leva a crer que outras regiões poderiam ter mais de um centro produtivo atuando.

⁴⁰ “A cidade não pode ser reduzida ao sentido estritamente institucional do político; ela é também o lugar onde se desenvolvem as atividades econômicas, artesanais e artísticas (tradução livre)”.

⁴¹ As publicações do Cerâmico de Atenas e do Bairro Ceramista de Corínto que apresentam material Geométrico são, respectivamente, KRAIKER; KÜBLER, 1939; KÜBLER, 1943; 1954; 1959 e WEINBERG, 1943; BLEGEN; PALMER; YOUNG, 1964.

uma área da cidade que produziam outros objetos além dos vasos decorados, como cerâmica comum/utilitária, placas e estatuetas.

Estilisticamente é possível perceber trocas entre os estilos, embora seja difícil afirmar o deslocamento de artesãos, exceto em alguns casos de séculos posteriores ao VIII a.C. Além disso, a movimentação de artesãos, seja em qualquer período, parece ter sido motivada por eventos pontuais⁴² e distintos da circulação comercial dos vasos, tendo em vista a posição de Cook (1997, p. 259-261, 264) de que padrão da produção de vasos gregos dificilmente sinaliza para o envolvimento direto do artesão no comércio de longa distância. É mais provável que os vasos fossem vendidos nas oficinas para compradores locais e para mercadores que repassavam a outros mercadores, ou seja, de maneira indireta. Estes últimos poderiam distribuir por rotas terrestres ou marítimas. As conexões entre artesãos e mercadores não operavam, salvo exceções, com regularidade, uma vez que o comércio de vasos não era totalmente organizado e correspondia a uma parte diminuta e inconstante das trocas (COOK, 1997, p. 259-261, 264; DICKINSON, 2006, p. 200-201)⁴³.

Dickinson (2006, p. 196-218) destaca a natureza indireta do comércio no Egeu, conduzido por mercadores que transportavam mercadorias de origens diversas⁴⁴, como uma característica que surge no contexto do colapso do sistema palacial micênico e se prolonga ao longo do Geométrico. Nesse sentido, os artefatos e produtos manufaturados figuram como o tipo de evidência mais tangível e datável dessa circulação. Os vasos e fragmentos de cerâmica são as evidências mais fáceis de detectar o local de origem por meio da análise da forma e da decoração. Dickinson é cauteloso em relação a esse ponto. O autor afirma que a presença e a quantidade de cerâmica em determinado sítio não é, isolada da análise particular de cada caso, uma fonte fidedigna para estimar o grau ativo de participação de uma comunidade específica ou de contatos diretos e regulares⁴⁵. No máximo, indicam apenas a existência de uma rede de trocas e atividades por mar que não conectavam diretamente e necessariamente todos os pontos/nós, sendo algumas vezes regulares, outras oportunas. Assim, Dickinson não rejeita a tese do “renascimento” do Século VIII a.C., defendida por Coldstream, mas acredita que esse processo foi apenas uma intensificação de contatos já atuantes. Se resumidas essas posições, temos uma simplificação bastante clara e útil apontada anteriormente: todo local de achado de determinada produção é o próprio centro produtivo ou uma região consumidora. A escolha

⁴² Sobre o deslocamento de artesãos e mudanças na demanda por vasos decorados, ver ARNOLD, 1989, p. 127-166.

⁴³ Cook acrescenta que em certos casos pode ter existido comércio direto entre dois locais, p. 264.

⁴⁴ O autor afirma isso com base em naufrágios, Cf. DICKINSON, 2006, p. 200.

⁴⁵ Cf. DICKINSON, 2006, p 200-215, 217 para alguns exemplos.

entre uma das duas opções vai recair sobre a análises dos contextos de achados e do debate acadêmico.

Não obstante, a busca por modelos explicativos que abarquem o contexto mais amplo de produção e circulação de vasos durante o Período Geométrico nas Cíclades não é uma inquietação recente. Desde a segunda metade do século XIX, e ao longo do século XX, a questão das localizações dos centros produtivos foi central no estudo ceramológico relativo ao Geométrico cicládico (COULIÉ, 2007, p. 54). De fato, a busca pela origem dos vasos parece ter movido a bibliografia especializada e subsidiado o estudo de elementos indispensáveis ao tema, como centros produtivos, produção e circulação. O arqueólogo francês Charles Dugas foi um dos primeiros pesquisadores a sistematizar um quadro explicativo para as produções cicládicas. O autor (1925, p. 138-139, 155-156) destaca que a produção do arquipélago não estava concentrada em um único ponto. A importância desta questão é central para a elaboração de uma explicação, visto que a resposta implica identificar um padrão de centralização ou, em via oposta, o de descentralização na produção de cerâmica. Desta forma, Dugas já levantava, mesmo que indiretamente, a questão da descentralização e consequente diferenciação das produções que, décadas depois, conforme exposto acima, Coldstream retomaria de maneira mais aprofundada.

Sem modelos teóricos elaborados, Dugas construiu suas inferências a partir dos indícios materiais – cerâmica - que dispunha, em sua maioria, de Tera⁴⁶ e de Delos. Por meio de características da cerâmica e dos contextos de achado, chegou a hipóteses sobre a localização dos centros produtivos e a circulação da produção⁴⁷. Em nível mais geral, está implícita uma resposta em favor da descentralização da produção. Assim, o surgimento de núcleos urbanos e de produções autônomas resultou do restabelecimento das comunicações no

⁴⁶ Cf. DRAGENDORFF, 1903; PFUHL, 1903.

⁴⁷ Vale destacar que desde esses anos iniciais da investigação sobre a cerâmica cicládica, estabelece-se uma forte relação entre a classificação das produções, seus locais de achado (proveniência) e seus centros de produção. Em outras palavras, Dugas já estabelecia no seio de suas análises a relação entre produção, circulação e centro produtivo que resultaria nas interpretações que o mesmo fez a respeito da conjuntura social e econômica das Cíclades.

Egeu durante os séculos que se seguiram ao colapso do sistema palacial micênico⁴⁸ até um restabelecimento pleno no século VIII a.C. (DUGAS, 1925, p. 108-110).⁴⁹

O processo de descentralização, segundo o autor, ocorreu paralelo ao momento em que o tráfico de natureza variada se torna mais forte, fenômeno que Coldstream (1983, p. 17-19, 24) destacaria mais tarde como “paradoxal”. Assim, Dugas (1925, p. 109) notou que o arquipélago teve pouco destaque, em um primeiro momento, na fundação de colônias e na influência externa justamente porque não havia nesta região nenhuma cidade forte suficiente para levar a cabo empresa tão grande, além de que nenhuma das ilhas era capaz de exercer proeminência sobre todo o arquipélago, não existindo, portanto, um centro econômico e político soberano. Cálcis, na Eubeia, era o centro econômico e comercial que exercia maior influência no arquipélago⁵⁰, porém a produção de cerâmica parecia obedecer a outra lógica.

Um detalhe a se notar é que a descentralização política e econômica das Cíclades, nos moldes apresentados por Dugas (1925, p. 109), pode sugerir falsa divergência com a proposição de Coldstream (1983, p. 17-19, 24), para o qual a existência de um centro produtivo independente estava associada a um núcleo urbano ao menos em formação. Entretanto, Dugas não descarta a existência de cidades menores nas Cíclades, pelo menos até o século VIII a.C. que poderiam ser interpretadas como produtoras de cerâmica local, e que Cálcis, apesar de sua pujança econômica, não se desenvolveu enquanto centro produtivo importante de cerâmica.

Ademais, o exemplo do centro produtivo Tessalo-Cicládico, citado anteriormente, coloca peso à tese de que pequenas comunidades poderiam ter suas próprias produções que operavam com base em alguns preceitos regionais. Sem dúvida, a presença da cerâmica cicládica em sítios do próprio arquipélago, praticamente em todas as ilhas, e também em sítios arqueológicos de outras regiões⁵¹, chama a atenção para o fato de que a cerâmica Geométrica

⁴⁸ Sobre o colapso do sistema palacial micênico, ver BROODBANK, 2014, p. 54-55; DARCQUE, 2008, p. 377-383; DESBOROUGH, 1964, *passim*; 1975; DICKINSON, 2006, p. 41-57, 196; MONZANI, 2013, p. 7-11; 2019, p. 35-37; 2013 p. 7-11; MOUNTJOY, 2001, p. 21-22; TAYLOUR, 1970, *passim*.

⁴⁹ Para a classificação das produções cicládicas, Dugas parece se basear em conceitos de difusão de formas, motivos e técnicas que explicariam, em certa medida, as trocas e influências entre as regiões. Ao longo dos capítulos, fica evidente o peso maior que a decoração recebe na formulação dessas hipóteses de influência, Cf. (p. 114-115, 120, 127-129, 132-134, 136-139, 142-154. De certa forma, isso explica a circulação de produções, pelo menos de afluxos para as Cíclades que acabaram influenciando as produções locais, unindo novos a velhos motivos e formas, além das técnicas.

⁵⁰ O autor acreditava que esta cidade da Eubeia mantinha relações estreitas com algumas das ilhas cicládicas, apontando para o fato de que uma das colônias de Cálcis na costa da Sicília recebeu o nome de Naxos devido à intimidade com as cidades de menor expressão nas ilhas. Contudo, Dugas também atenta a outro fator: o poder de Cálcis era proveniente de sua exploração do metal, o que explica também um papel minoritário na história da cerâmica grega. Cf Dugas, 1925, p. 109-110.

⁵¹ Algumas dessas outras regiões são Creta, Al-Mina, Egina e Cálcis. Cf. COLDSTREAM, 2008, p. 167, 169, 172, 176-177, 180, 182.

cicládica era produzida em diferentes núcleos urbanos, independentemente do tamanho, e sua circulação era viabilizada pelas rotas marítimas que interligavam as regiões. Coulié (2007, p. 53) enfatiza que a produção de cerâmica, assim como outras atividades, é apenas uma das várias atividades desenvolvidas no âmbito da cidade, o que parece bem claro afirmar que a proeminência em uma atividade não implica proeminência em outras e, como conclusão deste pensamento, os centros produtivos de cerâmica cicládica não estavam necessariamente instalados em locais que detinham a concentração de poder político e econômico.

Conforme discutido até o momento, há consenso entre a bibliografia sobre as características das trocas durante o Período Geométrico, principalmente quanto ao aumento da circulação de produtos durante o século VIII a.C. Conforme Dugas (1925, p. 139) apontou, boa parte desses vasos, pelo menos aqueles com decoração mais geométrica e mais conservadores, não eram artigos de luxo, mas produtos utilitários de uso cotidiano, feitos para atender à demanda dos habitantes que nutriam um gosto pela tradição local, fazendo com que a maior parte da produção cicládica ficasse nas ilhas, salvo casos fortuitos. Assim, é mais apropriado pensar em um panorama em que oficinas espalhadas por todo arquipélago produziam segundo o mesmo princípio estilístico⁵², embora nunca homogêneas.

Evidentemente, a dinâmica instaurada pela emergência de centros urbanos interligados por redes transformou a qualidade e quantidade dos contatos existentes entre as áreas do Egeu. Embora Coulié tenha destacado que a produção de cerâmica não se conecta diretamente aos desdobramentos políticos e institucionais, não é possível negar que esses fatores afetassem de forma indireta a produção das oficinas, as exportações e importações. Não obstante, a autora desloca a atenção para as atividades econômicas, esse clima de produções artesanais e artísticas que os núcleos urbanos favoreciam, assim como a sua circulação.

Tendo apresentado as questões essenciais para o prosseguimento do estudo, resta expor a estrutura da tese. Assim, o texto foi organizado em 4 capítulos, além da conclusão. As numerações dos capítulos são progressivas e iniciam-se na introdução. O segundo capítulo apresenta o debate bibliográfico sobre a cerâmica cicládica, abordando o histórico de pesquisa e as hipóteses levantadas sobre as possíveis localizações dos centros produtivos.

No terceiro capítulo, é apresentada uma discussão sobre contextos de achado de cerâmica geométrica cicládica nas próprias ilhas que compõem o arquipélago. Em outras

⁵² Dugas aponta que a familiaridade estilística nas ilhas do Sul, Centro e Norte podia ser estendida até a Eubeia. Embora isso também possa indicar a existência de um reduzido grupo itinerante que fazia a mesma cerâmica pelos lugares que passava, o mais provável é a existência de uma tradição comum, uma tradição insular.

palavras, é um inventário dos locais de achado, explorando as principais formas, ornamentos e distribuição dos vasos. Por último, o capítulo 4 apresenta um estudo de caso da distribuição da cerâmica geométrica cicládica na ilha de Delos.

2 O DEBATE SOBRE A CERÂMICA CICLÁDICA DO PERÍODO GEOMÉTRICO

O dossiê cicládico foi constituído ao longo de mais de um século de debate e classificações propostas por diferentes pesquisadores, portanto marcado pela ausência de padronização. Esse cenário traz como problema a dificuldade em comparar e relacionar todos esses estudos, e que se faz presente mesmos nas publicações de sínteses. Assim, neste capítulo o dossiê cicládico foi abordado pela sua perspectiva histórica, o que facilitou o entendimento do debate e contribuiu para a produção de uma síntese que contempla a equivalência das classificações produzidas por estudos prévios⁵³.

Segundo Coulié (2007, p. 54) e conforme discutido em artigo recente (SABADINI, 2022, p. 16), muitas dessas classificações foram estabelecidas pela interpretação precipitada do registro arqueológico, em especial as escavações mais antigas que sofreram da pretensão em vincular fortemente a ideia de que todo sítio arqueológico que apresentasse cerâmica do Período Geométrico era também um centro produtivo. Não que a possibilidade não exista, contudo é imprescindível que o exame seja bastante rigoroso antes que a conclusão seja estabelecida. Em função da variabilidade limitada dentro do estilo cicládico, presume-se que o número de centros produtivos era inferior ao de locais que importavam tais vasos. É importante lembrar que, apesar do maior rigor e controle do método arqueológico, equívocos interpretativos ainda são passíveis de ocorrer, o que leva à conclusão de que futuras e eventuais descobertas de sítios arqueológicos não estão isentas de tais problemas.

O conhecimento sobre a cerâmica cicládica do Período Geométrico seguiu um padrão bastante previsível: um início em que as informações eram bastante limitadas, ocasionando classificações que foram atualizadas ou mesmo inviabilizadas à medida que as escavações traziam dados mais robustos. No final do século XIX e início do século XX, ao ritmo de escavações entusiasmadas em Paros (COULIÉ, 2013, p. 231) e Tera, conduzidas pelo Instituto Alemão de Arqueologia, e em Delos (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 16, 44; COLDSTREAM, 2008, p. 171-172, 176-177), conduzidas pela Escola Francesa de Atenas, os primeiros relatórios e estudos sistematizados apresentaram os esboços da classificação da cerâmica geométrica das Cíclades⁵⁴.

Nesta fase inicial, ocorreu a descoberta e também as comparações, estabelecendo, portanto, as bases de um debate, em que cada novo achado representava um novo capítulo.

⁵³ Cf. capítulo 3, tabelas 3 e 4.

⁵⁴ Cf. DUGAS, 1925, p. 155-176; COOK, 1997, p. 286, COLDSTREAM, 2008, p. 186, COULIÉ, 2013, p. 229.

Primeiro, os vasos foram agrupados segundo características em comum e tais grupos – que de certa forma correspondiam à produção de um centro produtivo - recebiam uma nomenclatura. Nessas primeiras tentativas de organização das fontes as informações disponíveis eram bastante limitadas. Escavações importantes para a compreensão da cerâmica geométrica cicládica estavam em fase inicial, ao passo que outras ocorreriam mais tarde. Por outro lado, conjuntos inteiros, recuperados em um mesmo contexto arqueológico, aguardavam para ser restaurados e posteriormente publicados. Somam-se a essa conjuntura, as limitações do século XIX e XX no que tange aos deslocamentos e comunicações. Comparações entre peças necessitavam de visitas a coleções que implicavam viagens longas a depender das condições meteorológicas. A troca de informações entre pesquisadores era feita sobretudo por correspondências que poderiam levar meses até serem entregues, enquanto preparações de missões e acordos para publicações eram dificultados por questões diplomáticas e pela distância entre as nações envolvidas.

Em 1911, pesquisadores da Escola Francesa aguardavam o longo processo de restauro de um conjunto de vasos encontrados anos antes na Fossa de Purificação de Reneia para atualizar seu estudo preliminar dos vasos encontrados em Delos e publicados no *Vases archaïques de Délos* (DUGAS; POULSEN, 1911, p. 350-351), buscando, principalmente, encontrar a origem de tais vasos. Por outro lado, o esforço dos arqueólogos alemães era ordenar e identificar a origem dos vasos provenientes de escavações em Tera.

Nesses estudos pioneiros da cerâmica cicládica já estavam presentes os critérios sob os quais as classificações foram estabelecidas. Trata-se das características formais, ornamentais e técnicas observadas nos vasos para que sejam agrupados por semelhança, tais como coloração, cozedura e refinamento da argila, qualidade e coloração do verniz, espessura e coloração do engobo ou tratamento de superfície, formas dos vasos, decoração, presença ou ausência de mica.

Ainda nas primeiras décadas das investigações acerca das origens da cerâmica geométrica cicládica, há publicações oportunas dos achados que então aconteciam, geralmente crônicas de escavações ou boletins informativos da *École Française d'Athènes*. Entretanto, logo no final do primeiro quartel do século XX, quando já havia publicações suficientes para comparações e compilações de dados, as primeiras sínteses começaram a surgir analisando a cerâmica cicládica sob a perspectiva de achados em diversas ilhas. A visão do todo motivou a colaboração entre pesquisadores de diferentes nações, convergindo também para maior consenso em relação às classificações e nomenclaturas, embora não encerrando o debate.

Certamente, os estudiosos do dossiê cicládico se beneficiaram de um movimento mais amplo de estreitamento do diálogo acadêmico no âmbito da Arqueologia Clássica que colocou as várias escolas internacionais de arqueologia em contato. Logo, a nova postura rendeu frutos e na segunda metade do século XX, o volume de informações contextualizadas era relevante em função das grandes sínteses que foram produzidas comparando as diferentes regiões da Grécia, entre elas as Cíclades. Tanto na obra de R. M. Cook, *Greek Painted Pottery*, publicada em 1960, quanto a de Coldstream, intitulada *Greek Geometric Pottery: A Survey of Ten Local Styles and Their Chronology*, publicada em 1968, consolida-se o reconhecimento de que durante o Geométrico Recente, quatro grandes centros produtivos estavam localizados em Melos, Naxos, Paros e Tera. Mais recentemente, em 2013, a obra de Anne Coulié, *La Céramique Grecque aux Époques Géométrique et Orientalisante*, continuou a seguir essa tendência, sendo a síntese mais recente a abordar a cerâmica geométrica das Cíclades e atribuir os exemplares estudados entre esses quatro grandes centros (SABADINI, 2022, p. 23).

Ainda nos últimos decênios do século XX , estudos inovadores se propuseram a determinar a localização dos centros produtivos submentendo conjuntos de cerâmicas a análises físico-químicas. Sem divergências substanciais, as análises arqueométricas convergiram com as estilísticas e formais em relação à existência de quatro grandes centros distribuídos entre Naxos, Melos, Paros e Tera, como sintetizados anos antes por Cook e Coldstream (JONES, 1986, p. 648-659).

Segundo o que foi apresentado até o momento, é de se destacar que entre o final do século XIX e início do século XX d.C., o debate sobre a cerâmica geométrica cicládica ganhou forma a partir das pesquisas relacionadas à Arqueologia, mais especificamente ao estudo do arquipélago durante o Período Geométrico. No princípio, buscou estabelecer a classificação e seriação da cerâmica cicládica, sendo esse forte apelo ceramológico uma parcela significativa do Dossiê cicládico. Isso tudo faz do debate um capítulo do processo de construção do conhecimento arqueológico e das características das fontes. Essa discussão suscita controvérsias e só pode ser compreendida ao longo do tempo, alimentada pela publicação de vasos e fragmentos, além do envolvimento de diversos pesquisadores e instituições internacionais de arqueologia. Como em qualquer campo da ciência, o dossiê cicládico é composto - além das dissonâncias - por consensos e reavaliações de estudos antigos a partir de novas evidências e interpretações, o que resulta na sua retroalimentação.

Atrás da aparente solidez do conhecimento sobre a cerâmica geométrica das Cíclades, há uma história de lacunas, uma narrativa fragmentada, constituída aos poucos, envolvendo

questões de classificação, cronologia, teoria, métodos, origem e proveniência. Um debate tão amplo exige que a continuação desse capítulo seja dividida em duas seções, de modo a retomar o dossiê cicládico e seus desdobramentos.

Na primeira parte, será apresentado o histórico do debate, feito a partir de uma seleção de publicações que visa ilustrar como ele foi estabelecido paulatinamente. Para isso, autores e obras mais importantes foram organizados cronologicamente. Essa divisão se manifesta no texto a partir de subtítulos que organizam e agrupam os pesquisadores segundo cronologia, tipo de obra e abordagem.

Em segundo lugar, foi explorado o viés metodológico e conceitual desses pesquisadores, apresentando a síntese no que tange aos principais conceitos, consensos e problemas. Embora essa etapa conclusiva seja mais bem explicada no texto que se segue, é importante alertar para o fato de que esse debate, desde seu início, possui dois eixos principais, conforme também apontado na introdução. Assim, uma vez estabelecida a classificação e seriação dos vasos cicládicos do Período Geométrico, a preocupação se voltou para a identificação e localização dos centros produtivos e também das rotas de circulação da cerâmica.

Conforme indicado na introdução dessa tese, diferentemente da Ática, onde a cronologia é bem conhecida devido ao histórico de escavações e boas condições das sequências cronológicas, nas Cíclades a cronologia depende de comparações com outras regiões, sobretudo com a Ática. Compreender as rotas de circulação e associação da cerâmica cicládica a outros contextos contribui também para a percepção da contemporaneidade e conseqüentemente da cronologia. Ademais, o estilo cicládico é menos uniforme em comparação com o ático, o que confere maior importância em compreender as diferentes produções que o constituem.

No contexto de construção do debate sobre a cerâmica cicládica, começou-se a perceber que durante o início do Período Geométrico, as diversas produções de cerâmica tendiam a uma padronização estilística encabeçada por elementos estilísticos da Ática devido à influência da exportação desta para outras regiões do Egeu, principalmente a partir de 850 a.C. (COLDSTREAM, 1983, p. 18; COLDSTREAM, 2008, p. 8). Contudo, Dugas (1925, p. 6) já chamava a atenção para a característica fragmentada, própria do arquipélago, que fazia com que os contatos externos não atingissem todas as ilhas igualmente. Havia ação forte de Creta sobre as ilhas meridionais e da região continental no restante das Cíclades.

Assim, durante o Geométrico Antigo, a produção de cerâmica das ilhas cicládicas localizadas mais ao sul se aproximavam estilisticamente da Ática, ao passo que no norte do

arquipélago os centros produziam vasos à semelhança do estilo Subprotogeométrico da Eubéia. Contudo, com o avanço da difusão das exportações da Ática durante o Geométrico Médio, a produção dos artesãos em todo o território das Cíclades passou a seguir os cânones áticos (COLDSTREAM, 2008, p. 164-166). Ao que os vestígios indicam, o estilo ático, presente nos vasos importados dessa região, passou a figurar como uma referência para os centros produtivos cicládicos⁵⁵ (SHEEDY, 1990, p. 31-34). Arqueologicamente, essa padronização torna qualquer tentativa de diferenciação entre as produções locais e externas uma tarefa complexa. Consequentemente, a localização dos centros produtivos cicládicos dessas fases iniciais do Período Geométrico é ainda pouco clara.

Curiosamente, no final do período, século VIII a.C., acontece o processo inverso, em que as produções de cerâmica geométrica cada vez mais passam a apresentar elementos formais e ornamentais específicos, destoando dos cânones áticos e adquirindo autonomia. Nas Cíclades, esse processo é complementado pela diferenciação também interna, fazendo do estilo cicládico o produto de diversos subestilos espalhados pelos centros produtivos do arquipélago (COLDSTREAM, 2008, p. 171). De fato, Dugas (1925, p. 6) enfatizava que jamais houve domínio político e comercial centralizado nas Cíclades. Cada ilha manteve sua autonomia também na produção de cerâmica, havendo apenas momentos de aumento de atividade externa e influência na região. Assim, a unidade da cerâmica cicládica sempre apresentou diversidade, sendo a coexistência de séries diferentes a regra.

Para os pesquisadores do final do século XIX e início do XX, esse contexto ainda não estava tão claro, o que ajuda a explicar a dificuldade em diferenciar produções nos momentos em que a tendência era a maior aderência às características do estilo ático. O conhecimento sobre o Período Geométrico era fragmentado e um grande esforço foi despendido para se estabelecer a seriação da cerâmica cicládica. À medida que novas escavações avançavam, publicações aconteciam, era possível relacionar as informações sobre as ilhas que compunham o arquipélago entre estas e outras regiões do Egeu. Paulatinamente, a seriação estava a ser estabelecida e poderá ser acompanhada neste histórico.

Em 1924, Dugas tentava estruturar o campo publicando uma introdução geral sobre os vasos gregos. No pequeno livro, intitulado *La céramique grecque*, somente algumas páginas foram destinadas ao período geométrico. Paralelamente, a proeminência ática era estabelecida por trabalhos de campo que indicavam ser aquela região a origem do estilo. Conforme as escavações avançaram, tornou-se evidente que a sequência arqueológica da Ática era boa,

⁵⁵ Cf. Vacek (2012, p. 224-240) para imitações de vasos e o diálogo entre estilos de cerâmica. O autor discute essas questões no estudo de caso sobre a cerâmica grega e cipriota do Período Geométrico.

portanto, se colocava como parâmetro para comparações com outras regiões do Egeu que possuíram centros produtivos de cerâmica geométrica. Isso se manifestava na percepção de que as mudanças do estilo Geométrico a partir do estilo Protogeométrico ateniense e sua propagação para os arredores da cidade faziam desses sítios arqueológicos uma excelente e precisa sequência cronológica.

Aos poucos, os dados também indicavam que os padrões estilísticos em curso na Ática eram incorporados por outras regiões. De fato, a hegemonia estilística dos artesãos da ática se estendeu até o Geométrico Médio em outras regiões, como as Cíclades (COLDSTREAM, 2003, p. xxii-xxiii, 2; COLDSTREAM, 2008, p. 8), talvez devido ao grande sucesso de exportação dos vasos daquela região. Nessa esteira, à medida que os conjuntos de vasos do Período Geométrico foram estudados e comparados entre si, desenvolveu-se a classificação das formas, técnicas de produção e decorações características de cada região onde esses vestígios foram encontrados, ou seja, ao redor do Egeu. Ao longo do tempo, a classificação foi refinada⁵⁶. Era nesse trabalho de refinamento que Dugas trabalhava no momento da publicação em 1924. Este projeto, porém, não ficou restrito ao arqueólogo francês e seu tempo, foi, e é, um processo longo, amplo, cuja melhoria depende da contribuição de muitas pesquisas, além de novos dados. Trata-se, portanto, de uma construção ainda não finalizada, no interior da qual os estudos sobre as Cíclades apresentam uma série de lacunas, entre elas o debate acadêmico sobre a localização dos centros produtivos e circulação da produção cicládica que dura mais de um século. Ainda hoje, não é incomum que o emaranhado de nomenclaturas e classificações causem confusão entre aqueles que iniciam o estudo do assunto. Assim, cabe prosseguir com o objetivo de sintetizar esse debate, trazendo como resultado uma proposta da localização dos centros de produção de cerâmica e das rotas de distribuição desses vasos.

2.1 Histórico do debate

Ao longo do século XX e início do século XXI, a compreensão sobre as diferentes produções de cerâmica cicládica do Período Geométrico, sobretudo do Período Geométrico Recente, sofreu alterações. Revisões fazem parte do processo de avanço do conhecimento, e dessa forma, conforme discutido no início desse capítulo, muitos pesquisadores interpretaram

⁵⁶ Coldstream (2008, p. 8-301), reconheceu dez estilos locais: ático, coríntio, argivo, tessálio, cicládico e euboico, beócio, lacônico, cretense, da Grécia do Leste e Magna Grécia.

como centro produtivo todo sítio arqueológico que apresentasse cerâmica. O problema é que essas definições nem sempre eram acertadas, já que alguns sítios foram apenas importadores e não produtores de cerâmica.

Na passagem do século XIX para o XX, ao ritmo de novas escavações e dos achados que elas proporcionavam, os primeiros relatórios e estudos sistematizados sobre a cerâmica cicládica do Período Geométrico começaram a ser produzidos. Dessa fase pioneira, destacam-se os estudos e relatórios produzidos pelos pesquisadores filiados ao Instituto Alemão de Arqueologia, principalmente os arqueólogos Dragendorff, Pfuhl, Rubensohn e Buschor, que conduziam os trabalhos de campo em Tera e Paros.

Um bom exemplo da dinâmica entre os trabalhos de campo e de divulgação dos achados nesse período pode ser observado nas publicações do material arqueológico proveniente de dois cemitérios de Tera: Messavouno e Sellada. Ambos os sítios arqueológicos foram escavados ainda no final do século XIX, mais precisamente em 1896, pelo Barão Hiller von Gärtringen, porém as publicações ocorreram anos mais tarde, em 1903, no *Theräische Gräber*, Thera 2, por Dragendorff, e no *Der archaische Friedhof am Stadberge von Thera*, no *Mitteilungen des deutschen archäologischen Instituts, Athenische Abteilung*, número 28, por Pfuhl (DUGAS, 1925, p. 155-176; COOK, 1997, p. 286, COLDSTREAM, 2008, p. 186, COULIÉ, 2013, p. 229). Cabe destacar que os alemães haviam acumulado alguma experiência em lidar com o Período Geométrico que foi empregada nas Cíclades, lançando as bases para as classificações das escavações em Tera.

O empenho dos alemães continuava no início do século XX, e, em 1917, Rubensohn conduzia as primeiras escavações na acrópole de Paros; posteriormente, na mesma ilha, iniciou a exploração do Delion nos anos 1920. Contudo, o grande destaque nos trabalhos realizados em Paros ocorreu em 1928 quando Buschor encontrou cerâmica do Período Geométrico ao realizar uma prospecção. Os achados foram publicados no ano seguinte, 1929, no artigo *Kykladisches*, na revista *Mitteilungen des deutschen archäologischen Instituts, Athenische Abteilung*, número 54 (COULIÉ, 2013, p. 231).

Em 1911, depois das publicações de Pfuhl e Dragendorff, mas antes da publicação de Rubensohn e Buchor, enquanto os vasos da Fossa da Purificação de Reneia - escavada por Stavropoulos entre 1898 e 1900 (ROUSSEL, 1934, p. 4; COUILLOUD, 1974, p. 36-37) - estavam em processo de restauração, Charles Dugas e Fredrick Poulsen publicavam o *Vases archaïques de Délos*. Nesse artigo, os autores apresentavam um estudo preliminar dos achados, entre eles, vasos e fragmentos geométricos, da escavação de 1908, realizada em um edifício a oeste do Artemision de Delos.

Nesse ínterim, escavações promovidas pela Escola Francesa de Atenas, em Delos, e as escavações do Serviço Grego de Arqueologia, em Reneia, revelaram novos conjuntos de vasos do Período Geométrico. Assim, Buschor pôde comparar com achados de Paros e Tera, chegando à conclusão de que um grupo grande de vasos e fragmentos encontrados em Delos, Reneia e Tera⁵⁷, semelhantes entre si do ponto de vista técnico e estilístico, possuíam origem pariana porque compartilhavam das mesmas características dos fragmentos encontrados em Paros. Buschor também atribui origem naxiana a outros grupos de vasos⁵⁸, encontrados em Delos e Reneia, que possuíam características distintas daquelas encontradas no grupo atribuído a Paros (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 16, 44; COLDSTREAM, 2008, p. 171-172, 176-177).

A essa altura, o debate acadêmico estava bem estabelecido. Informações sobre novos achados propagavam-se rapidamente por meio de publicações especializadas e atraíam a atenção dos pesquisadores. Criou-se, dessa forma, um maior diálogo entre os responsáveis pelas pesquisas e trabalhos de campo que puderam comparar as séries entre si. Assim, os pesquisadores franceses passaram a estabelecer um diálogo entre os achados cerâmicos das escavações em Delos, promovidas pela Escola Francesa de Atenas, com os achados dos pesquisadores alemães e da Fossa da Purificação de Reneia⁵⁹, escavada por Stavropoulos, representante do Serviço Grego de Arqueologia.

Um exemplo interessante de como esse processo se deu, pode ser observado nas primeiras descobertas de material geométrico em Delos. Como mencionado acima, em 1911, conhecendo as publicações alemãs dos materiais de Tera, Dugas e Poulsen publicaram o *Vases archaïques de Délos*. Surge, dessa forma, a primeira classificação e divisão para os vasos do Período Geométrico cicládicos encontrados em Delos com as seguintes nomenclaturas: vasos geométricos das Cíclades relacionados aos vasos euboicos; vasos geométricos de Reneia; vasos delianos geométricos; vasos euboicos e vasos protomelianos⁶⁰. É interessante notar que, nesse estudo, assumidamente preliminar segundo os autores, havia a preocupação em localizar a origem dos vasos. As nomenclaturas utilizadas para se referir a

⁵⁷ Classificados posteriormente como grupo A, EAD XV, de Delos-Reneia. O material encontrado em Tera que se assemelha a esse grupo não é de origem local, mas importado de Paros e corresponde ao grupo “*böotisch*”, de Dragendorff, ou grupo J – “*euböisch*”, de Pfuhl.

⁵⁸ Categoria Bb e Bc definida por Dugas e Rhomaios. Cf. Dugas; Rhomaios (1934, p. 71-87).

⁵⁹ Os achados da Fossa da Purificação de Reneia consistem basicamente em um conjunto de vasos de diferentes períodos depositados em uma vala comum, após a ilha de Delos passar por uma purificação ordenada por Pisístrato no século VI a.C., e outra pelos atenienses durante o século V a.C.. Informações mais detalhadas podem ser encontradas nas obras citadas. Menções antigas às purificações de Delos podem ser encontradas em Heródoto (I, 64) e Tucídides (I, 8; III, 104).

⁶⁰ Em francês, respectivamente: *vases géométriques des Cyclades apparentés au vases eubéens*, *Vases géométriques de Rhénée*, *Vases déliens géométriques*, *Vases eubéens*, *Vases protoméliens*.

cada um dos grupos carregam um indicativo geográfico. Além da presença de cerâmica cicládica do Período Geométrico, os autores identificaram fragmentos e vasos de origem externa ao arquipélago, denominados: vasos do Dípilo, vasos geométricos cretenses, vasos geométricos ródios, vasos geométricos cipriotas⁶¹. Embora os autores não discutam esses outros conjuntos no artigo, concentrando-se somente nos vasos e fragmentos cicládicos do Período Geométrico, a presença desses indícios em Delos sinaliza a existência da circulação de material de outras regiões na ilha (DUGAS; POULSEN, 1911, p. 350-351).

Cada uma das categorias de cerâmica cicládica foi definida pelos autores em função de diferenças técnicas, formais e ornamentais. Esses critérios serviram de base para as classificações que Dugas apresentou em publicações posteriores, e conforme mencionado acima, são: coloração, cozedura e refinamento da argila, qualidade e coloração do verniz, espessura e coloração do engobo ou tratamento de superfície, formas dos vasos, decoração, presença ou ausência de mica.

Dugas e Poulsen (1911) não deram muita atenção à cronologia desses estilos, resultando em uma classificação cronologicamente depreendida. Essa lacuna só foi preenchida 14 anos depois, em 1925, quando Dugas publicou o livro intitulado *La céramique des Cyclades*, uma das primeiras sínteses sobre a cerâmica cicládica. A obra trouxe um estudo da formação e transformação da cerâmica cicládica desde o Período do Bronze Antigo (III milênio a.C.) até o Orientalizante (século VI a.C.). O Período Geométrico, por sua vez, foi analisado em uma perspectiva cronológica mais ampla, a Idade do Ferro Inicial (1100 – 700 a.C.). Utilizando seu conhecimento sobre a cerâmica de Delos, somado às informações publicadas até 1925, o autor estendeu sua classificação para toda a Cíclades, agrupando os vasos em novas categorias que passaram a ser apenas três principais: Geométrico Insular, Argivo Cicládico e de Tera⁶². A definição dos grupos seguiu, em boa parte, os mesmos critérios utilizados em *Vases achaiques de Délos* e as nomenclaturas também refletem possíveis localizações dos centros produtivos. Há, contudo, mais complexidade ao analisar a execução e a composição da decoração. A execução entendida como o grau de precisão, espessura e intensidade dos traçados dos ornamentos; a composição como a combinação de elementos e a escolha das áreas dos vasos que receberam cada tipo de ornamento e/ou conjunto de ornamentos. Além desses dois novos parâmetros, Dugas buscou entender os

⁶¹ Em francês, respectivamente: *vases du Dipylon*, *vases crétois géométriques*, *vases rhodiens Géométriques*, *vases chypriotes géométriques*. As nomenclaturas, embora indiquem uma possível origem, não são discutidas pelos autores, havendo grande possibilidade de existirem imprecisões na atribuição das origens.

⁶² Em francês, respectivamente: *style géométrique insulaire*, *style géométrique argivo-cycladique*, *style géométrique de Théra*.

vários momentos de cada categoria, chamados por ele de evolução do estilo. Por meio da análise da mudança relativa de cada grupo, o autor chegou à cronologia absoluta de cada produção (DUGAS, 1925, p. 133-138, 143-155, 172-184).

Em 1934, Dugas e o arqueólogo grego Constantin Rhomaios publicaram o estudo dos vasos da Fossa da Purificação de Reneia – após anos em processo de restauração – no volume XV da série *Exploration Archéologique de Délos*, intitulada *Les vases préhelléniques et géométriques*. Dugas havia publicado, em 1928, no volume X da mesma série, sob o título de *Les Vases de L'Héraion*, os vasos encontrados no depósito votivo do Heraion de Delos, entretanto manteve o mesmo sistema de classificação utilizado em 1925. Nessa obra, porém, motivado pelas críticas de Payne (1926) a certas divisões e termos empregados no *La Céramique des Cyclades* (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 11; DUGAS, 1935, p. 3), os autores romperam com a maneira que até então era empregada para a atribuição de nomenclaturas aos grupos identificados em Delos e formularam uma classificação neutra (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 11), evitando, dessa maneira, nomenclaturas que pressupunham local de origem e influências externas.

O resultado do novo sistema classificatório proposto por Dugas e Rhomaios foi a divisão dos vasos e fragmentos provenientes da Fossa da Purificação de Reneia⁶³ em duas grandes categorias, A e B, definidas segundo o tipo do tratamento da superfície. Conforme mencionado anteriormente, esse critério já estava presente na publicação de 1911, porém agora adquiria maior peso. Assim, na categoria A, foram agrupados os vasos recobertos com revestimento marrom claro e aparência de superfície polida. Os vasos classificados na categoria B apresentam engobo claro, frequentemente branco amarelado ou marrom claro. Os outros critérios, como forma e decoração, refinam a classificação e criam subdivisões: seis para o grupo A (Aa, Ab, Ac, Ad, Ae e Af) e três para o grupo B (Ba, Bb e Bc) (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 11-12).

Se, nas publicações anteriores, a localização dos grupos ainda eram suposições baseadas em proximidade geográfica ou estilística⁶⁴, desta vez, comparações entre materiais de outros locais - com base na técnica, forma e decoração - permitiram a Dugas e Rhomaios fazerem inferências mais precisas. *Grosso modo*, a maior parte dos vasos da categoria A se encaixam na antiga categoria do Geométrico Insular, enquanto os vasos da categoria B, exceto a subdivisão Ba orientalizante, correspondem aos vasos da antiga categoria Argivo Cicládica

⁶³ Alguns vasos encontrados em Delos e publicados anteriormente foram incorporados nesta publicação de Dugas e Rhomaios porque pertenciam ao mesmo contexto antes da purificação da ilha. Cf. Dugas; Rhomaios (1934, p. 6).

⁶⁴ Cf. Dugas; Poulsen (1911, p. 387, 388, 391-393); Dugas (1925, p. 139, 155, 174-176).

(DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 12). Assim, segundo os autores, Paros e Naxos devem ter sido as responsáveis pela maior parte da produção, sendo uma das ilhas responsável pelo grupo A; a outra pelas categorias Bb e Bc. Ainda, segundo Dugas e Rhomaios, Buschor sustentou, em 1929, que boa parte do grupo A teve origem em Paros, ao passo que as categorias Bb e Bc são de Naxos. Entretanto, os autores reiteram que a documentação, naquele momento, ainda era insuficiente para justificar tal posição (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 16, 44).

À medida que os achados das novas escavações resultavam em publicações, formou-se um quadro bastante completo da cerâmica do Período Geométrico de modo geral. Na segunda metade do século XX, o volume de informações contextualizadas era relevante e grandes sínteses foram produzidas comparando as diferentes regiões da Grécia, entre elas as Cíclades. Uma dessas obras foi publicada em 1960, *Greek Painted Pottery*, de R. M. Cook, posteriormente recebendo a segunda e a terceira edição, em 1972 e 1997, respectivamente. Trata-se de uma síntese sobre a cerâmica grega. Na seção referente à cerâmica geométrica cicládica, Cook (1997, p. 30) apresenta quatro grupos – referidos por ele como escolas principais⁶⁵ – que estiveram em atividade nas Cíclades durante o Geométrico Recente: Naxiana, Pariana, Meliana e Terana⁶⁶. Cada um desses grupos, diferenciados entre si segundo critérios de técnica, forma e decoração, receberam tais nomenclaturas devido à frequência maior em determinada ilha, o que levou à presunção de ser este o centro produtivo. O autor também apresenta a cronologia de forma bastante clara para cada grupo.

A segunda grande síntese foi publicada por Coldstream em 1968, intitulada *Greek Geometric Pottery: A Survey of Ten Local Styles and Their Chronology*. Em 2008, o livro recebeu a segunda edição revisada e atualizada. Se o livro de Cook abrange vários períodos da cerâmica grega, a obra de Coldstream é específica para o Período Geométrico. Na seção destinada à cerâmica geométrica das Cíclades, o autor apresenta quatro centros produtivos, definidos por ele como escolas do Geométrico Recente: Naxiana, “Pariana”, Meliana e Terana⁶⁷.

O livro de Coldstream possui pontos de contato com o de Cook. Ambos mobilizam os critérios de classificação presentes desde as primeiras publicações de Dugas (1911; 1925). A semelhança mais destacada entre a obra de Coldstream (2008) e a de Cook (1997) reside na classificação da cerâmica cicládica do Período Geométrico Recente em quatro grupos. O grande destaque é a minúcia com que Coldstream (2008) sustenta seus argumentos, sempre

⁶⁵ O autor utiliza o termo escolas principais, *main schools*, em inglês.

⁶⁶ Respectivamente, em inglês, *Naxian school*, “*Parian*” *school*, *Melian school* e *Theran school*.

⁶⁷ Respectivamente, em inglês, *Naxian school*, “*Parian*” *school*, *Melian school* e *Theran school*.

bem documentados e referenciados, o que não acontece na obra de Cook (1997) por se tratar de uma obra generalista, embora as fontes, em muitos casos, sejam as mesmas.

A síntese mais recente foi publicada por Anne Coulié, em 2013: *La Céramique Grecque aux Époques Géométrique et Orientalisante*. Trata-se de uma obra ampla que aborda o Período Geométrico e Orientalizante, enfatizando assuntos relacionados à produção e circulação dos vasos. Nas páginas dedicadas ao Geométrico Recente cicládico, Coulié (2013, p. 97-104) apresenta quatro estilos bem diferenciados, nomeados por ela de oficinas: Naxiana, Pariana, Meliana e Terana⁶⁸. Assim, a autora mantém a divisão e as nomenclaturas apresentada por Cook (1997) e Coldstream (2008), em quatro grandes centros produtivos. Os critérios utilizados para caracterização e diferenciação dos grupos também são os tradicionalmente utilizados pelos seus predecessores: técnica, forma e decoração.

Sobretudo nas sínteses produzidas por Cook (1997, p. 30-33), Coldstream (2008, p. 164-189) e Coulié (2013, p. 55-58, 97-104, 228-258), é possível notar que os autores não diferem quanto à existência de centros produtivos em Naxos, Paros, Melos e Tera. Análises físico-químicas conduzidas na década de 1980 e 1990⁶⁹ dão suporte a essas hipóteses de localização. Jones (1986, p. 643) enfatizou que nessas quatro ilhas estavam localizados os centros produtivos mais proeminentes do Período Geométrico e que análises químicas e petrográficas da composição das argilas poderiam testar as hipóteses das localizações levantadas após os estudos estilísticos⁷⁰. A conclusão foi a confirmação dos agrupamentos estilísticos, com tendência à uniformidade em termos de composição química dos fragmentos que constituíam cada grupo, havendo algumas exceções, mas que, de modo geral, correspondiam à classificação estilística de Cook e Coldstream (JONES, 1986, p. 648-659). Villard (1993, p. 143-165), corroborou a proveniência naxiana da argila de coloração vermelho-tijolo que contém grande concentração de mica dourada, a mesma utilizada nos vasos e fragmentos dos grupos Bb e Bc⁷¹. Nessas mesmas análises, o grupo geométrico meliano e geométrico terano, conforme caracterizados por Coldstream (2008, p. 181-189),

⁶⁸ Respectivamente, em francês, *naxien*, *parien*, *mélien* e *théréen*. A autora utiliza o termo *atelier*, que aqui foi traduzido como oficina, para se referir aos centros produtivos.

⁶⁹ Embora as primeiras edições da obra de Cook (1997) e de Coldstream (2008) sejam da década de 1960, receberam atualizações que favoreceram a utilização de novos dados obtidos em escavações e/ou em análises detalhadas e sofisticadas.

⁷⁰ O autor testou os resultados das análises físico-químicas contra as produções do Período Geométrico caracterizadas por Cook (1997, p. 30-33) e Coldstream (2008, p. 164-189) na primeira edição de suas obras, respectivamente, 1960 e 1968. Para conferir o método e as fontes utilizadas, ver Jones (1986, p. 644-659).

⁷¹ Villard identifica a argila naxiana em alguns fragmentos estilisticamente pertencentes ao grupo A, conferir em Villard (1993, p. 146-149, 155-158). Na mesma obra, Gautier (1993, p. 197), também identifica alguns vasos com argila naxiana em um conjunto pertencente ao grupo pariano. Para um resumo sobre as análises físico-químicas aplicadas à cerâmica naxiana do Geométrico Recente, ver Kourou (2001, p. 23-28).

também foram identificados como originários de Melos e Tera, respectivamente⁷². A existência de depósitos de argila espalhados pelo arquipélago, assim como as diferenças na composição dessas jazidas foram apontadas anteriormente por Dugas (1925, p. 6-8), que utilizou tal argumento em favor da descentralização da produção desde períodos muito recuados, uma vez que qualquer local próximo a uma dessas fontes poderia obter facilmente material para produção de vasos. Ademais, a constatação dessa distribuição lançou luz à importância da composição da argila para diferenciar as produções e para identificar a fonte, e talvez a localização aproximada dos centros produtivos.

2.2 Conclusões sobre debate

Como demonstrado no tópico acima, o debate sobre a classificação da produção de cerâmica cicládica do Período Geométrico, bem como a localização dos centros produtivos é bastante complexa. Ajustes e melhorias produzidas ao longo de mais de um século contribuíram para a formulação de um quadro inteligível. Além da caracterização das produções e localização dos centros produtivos, o debate também abrange a compreensão dos desdobramentos contextuais que levaram ao desenvolvimento de centros produtivos autônomos e à circulação da produção desses centros por diferentes locais.

Isso posto, percebe-se que durante as décadas iniciais do Período Geométrico, as produções locais de cerâmica apresentavam, cada vez mais, elementos formais e ornamentais semelhantes entre si. À medida que a influência do estilo ático se propagava e outros centros passavam a imitá-la, desenvolveu-se um cenário caracterizado por uma efetiva semelhança entre os vasos produzidos nas diferentes localidades, principalmente a partir de 850 a.C. (COLDSTREAM, 1983, p. 18; COLDSTREAM, 2008, p. 8).

Nas Cíclades, durante o Geométrico Antigo, as produções de cerâmica das ilhas localizadas mais ao sul possuíam muitos elementos semelhantes àqueles encontrados na produção ática, enquanto, nas ilhas do norte, mantinha-se a proximidade com o estilo Subprotogeométrico da Eubeia. Com a difusão das exportações da Ática, a produção dos artesãos das Cíclades, durante o Geométrico Médio, foi caracterizada pela forte semelhança com os modelos áticos em todo o arquipélago (COLDSTREAM, 2008, p. 164-166). Esse contexto torna complexa a diferenciação entre as produções locais e externas a partir do

⁷² Para conferir o método e as fontes utilizadas, ver Villard (1993, p. 143-165).

exame das características formais e decorativas. A produção dos artesãos da Ática parece ter constituído um referencial para o desenvolvimento de produções similares nas ilhas, além dos próprios vasos importados (SHEEDY, 1990, p. 31-34). Consequentemente, as localizações dos centros produtivos cicládicos dessas fases iniciais do Período Geométrico são ainda pouco claras.

No século VIII a.C., acontece um movimento de diferenciação entre as produções de cerâmica que cada vez mais adquiriam características formais e decorativas particulares ao se distanciarem dos padrões áticos. Nas Cíclades, produções diferentes de vasos também se tornam evidentes à medida que se distanciam do estilo ático durante o Geométrico Recente (COLDSTREAM, 2008, p. 171). Desta forma, o debate sobre as especificidades dos centros produtivos cicládicos se concentra principalmente na cerâmica do Geométrico Recente, devido à constatada variação formal, ornamental e técnica que se tornam mais destacadas e, portanto, interpretadas como produtos de diferentes centros produtivos, cada qual com suas características.

A grande dificuldade encontrada pelos pesquisadores reside em diferenciar em quais dos sítios cicládicos, onde foram encontrados vasos e fragmentos de cerâmica geométrica cicládica, estavam instalados centros produtivos e quais foram apenas receptores desse material. Embora o estágio atual de conhecimento não apresente conclusões definitivas, pode-se dizer, com alguma segurança, que a produção cicládica do Período Geométrico era descentralizada. O surgimento de centros urbanos interligados por redes de contatos, porém autônomos, principalmente a partir do século VIII a.C., favoreceu a proliferação de centros produtivos de cerâmica também autônomos. Vale lembrar que a produção de vasos não se liga diretamente aos desdobramentos políticos e institucionais dos núcleos urbanos, embora esses fatores pudessem afetar, em algum momento, a produção das oficinas, as exportações e as importações. Entretanto, as atividades econômicas e esse clima de produções artesanais e artísticas eram facilitados pela estrutura urbana e as múltiplas trocas nela baseadas.

Assim como nas fases anteriores, há muitas incertezas e reviravoltas na construção das classificações e nas hipóteses sobre as localizações dos centros produtivos. Segundo Coldstream (1983, p. 20), os centros produtivos do Período Geométrico Recente devem ser investigados à luz das diferenças e semelhanças entre os vários grupos de vasos encontrados nas Cíclades, bem como a possível localização do centro produtivo de cada grupo. Essa etapa dos estudos consiste na sistematização e classificação de características formais, ornamentais e técnicas das diferentes séries de vasos. Tal tarefa viabiliza a comparação entre os grupos, o que vai revelar possíveis diferenças e semelhanças. Embora indispensável para qualquer

inferência sobre a produção e a circulação da cerâmica do Período Geométrico nas Cíclades, essa etapa de pesquisa é contínua na medida em que novas escavações e/ou novos estudos de coleções possam resultar na revisão das classificações previamente estabelecidas.

A classificação das diferentes produções e a formulação das hipóteses das localizações dos centros produtivos foram construídas em mais de um século de pesquisa acadêmica. Desde o início, foi empregado um método de comparação de critérios técnicos, formais e ornamentais. Atualmente, predomina a hipótese de que os principais centros produtivos cicládicos do Período Geométrico estavam localizados em Naxos, Paros, Melos e Tera. Entretanto, há uma série de lacunas e inconsistências que demandam outros estudos baseados em sínteses e análises físico-químicas para que sejam preenchidas.

Foi observado, contudo, que desde o final do século XIX e início do XX a busca por um método eficiente para a identificação dos centros produtivos de cerâmica permeia o debate acadêmico (BUSCHOR, 1929; DUGAS; POULSEN, 1911; DUGAS, 1925; DUGAS, 1928; DUGAS; RHOMAIOS, 1934; DRAGENDORFF, 1903; PFUHL, 1903)⁷³. Embora antiga, tal questão é frequentemente revisitada, como na ocasião do colóquio internacional, intitulado *Les ateliers de potiers dans le monde grec*, ocorrido nos dias 2 e 3 de outubro de 1987, em Atenas, Grécia, cujo objetivo foi debater a respeito das oficinas produtoras de vasos de cerâmica durante os períodos Geométrico, Arcaico e Clássico. Francine Blondé e Jacques Y. Perreault (1992, p.1), editores do suplemento XXIII do BCH, que reuniu as comunicações mais importantes do colóquio, especificam, na apresentação do volume, que a mesa redonda foi organizada em função da carência de publicação sobre as oficinas da Idade do Ferro.⁷⁴

A insuficiência de vestígios de estruturas associadas às oficinas resultava na falta de conhecimento de aspectos geográficos, organizacionais e físicos dos centros produtivos da Idade do Ferro. A alternativa para esse obstáculo foi o estudo detido da produção dessas oficinas, valendo-se do método de análises das argilas, uma vez que os vasos e fragmentos de vasos eram os vestígios materiais mais abundantes e, não raras ocasiões, os únicos testemunhos de um centro produtivo (BLONDÉ; PERREAULT, 1992, p. 1). Nesse sentido, o conhecimento sobre tal questão, principalmente para o Período Geométrico, pouco mudou nos anos posteriores ao colóquio, tendo em vista que descobertas recentes e desenvolvimento de

⁷³ Não é possível dizer que houve sempre uma preocupação metodológica destacada de maneira rigorosa, seguindo preceitos científicos detalhados, porém, já nos autores mais antigos, existia a intenção de apresentar o conjunto de dados que explicaria a existência de um suposto centro produtivo. Posto de outra forma, havia um método de análise das fontes que levava a apontar a possível existência de um centro e sua localização.

⁷⁴ Tal lacuna era posta em evidência frente às numerosas publicações de fornos dos períodos helenístico e romano. Esse problema ocorria em boa medida, segundo os autores, devido à maior incidência das estruturas desse tipo no registro arqueológico dos períodos mais recentes, contrastando com os dados escassos das fases mais antigas da Idade do Ferro.

técnicas avançadas de análises de cerâmica não solucionaram os antigos problemas e a lacuna de conhecimento.

O já mencionado problema de atribuir uma nomenclatura semelhante ao nome do sítio arqueológico onde determinado conjunto foi identificado pela primeira vez também aconteceu na tentativa de identificar a origem de alguns conjuntos cicládicos⁷⁵. Isso acontece desde a segunda metade do século XIX, principalmente porque durante as escavações todo local de descoberta é interpretado como potencial centro produtivo. Isso resultou em algumas confusões porque determinadas produções foram designadas pela ilha onde foram identificadas pela primeira vez, pressupondo a origem e a localização de um centro produtivo.

Frente a esse embaraço, a proposta de Villard, exposta no colóquio de 1987, parece não ter perdido importância e ainda se apresenta como a mais pertinente definição qualitativa e quantitativa dos vestígios materiais indicativos da presença de um centro produtivo em uma dada localidade. Na visão do autor (1992, p. 3, 9), a maneira mais elementar para se identificar um centro produtivo e sua localização é por meio da triangulação entre produção local de cerâmica⁷⁶, oficinas e suas instalações e, por último, a situação dessas estruturas no contexto da cidade na qual estavam inseridas. Esse método é sempre pautado pela comparação, portanto só pode ser efetivo se houver material para isso. Pode ser resumido nas seguintes etapas:

- a) É necessário, em primeiro lugar, ter recolhido - e publicado - um lote importante de peças encontradas no local, de preferência nas áreas de habitação;
- b) É necessário também que as técnicas de produção empregadas se distingam facilmente daquelas de todas as séries importadas;
- c) É necessário igualmente que seja possível constatar a influência exercida pelas cerâmicas importadas, mas que também apareçam, nas formas ou nas decorações, as características originais dos oleiros locais;
- d) Por último, e o mais difícil ainda hoje, é determinante encontrar uma instalação de cerâmica que corresponda exatamente a essa produção ou, na falta disso, se basear em

⁷⁵ Confusões e interpretações equivocadas tanto de origem como de cronologia podem ocorrer devido a uma antiga prática arqueológica que consiste em atribuir a um conjunto característico de artefatos o indício de uma cultura que passa a ser designada pelo local ou sítio onde, pela primeira vez, foi encontrado ou onde é mais representado. Para maior detalhamento sobre essa questão, bem como exemplos de equívocos que podem ser gerados, ver CHILDE, 1961, p. 40-51.

⁷⁶ Segundo o autor (1992, p. 3), o termo cerâmica local (*local ware*, *τοπική κεραμική*, *ceramica locale*...) é frequentemente empregado entre os especialistas e se refere à cerâmica produzida no mesmo local onde foi encontrada.

análises de argilas indiscutíveis e suficientemente acuradas para permitir distinguir, no mesmo setor geográfico, as diferentes produções.

O método de Villard possui duas premissas que ele aplica ao material mais abundante, aquele que na maioria dos casos é o único disponível para a triangulação⁷⁷, ou seja, os vasos e fragmentos da produção local. O primeiro, consiste em identificar a produção local entre os achados de um determinado sítio; o segundo, parte da ideia de que os vasos importados, provenientes de grandes e prestigiados centros, possuem qualidade estética e técnica superior aos produzidos localmente, uma vez que foram importados por causa de sua qualidade.

Se desdobrada a primeira premissa, tem-se a noção de que a produção local só pode ser identificada em comparação e oposição com os vasos importados de origens diversas. Supõe-se que a cerâmica local seja formada pelo tipo mais numeroso e homogêneo dos achados em um sítio. É importante notar que a cerâmica local, neste caso, só pode ser identificada em oposição às várias cerâmicas diferentes que aparecem no registro de um sítio, onde tais vasos de estilo variado são em menor quantidade que um tipo de cerâmica mais homogênea, o qual se pressupõe ser local.

A tarefa pode ser facilitada quando esses tipos “intrusos” forem sistematicamente definidos, publicados e suas origens já são conhecidas. Por outro lado, assegurar que existiu uma produção local relacionada a um determinado sítio que se crê ter sido o centro produtivo, só é possível se houver um ponto de partida representado pela presença de cerâmica comum em quantidade suficiente e bem atestada, com técnicas e características. Em complemento, análises físico-químicas⁷⁸ devem confirmar os dados macroscópicos e contextuais para uma localização. Em outras palavras, é preciso existir estudos sobre as características das jazidas de argila locais para que se possa verificar se há correlação entre a argila desses depósitos e aquela utilizada nos vasos comuns que foram encontrados em contextos locais bem documentados. Posteriormente, o mesmo procedimento deve ser aplicado a vasos decorados não comuns e comparados com as análises da cerâmica comum para que haja uma confirmação da correlação físico-química entre os vasos decorados e os vasos comuns,

⁷⁷ A disponibilidade de todos os itens seria uma situação ideal onde seria possível fazer a triangulação, contudo na maioria dos casos só é possível obter 2 ou mesmo 1 elemento para posteriormente extrapolar os dados.

⁷⁸ Os métodos que compõem esse tipo de análise englobam análise petrográfica por microscopia óptica, espectrometria de emissão de raios X, entre outras. Exemplos de aplicação de algumas dessas técnicas em conjuntos de cerâmica grega e cerâmica cicládica do Período Geométrico podem ser conferidos em BOARDMAN, 1998, p. 11, JONES, 1986, p. 643-659; GAUTIER, 1993; VILLARD 1993. Para uma atualização das técnicas de análises físico-químicas disponíveis para cerâmica, ver HUNT, 2017.

verificando se ambos foram produzidos localmente com o mesmo tipo de argila (VILLARD, 1992, p. 7-8).

A segunda premissa é igualmente posta de maneira simplificada e uma análise mais detalhada levanta um ponto problemático. A crença de que os vasos importados, provenientes de grandes centros, como Ática e Corinto, por exemplo, possuem, na maioria dos casos, qualidade superior que os vasos que cremos ser de origem local e que frequentemente se inspiravam em modelos importados (VILLARD, 1992, p. 3). Esse postulado pode ser problematizado porque parte de um juízo de valor, uma vez que a comparação por escala valorativa de beleza e superioridade define *a priori* que somente os centros mais importantes, como Ática e Corinto, eram capazes de produções de qualidade superior. Embora nos contextos cicládicos do Período Geométrico seja possível identificar empréstimos, influências e cópias de estilos que detinham mais prestígios e abrangência, como o ático⁷⁹, deve-se ter em mente que as influências não eram assimétricas ou que a exposição a ela resultasse unicamente em cópia⁸⁰. O próprio Villard (1992, p. 5) critica a postura que interpreta a cerâmica local como uma espécie de cópia de menor qualidade das produções de centros maiores e mais prestigiados. O autor acrescenta que abordagens mais recentes levantam a possibilidade de reconhecer no interior de uma produção local, às vezes de uma mesma oficina, diferenças na qualidade técnica e inventiva das peças.⁸¹

De um ponto de vista teórico, essa situação é bastante natural uma vez que todo estilo de cerâmica é composto por certos elementos ornamentais, formais e técnicos que circulam em um determinado tempo e espaço e, nesse sentido, também pode ser entendido como um marcador cronológico. Os trabalhos de indivíduos isolados ou de oficinas podem ser interpretados como microestilos que compõem esse idioma comum. Certas características das produções podem caracterizar um indivíduo/artesão, uma oficina ou mesmo uma fase

⁷⁹ Cf. COOK, 1997, p. 30-33; COLDSTREAM, 2008, p. 164-189.

⁸⁰ Carol Dougherty (1993, p.6-7) demonstrou – utilizando como modelo teórico os estudos de Sahlins sobre a interação entre polinésios e britânicos no século XVIII d.C. - que o processo de encontro cultural é bem mais complexo do que a influência assimétrica, mesmo em situações de colonização, como no caso da colonização grega a partir do século VIII a.C., ocorrendo um processo de negociação cultural recíproca que afeta e causa mudanças em ambas as partes. Para exemplos de como esse processo afeta a cultura material, entre elas a produção de cerâmica, ver DESCOEUDRES, 1990. Kondoleon (1945-1947, p.1 apud COLDSTREAM 2008, p. 168) notou que apesar das ânforas cicládicas com alças no bojo do Geométrico Médio possuem o sistema decorativo muito fiel ao ático, apresentam peculiaridades locais na decoração da área das alças que é comum em todo o arquipélago, mas que raramente ocorre na produção da Ática. Basicamente todos os quatro grandes centros produtivos cicládicos do Geométrico Recente – Naxos, Paros, Melos e Tera – selecionaram algum motivo e forma externos para compor seu estilo, seja inovando na forma de representá-los, nas combinações ou na criação, Cf. COLDSTREAM, 2008, p. 171-189.

⁸¹ A existência, durante o Geométrico Recente nas Cíclades, de várias oficinas em uma mesma ilha, assim como a possibilidade de produções com técnicas diferentes em uma mesma oficina, foi discutida por Coulié (2007, p. 58-62). Villard (1993, p. 146-160), com base em análises físico-químicas chegou a conclusões semelhantes sobre a existência de várias oficinas operando nas ilhas, principalmente em Naxos durante o Período Geométrico.

estilística. Independente das particularidades, a maior parte dos motivos – é possível acrescentar também as formas - empregadas em muitas produções diferentes, sejam elas atribuídas a um artesão, uma oficina ou centro produtivo. Assim, o que marca a diferença, portanto a particularidade, é a maneira como esses elementos – formais, ornamentais e técnicos - foram articulados. Fica evidente a existência da diferença entre os elementos disponíveis e os circulantes em um dado período, a parcela que o artesão teve acesso e aqueles elementos que a unidade produtiva – artesão, oficina ou centro – de fato escolheu, e que, portanto, caracteriza sua produção (MORRIS, 1993, p. 47-49)⁸². Dito isso, conclui-se que a noção de cópia, levada ao extremo, é imprecisa para se referir a vasos que possuem características semelhantes.⁸³

Há, contudo, outra interpretação à constatação, em certos contextos, da maior abundância e qualidade superiores dos vasos importados em comparação com os locais. Esta explicação alternativa reside em considerar como altamente provável a ideia de que os vasos importados gozassem de maior prestígio em relação aos locais, o que resultaria na deposição desses objetos nos contextos mais conspícuos, como santuários e templos. Devido a escolhas das pesquisas e escavações, arqueólogos privilegiaram essas estruturas por serem mais visíveis e imponentes, sendo que as áreas das habitações, onde poderiam estar as oficinas locais e os descartes de vasos produzidos localmente foram deixados de lado. Assim, só recentemente se deu maior atenção à escavação e estudo desses locais (VILLARD, 1992, p. 4). Para o Período Geométrico nas Cíclades, podemos assumir que nos depósitos votivos e funerários há vasos de outras regiões, mas também muitos vasos cicládicos produzidos em outras ilhas do arquipélago, uma espécie de importação interna às Cíclades, o que é perfeitamente factível se levar em conta a ausência de centralização no arquipélago.

O método proposto por Villard, descrito acima, foi aplicado pelo autor com certo grau de sucesso em diferentes séries das Cíclades (VILLARD, 1992, 8)⁸⁴. Não obstante, Villard admite que somente a descoberta de uma ou mais estruturas físicas de oficinas locais podem aumentar a credibilidade à relação entre uma produção e um determinado local. Na ausência

⁸² Christine Morris desenvolve essa explicação para contextos pré-históricos da Grécia, onde a atribuição é sempre em níveis mais gerais. Não obstante, é perfeitamente aplicável ao Período Geométrico devido à virtual ausência de registros escritos que possam fornecer informações sobre os artesãos e as oficinas.

⁸³ Não se exclui a ocorrência de peças que foram produzidas com o intuito de serem cópias de fato. Entretanto, cada afirmação nesse sentido só pode ser feita após análise cuidadosa.

⁸⁴ Villard cita outros casos em que esse método foi empregado em conjuntos cicládicos por SALVIAT, 1983, p. 165-183, 191-200, 219-220 e JONES, 1986, p. 258-280, 642-662. Conferir também os estudos posteriores de VILLARD, 1993, p. 143-166 e de GAUTIER, 1993, p. 167-204, onde esse método é utilizado em análises físico-químicas da cerâmica cicládica para o programa *Recherche Coopérative sur Programme (RCP) Les Cyclades antiques*, financiado pelo CNRS e pela Université de Dijon entre 1980 e 1985.

desses indícios arquitetônicos - e valendo-se da caracterização de uma determinada produção a ponto da mesma ser individualizada e atribuída a um possível centro produtivo, a melhor escolha é suprir a lacuna de uma localização exata pela interpretação de que uma grande quantidade de achado de uma produção homogênea seja indicativa da localização próxima de um centro produtivo, conforme já mencionado. Contudo, quando possível, essa suspeita é apoiada pela comparação dos depósitos de argila de uma dada ilha com a composição da pasta dos vasos.

2.3 Classificando um Centro Produtivo

Após as definições apresentadas e da base material que as sustentam, tem-se os conceitos elementares de produção, circulação e centro produtivo. Contudo, cabe precisar e resumir o que foi trabalhado até o momento sobre as relações causais que levam a caracterização do centro produtivo e como ele deve ser interpretado, uma vez que não há registro material específico das estruturas físicas e arquitetônicas. Assim, o centro produtivo é definido por meio da cultura material e, especificamente para esta pesquisa, em função da já mencionada ausência de vestígios arquitetônicos, a cerâmica (produção). Há, contudo, a sua contraparte hipotética, ou seja, a organização do trabalho, sua localização (centro produtivo) e o escoamento dessa produção (circulação). Essa dinâmica que envolve esses três elementos - o centro produtivo, produção e circulação - pressupõe uma parte física (espaço, estrutura física, patrimônio, ferramentas), uma parte humana e uma parte abstrata, proveniente dessas relações, como trabalhadores, escravos, artesão, mestre, aprendiz, mercadores, consumidores, rede de trocas e contatos.

Essa cadeia de relações não pode ser acessada em sua totalidade porque não há vestígios que a sustente. O que é factível, tendo a cerâmica como fonte, é a separação dos vasos e fragmentos em grupos semelhantes, com base na técnica, forma e decoração, seguido com a atribuição dos diferentes grupos a possíveis e hipotéticos centros produtivos que, neste estágio, são apenas um rótulo. Em seguida, menos palpável é atribuir uma localização a esses rótulos. Essa tarefa é tanto mais complexa devido à já mencionada ausência das estruturas arquitetônicas desses centros, o que resulta em inferências feitas com base na frequência de um grupo de vasos encontrados em determinado lugar. A circulação dessas produções também é inferida com base na frequência com que determinado grupo é representado nos contextos de achado. Em suma, cada local onde um determinado grupo é encontrado pode ser

designado para uma das duas categorias: centro produtivo ou sítio consumidor. É possível sintetizar essas etapas classificatórias:

- a) Identificação e separação de atributos formais, ornamentais e estilísticos de um conjunto de vasos e fragmentos;
- b) Criação de categorias que congregam os vasos com características comuns, ou seja, grupos de vasos com semelhanças combinadas em técnica, formas e decoração;
- c) Levantamento dos locais onde essas categorias são representativas pela frequência e quantidade com que aparecem no registro arqueológico. Quando encontrados em mais de uma ilha pode indicar os locais para onde eram exportados; quando em grande quantidade em um mesmo lugar, pode indicar, ainda que uma hipótese, a origem.

As letras A, B e C, combinadas, criam a classificação e a existência hipotética de centro produtivo e rotas de circulação. Por último, há a atribuição de uma nomenclatura para cada centro produtivo assim definido. As nomenclaturas rotulam, identificam e sintetizam os atributos que caracterizam os centros produtivos.

O estudo de síntese foi conduzido por meio da revisão bibliográfica sobre o assunto, sobretudo do Geométrico Recente, uma vez que, nesta fase, as produções locais adquirem características próprias, acentuando a diferenciação entre si. Privilegiaram-se as publicações e relatórios de escavação das escolas estrangeiras de arqueologia na Grécia, que apresentam algumas reflexões relacionadas ao debate aqui proposto. O resultado é uma síntese dos estudos que resultaram nas nomenclaturas empregadas pelos diferentes autores para se referir aos centros produtivos cicládicos do Período Geométrico Recente, os atributos que os caracterizam, assim como das hipóteses mais aceitas para as localizações e as rotas de circulação.

3 INVENTÁRIO DOS LOCAIS DE ACHADO DE CERÂMICA CICLÁDICA DO PERÍODO GEOMÉTRICO

A cerâmica do Período Geométrico foi produzida em quase todas as áreas do Egeu (COLDSTREAM, 2008, p. 1), conforme discutido na segunda seção. Muitas dessas produções, principalmente aquelas atreladas a centros mais expressivos, foram circuladas amplamente pela região (DICKINSON, 2006, p. 136), deslocada principalmente por trocas de natureza variada (COLDSTREAM, 1983, p. 2-3, 201). Essas trocas raramente envolviam grandes lotes negociados por contato direto entre consumidor e o centro produtivo, e sim indiretamente, por meio de mercadores que comercializavam produtos de diferentes tipos, sendo os vasos muitas vezes objetos de segunda mão. Dickinson (2006, p. 200), destaca que as cargas dos naufrágios eram heterogêneas, contendo bens de várias origens transportados no mesmo navio. Por outro lado, o autor aponta o exemplo de Cnossos, onde vasos encontrados neste sítio, exceto os da ática, se dividem pontualmente de 900 a 700 a.C., limitados a algumas peças por geração, geralmente depositadas nas mesmas poucas sepulturas, na maioria das vezes as mais ricas. Esse tipo de contexto, conclui o autor, pode informar atividades além-mar ou conexões que algumas famílias mantinham com outras regiões, sendo esta últimas suportadas pelo fato de que em Cnossos outros bens do exterior aparecem em grande quantidade.

No tocante às movimentações de cerâmica, o panorama de distribuição é bastante complexo, ligando diferentes regiões. Para contextos do século IX a.C., os vasos áticos são os mais encontrados ao redor do Egeu, presentes nas sepulturas mais ricas. Há, inclusive, trocas com regiões do Oriente Próximo, principalmente em Lefkandi, onde a quantidade de objetos luxuosos, originários do Oriente Próximo, é grande. Por outro lado, a cerâmica de Corinto começa a aparecer em diferentes locais, chegando a cruzar o Golfo de Corinto para Fócida, ao passo que recipientes para perfume produzidos em Chipre passam a ser importados e produzidos localmente no Dodecaneso e em Cnossos. A cerâmica da Eubeia é bastante comum em Tiro, porém não é bem representada em Atenas, Chipre, Cnosso, nem nas Cíclades, onde as importações são áticas (DICKINSON, 2006, p. 215-216).

Nos diversos sítios arqueológicos cicládicos com ocupação do Período Geométrico, vasos e fragmentos produzidos localmente, assim como produções externas ao arquipélago, foram encontrados, sinalizando que havia nesta região alguma forma de circulação das cerâmicas cuja origem podia ser das próprias ilhas ou de outras regiões. Os achados de

cerâmica correspondentes ao Geométrico Antigo são exíguos, encontrados principalmente em duas áreas: grupo norte e grupo sudoeste (ver mapa 2), sendo que a produção do primeiro é mais próxima do estilo Subgeométrico Tessalo-Cicládico, ao passo que a do segundo é mais próxima da Ática. Em Fortetsa, Cnossos, uma ânfora, provavelmente produzida em Melos foi encontrada, sinalizando que vasos cicládicos alcançaram até mesmo Creta (COLDSTREAM, 2008, p. 164-165).

Quando o estilo ático se estende para a maior parte das regiões, durante o Geométrico Médio, as produções cicládicas adquirem certa uniformidade; entretanto, alguns achados possuem presença de material extracicládico, como vasos áticos, cretenses e coríntio em Reneia, áticos em Tera, além da circulação interna, principalmente de peças de Naxos que são encontrados em Reneia e Tera, sendo a grande maioria dos achados de cerâmica encontrados nessa última ilha originários de outras locais do arquipélago (COLDSTREAM, 2008, p. 165-169).

Os achados de cerâmica do Geométrico Recente são mais abundantes, facilmente reconhecidas as origens devido às características mais distinguíveis de cada produção⁸⁵, conforme discutido no capítulo 2. Internamente, a cerâmica de Naxos e Paros foram distribuídas em Delos⁸⁶. A produção de Melos aparece, além da própria ilha, em Címolo e em pouca quantidade em Sifnos, Delos e Tera. Esta última foi o destino de muitas ânforas de Paros e Sifnos (COLDSTREAM, 2008, p. 172-179).

Sobre possíveis contatos externos que o arquipélago manteve com outras regiões durante o Geométrico Recente é possível identificar a origem de alguns achados. De Naxos há vasos encontrados em Al Mina, Chipre, Delos, e fragmentos em Vrokastro, Creta. Em Egina e Al Mina fragmentos de Paros foram encontrados. Em Címolo, ilha próxima de Melos encontrou-se 2 cótilas estilisticamente pertencentes ao Geométrico Recente de Corinto. Por outro lado, vasos produzidos em Melos foram exportados para Cálcis, na Eubeia, para o Piraeus, na Ática, e para a Clazômenas. A maior parte dos vasos do Geométrico Recente produzidos em Tera foram encontrados localmente, em Messavouno e Sellada, mas alguns vasos importados de Corinto estavam associados aos vasos locais (COLDSTREAM, 2008, p. 172-173, 176, 181-183, 186-189).

Tendo exposto acima uma prévia do panorama da distribuição da cerâmica geométrica cicládica no Egeu, o restante deste capítulo será destinado a repertoriar os achados de cerâmica do Período Geométrico nas Cíclades, explorando a cronologia, distribuição, formas

⁸⁵ Cf. mais adiante na página 88.

⁸⁶ Posteriormente parte desse material foi transferido para Reneia por conta da purificação.

e decoração. Esse inventário seguirá uma ordem de afunilamento, partindo da macro visão, tendo o Egeu e o estilo cicládico como o contexto espacial maior, passando para a escala média de análise, referente aos centros produtivos das Cíclades, até a visão mais direcionada, a microescala, que concentrará sua análise em apenas uma ilha do arquipélago, Delos. Para este nível mais específico, portanto mais detalhado, será dedicado o capítulo 4; entretanto, as bases para esse conhecimento serão desenvolvidas no presente capítulo.

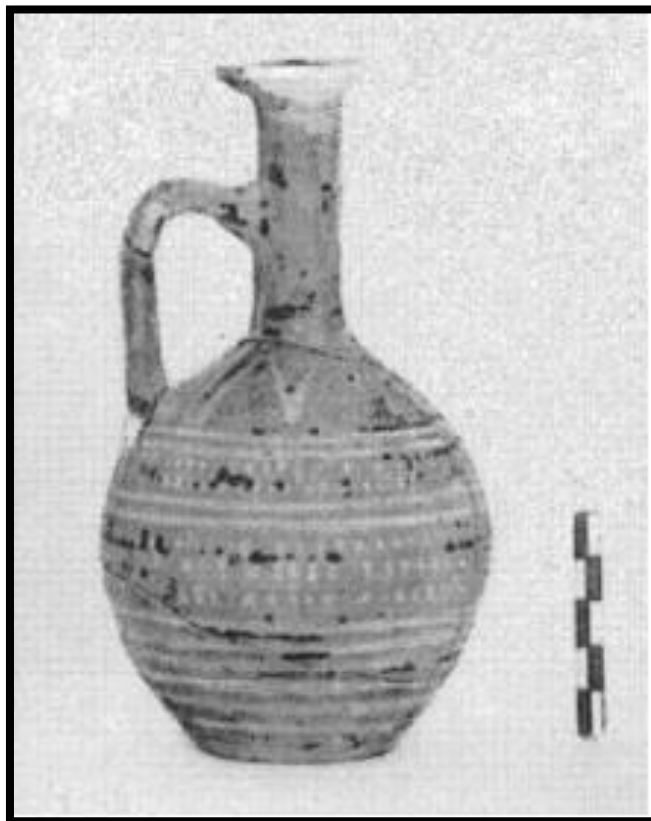
A cronologia detalhada dos diferentes estilos de cerâmica geométrica produzidas nas Cíclades, conforme apresentada na introdução, complementa as informações sobre datação e origem. Quando bem estabelecido, o conhecimento sobre a cronologia e origem dos diversos centros produtivos, facilita o enquadramento e datação de qualquer fragmento ou vaso que se analise. Essa tarefa – atribuição da origem e da datação – é facilitada pelas tabelas que são as sínteses dos debates (ver tabelas 3 e 4). Desta forma, ao descrever os materiais encontrados nas ilhas, é possível verificar e, se for o caso, redefinir as classificações e cronologia dos vasos e fragmentos, atribuindo, portanto, a origem e a datação.

Conforme apontado na introdução, compreender as motivações políticas e econômicas que ligam os centros produtivos aos locais de achado dos vasos confeccionados nesses centros foge ao escopo desta pesquisa. Estabelecer essas relações é uma tarefa complexa, segundo Coldstream (2008, p. 333). O autor sustenta que esse tipo de abordagem demanda estudo das especificidades de cada caso, argumento que encontra terreno na discussão sobre circulação apresentada no capítulo 2, por exemplo a posição de Cook (1997, p. 259-261, 264), segundo o qual o comércio no Egeu, desde o colapso do sistema palaciano micênico, prolongando-se pelo Geométrico, era conduzido por mercadores que transportavam mercadorias de origens diversas. Também vale lembrar que Dickinson (2006, p. 196-218) compartilha dessa interpretação ao defender que os contatos eram, às vezes, regulares, às vezes, oportunistas, entre regiões, sítios, famílias ou indivíduos, figurando mais no espectro de presentes do que de mercadoria de consumo regular. Entre essas mercadorias, os vasos de cerâmica são os mais abundantes, a julgar pelos vestígios encontrados. É de se supor que as trocas internas ao arquipélago também obedeciam a esse padrão, o que justifica a dificuldade em estabelecer as relações entre os centros produtivos e as partes consumidoras, restando se concentrar somente na distribuição.

Assim, nos contextos em que há afinidade formal e ornamental entre as produções de cerâmica de duas ou mais áreas, Coldstream (2008, p. 334) assume o compartilhamento de ideias por meio de artesãos itinerantes ou exportação de vasos o que explicaria a distribuição de diferentes produções pelos contextos arqueológicos atuais. Dois exemplares cicládicos,

provavelmente feitos com argila naxiana, um lécito (figura 1), encontrado no Artemision de Delos, na parte baixa da ilha, e um lécito-enócoa (figura 2), encontrado no Heraion de Delos, são cópias muito próximas de originais estrangeiros tardios, sendo o primeiro atizante e o segundo muito próximo ao estilo coríntio (COLDSTREAM, 2008, p. 175; DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 79; DUGAS, 1928, p. 24)⁸⁷. Exemplos como esses não são incomuns nas primeiras duas fases do Geométrico cicládico quando toda a produção do arquipélago tendia a se aproximar muito do estilo da Ática. No Heraion de Delos, na região do Santuário de Apolo de Delos e mesmo em Reneia há associações interessantes de vasos e fragmentos cicládicos e áticos (BRISART, 2017, p. 313-328). Na maioria das vezes uma produção local modifica os elementos do estilo no qual se baseou, indicando a fonte de inspiração e, conseqüentemente sua natureza local (COLDSTREAM, 2008, p. 334). Por outro lado, em alguns casos a diferenciação entre produção local cicládica e da Ática se torna bastante complicada sem o recurso a análises físico-químicas complementares.

Figura 1 – Lécito atizante do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 15 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XXXIX, B (Bb 32).

⁸⁷ Para comparação com um lécito-enócoa de Corinto, ver COLDSTREAM, 2008, p. 175, pl. 21c.

Figura 2 – Lécito-enócoa do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 17 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 36 (b).

O próprio autor dá pouca credibilidade à sua suspeita inicial, argumentando que é pouco provável que em todos estes casos em que uma produção local tentou emular um estilo mais abrangente, ou nos casos em que se identifiquem formas, ornamentos e estilo muito semelhantes entre duas regiões, sejam por causa da ação de artesãos itinerantes. Parece um excesso de argumentação supor que a maior parte dos vasos atizantes distribuídos em contextos egeanos do Protogeométrico Recente (950-900 a.C.) ao Geométrico Médio - períodos de maior difusão do estilo ático e/ou derivados do ático – tiveram como agentes os artesãos itinerantes originários da Ática. Tal demanda seria desproporcional, pelo menos do ponto de vista lógico, para um conjunto de saberes em técnicas restrito a alguns indivíduos que já atendiam à demanda de sua região, além de eventuais demandas externas (COLDSTREAM, 2008, p. 334). Em contrapartida, a exportação de vasos de centros influentes se apresenta como a explicação mais convincente porque artesãos sediados em sua região gastariam mais tempo produzindo do que se deslocando, estabelecendo-se em algum lugar, obtendo matéria prima, adquirindo clientes e, só depois, produzindo. Todo esse

processo se repetiria cada vez que migrasse de uma região a outra. Outro ponto a favor do comércio é a capilaridade dessas exportações. Exigiria muito tempo, recursos e contatos de indivíduos que dedicavam boa parte do seu dia a trabalho artesanal. Por outro lado, mercadores com conhecimento de demandas regionais e contatos são os agentes que provavelmente distribuíram esses vasos irregularmente.

Em Delos, os vestígios arqueológicos, como os exemplos supracitados (figuras 1 e 2), suportam a interpretação de que a atividade de exportação de vasos era a responsável pelas trocas estilísticas entre as regiões, conseqüentemente a semelhança das produções. Nesse sentido, a síntese dos achados feita por Thomas Brisart (2017, p. 313-328), indica que vasos de estilos prestigiados, como o ático, foram importados e utilizados como protótipos em locais distantes da sua origem.

Em qualquer lugar que uma produção local se pautou por modelos externos, a existências de protótipos pode ser inferida mesmo que não tenham sido encontrados. Quando essa influência é mantida por longo período, um fluxo constante de importação deve ser assumido (COLDSTREAM, 2008, p. 334). Assim, o alcance do estilo da Ática pode ser sentido nos três níveis de análise aqui propostos. Em nível macro, os vestígios dessa influência se estendem por todo o Egeu durante o Período Geométrico. Na média escala, a produção cicládica da cadeia norte durante o Geométrico Antigo e, posteriormente, a maior parte do arquipélago durante o Geométrico Médio apresenta forte semelhança com o estilo da ática, mantendo, mesmo durante o distanciamento dos padrões áticos e desenvolvimento de características específicas, durante o Geométrico Recente, elementos dessa tradição. Esse contato também pode ser observado na microescala, tendo Delos como referência, onde no Hieron, região baixa da ilha e próxima ao porto antigo (ver mapa 5), há bastante presença de cerâmica ática ou atizante.

Conforme o que foi apresentado até o momento, pode-se afirmar que não há uma regra ou modelo absoluto que explique as motivações da circulação dos vasos. As possibilidades transitam entre a movimentação de mercadorias de comércio, bens de colonizadores ou residentes externos e oferendas votivas de visitantes. Entretanto, segundo Coldstream (2008, p. 334) o comércio pode ter figurado como o motivo mais forte para a circulação da cerâmica Geométrica. Tomando essa afirmação como verdadeira, fica evidente que nuances do comércio afetam as várias possibilidades elencadas para a circulação dos vasos, mesmo a existência de artesãos itinerantes não descarta uma demanda comercial. Neste sentido, seria esta mais uma faceta do comércio, assim como as importações e exportações. Portanto, retomando Coldstream (2008, p. 334), a existência do comércio deve ser assumida sempre

que não houver nenhuma evidência contrária que implique o movimento de pessoas. Isso é suportado pela evidência de cemitérios do Período Geométrico, onde vasos importados estão sempre associados com ritos locais de enterramento, e nunca com ritos da região onde foram feitos, ou seja, são vasos importados utilizados em contexto cultural local (COLDSTREAM, 1983, p. 201).

Conforme já discutido na introdução, embora difícil de detectar a conjuntura social e política do período, há a possibilidade de pensar a produção e a circulação de vasos durante o Período Geométrico – de maneira bastante generalizada - em um contexto histórico de retomada dos contatos e mudanças na organização política e social do Egeu. Nesse sentido, Coldstream (2008, p. 332) identifica dois grandes desdobramentos históricos de extrema importância detectáveis na literatura e na arqueologia. Em primeiro lugar, a acentuação das divisões e diferenças locais no Egeu e, em segundo lugar, a expansão dos gregos para além do Egeu. Outro ponto importante não mencionado pelo autor de forma direta, mas cujo acréscimo nesta análise facilita a compreensão do contexto, é a formação e consolidação de núcleos urbanos durante o Período Geométrico. Esses três processos estão imbricados, uma vez que a acentuação das divisões e diferenças locais estão atreladas à consolidação de comunidades locais que se fortalecem e constituem núcleos urbanos. Com divisões bem estabelecidas, crescimento urbano e populacional, essas comunidades passam a se expandir pelo mar, seja procurando novas rotas para abastecer a demanda local, seja estabelecendo colônias. Nessa conjuntura, há a retomada das trocas e comunicação do Egeu, tanto em nível interno, quanto externo.

Aparentemente, a diversificação de estilos foi encorajada pelo crescimento da autonomia. Porém, o reverso não é verdade, a propagação de estilo ático, sobretudo durante o Geométrico Médio, não significou, necessariamente, retorno à unidade política ou subordinação política. Vale lembrar que a autonomia dos estilos não aconteceu de maneira contínua. Em dois momentos, parece ter havido um movimento rumo à homogeneidade. No final do século X a.C., ainda no Protogeométrico Recente, e entre 850 e 750 a.C. durante o Geométrico Médio, ambos conduzidos pela Ática e imitados pelas outras regiões. Contudo, os horizontes de expansão da cerâmica ática não encontram reflexos, por exemplo, na expansão dos ritos funerários, pois os ritos nessas partes continuam destoantes do ático. Registros literários esparsos apontam para que Argos e a Eubeia eram potências políticas no Geométrico, por outro lado, há completo silêncio sobre a influência ateniense (COLDSTREAM, 2008, p. 334). Essas constatações endossam a hipótese de que a produção

de cerâmica não se conectava diretamente e necessariamente às questões políticas e institucionais.

Essa conjuntura identificada por Coldstream está inserida no contexto da acentuação das diferenças locais que está atrelada à descentralização política e aparecimento de centros urbanos dentre os quais alguns abrigariam centros produtivos de cerâmica. O caso da comparação entre Atenas e Cálcis, mencionado no capítulo 1, é emblemático desse contexto. Há, nestes dois centros poder econômico e possivelmente político forte, contudo em Cálcis não se desenvolveu um centro produtivo importante de cerâmica, motivo da ausência de registro. Por outro lado, a expansão dos gregos, ponto importante desse contexto, para além do Egeu se confunde com a fundação de colônias, atividade comercial e a retomada dos contatos e circulação de bens variados pelo Egeu dos quais Cálcis é importante.

Especificamente para a análise de nível médio, o contexto é fornecido pela compilação de dados cerâmicos publicados principalmente pela obra monumental de Coldstream, *Greek Painted Pottery a survey of ten local styles and their chronology* (2008). Nesse trabalho, o menor nível de análise será representado pelo estudo de caso de Delos. Como dito anteriormente, o conteúdo dessa análise será apresentado no próximo capítulo por se tratar de um estudo específico. No restante deste capítulo será apresentado e discutido o inventário dos achados de cerâmica geométrica nas Cíclades. As informações obtidas desta maneira são resultado das atividades de produção e circulação.

3.1 O Inventário

Para delinear o quadro geral das movimentações de material cerâmico nas Cíclades, é preciso recorrer à já detalhada obra de Coldstream, *Greek Geometric Pottery*, edição revisada e ampliada de 2008. O método empregado consistiu em filtrar nessa publicação (COLDSTREAM, 2008, p. 411-414) os vasos e fragmentos de origem cicládica que foram encontrados nas Cíclades. A tabela 2 facilita a visualização do levantamento, em que também se optou por inserir vasos encontrados na Eubeia devido à proximidade geográfica. Foi mantida a organização de Coldstream: para cada local há o nome do sítio, o contexto arqueológico onde o material foi encontrado, a publicação em que consta o museu no qual está armazenado, e a datação. Informações adicionais de outros autores, atualizações e menções a outros materiais foram acrescentadas ao texto, sempre com a indicação bibliográfica. Este inventário não deve ser lido como um levantamento exaustivo ou mesmo

definitivo, mas uma versão resultante dos métodos e escolhas aqui empregados, portanto uma amostra.

Esta compilação de informações contribuirá para a compreensão da dinâmica de distribuição desses vasos. Em primeiro lugar porque o mapeamento dos locais onde há cerâmica geométrica cicládica leva a duas possibilidades, o local pode ter sido um centro produtivo ou pode ter recebido vasos de um centro produtivo. Essa questão foi desenvolvida por meio do estudo e classificação propostos no debate bibliográfico do capítulo 2, complementando, portanto, o conhecimento dos possíveis locais de produção. Desse modo, é consenso dos autores mais recentes (COOK, 2007; COLDSTREAM 2008; COULIÉ, 2013) que nas ilhas de Naxos, Paros, Melos e Tera funcionavam os principais centros produtivos do Geométrico Recente, ao passo que os outros locais que serão elencados aqui tratavam, em sua maioria, de consumidores ou pontos específicos das rotas por onde essa produção circulava. Em suma, os centros produtivos são poucos, mas os locais que receberam a cerâmica são muitos.

Tabela 2 - Levantamento de cerâmica cicládica em contextos locais e da Eubeia.

Região	Localidade	Tipo do Sítio	Cronologia	Museu	Publicação	Referência Coldstream	Observações
Cíclades	Andros, Amonakliou	?	GM	Andros	Sauciuc, Andros, fig. 59.	p. 166.	-
Cíclades	Andros, Zágora	Sepulturas	SubPG, GM	Andros	PGP 161-163, pl. 16.	p. 166, 168-170.	-
Cíclades	Andros, Zágora	Habitação	GM II - GR	Míconos	BCH 85, 839, fig. 8 (Andros, não Samos)	-	-
Cíclades	Delos, Hieron de Apolo e Artemis	Santuário	SubPG, GM-GR	Delos	BCH 35, 350 ff. Délos XV, passim.	p. 153-157, 166 ff., 173-181.	Toda cerâmica importada, em sua maioria "Pariana" e Naxiana.
Cíclades	Delos, Heraion	Santuário	GR, EPC.	Delos	Délos X, pl. 9, 37-38.	p. 175.	
Cíclades	Ceos, Ay. Irini	Santuário	GR	Ceos	Hesperia 33, 333.	p. 164, n. 1.	
Cíclades	Címolo, Hellenika	Cemitéria	GM-GR	Címolo	BCH 78, 146, figs. 41-44	p. 165, 167 ff., 181-185.	Não publicado totalmente
Cíclades	Címolo, Hellenika	?	GA-GR	Coleção privada	AM 69-70, 153 ff., Beil. 56-61	-	-
Cíclades	Melos, área da cidade Clássica	Cemitério	GA-GR	Atenas	JdI 14, 33ff.	p. 165, 167ff., 181-185.	Muitos outros vasos, não publicados,

							em Atenas, Melos, Leiden (?), Londres, e outros.
Cíclades	Melos, área da cidade Clássica	Cemitério	GA-GR	Melos ?	BSA 2, 70-71.	p. 165, 167ff., 181-185.	Muitos outros vasos, não publicados, em Atenas, Melos, Leiden (?), Londres, e outros.
Cíclades	Melos, área da cidade Clássica	Cemitério	GA-GR	Melos	JOAI 39, 54 ff.	p. 165, 167ff., 181-185.	Muitos outros vasos, não publicados, em Atenas, Melos, Leiden (?), Londres, e outros.
Cíclades	Melos, área da cidade Clássica	Cemitério	GA-GR	Sèvres	CVA Sèvres, pl. 11, nos. 9, 11-14	p. 165, 167ff., 181-185.	Muitos outros vasos, não publicados, em Atenas, Melos, Leiden (?), Londres, e outros.
Cíclades	Melos, área da cidade Clássica	Cemitério	GA-GR	Amsterdam	CVA Scheurleer 11f., pl. 1, 3	p. 165, 167ff., 181-185.	Muitos outros vasos, não publicados, em Atenas, Melos, Leiden (?), Londres, e outros.
Cíclades	Melos, área da cidade Clássica	Cemitério	GA-GR	Munich	CVA Munich 3, pl. 141, 1-2	p. 165, 167ff., 181-185.	Muitos outros vasos, não publicados, em Atenas, Melos, Leiden (?), Londres, e outros.
Cíclades	Melos, área da cidade Clássica	Cemitério	GA-GR	Schloss Fasanerie	CVA Schloss Fasanerie 2, pl. 55	p. 165, 167ff., 181-185.	Muitos outros vasos, não publicados, em Atenas, Melos, Leiden (?), Londres, e outros.
Cíclades	Naxos, sítios na e próximo a Naxia: Aplomata	Cemitério	GR	Naxos	Ergon 1963, 151, figs. 163-164.	p. 172 n.4	Não publicado totalmente
Cíclades	Naxos, sítios em e próximo Naxia: Grotta	Assentamento	GM	Naxos	AE 1945-1947, 1ff.	p. 168	Não escavado.
Cíclades	Naxos, Gymnasium	Sepulturas	GM-GR	Naxos	PAE 1937-1938, 117 ff.	p. 166 ff.	Não totalmente publicado.
Cíclades	Naxos, Kaminaki	Assentamento	GR	Naxos	PAE 1939, 119 ff., fig. 2	p. 173 n.8	Não totalmente publicado.
Cíclades	Naxos, Palati	Assentamento	GR	Naxos	AM 54,	p. 172 ff.	Não escavado

					152 ff., Beil. 53-54		.
Cíclades	Paros, Acropolis	Assentamento	GM-GR	Paros	AM 42, 73 ff.	p. 166, 176 ff.	-
Cíclades	Paros, Delion	Santuário	GM-GR	Paros	Rubensohn, Delion 85 ff., pls. 14- 17	p. 166, 176 ff.	-
Cíclades	Reneia, Parakastri	“Sepulturas”	SubPG, GA-GM	Míconos	PGP 156- 158, pls. 18-19	p. 152-156, 165 ff.	
Cíclades	Reneia Fossa da Purificação	Cemitério depósito	SubPG, GM-GR	Míconos	Délos XV, passim	p. 153-157, 165 ff., 173- 181	Material de sepultura removido de Delos em 426 a.C.
Cíclades	Sífno, Kastro	Assentamento	GA-GR	Sífno	BSA 44, 33 ff.	p. 165, 167, 176.	-
Cíclades	Tenos, Exoburgo	Santuário	SubPG, GM-GR	Tenos	PAE 1953, 258 ff.	-	Cerâmica não publicada
Cíclades	Tenos, Kambos	“Sepulturas”	PG	Tenos	-	p. 149-151	-
Cíclades	Tenos, Kardiani	Sepulturas	SubPG, GM	Tenos	Ann. 8-9, 103 ff.	p. 152-155, 166 ff.	-
Cíclades	Tenos, Ktikados	Sepulturas	SubPG, GA-GM	Tenos	Pls. 32c; 33 a-b, e, h	p. 152-155, 166ff.	-
Cíclades	Tenos, ?	“Sepultura”	SubPG	Vaticano	PGP 158- 159, pl. 25a	p. 152-155.	-
Cíclades	Tera, Messavouno	Cemitério	GM-GR	Tera	AM 28, 96 ff.	p. 104, 166 ff., 176 ff., 185-189.	Muitas importações de diferentes fontes.
Cíclades	Tera, Sellada	Cemitério	GM-GR	Tera	Thera II, 13 ff. AM 73, 128ff. Beil. 97-98	p. 176 ff., 185-189.	Muitas importações de diferentes fontes.
Eubeia	Avlonari, próximo a Kymi	Sepulturas	GR?	Cálcis?	PAE 1941- 1944, p. 39, fig. 9.	-	
Eubeia	Cálcis, Kamares	Habitação	SubPG-GR	British School at Athens	BSA 52, 1ff., pl. 1	p. 368	Não escavado.
Eubeia	Cálcis, Gyphtika	Poços	SubPG-GR	Cálcis	ADChr 16, 151, pl. 132 b-c	p. 368	Não publicado totalmente.
Eubeia	Cálcis, Nea Lampsakos	“Sepulturas”	SubPG, EGII	Cálcis	ADChr 16, 150	p. 152, 154	-
Eubeia	Erétria, Ta Magazia, Oeste da cidade moderna	Cemitério	GM II-GR	Erétria, Atenas	AE 1903, 1ff.	p. 167 ff., 189-195, 354.	Mais peças publicadas em BSA 47, 1ff.
Eubeia	Erétria, W. Gate area	Cemitério	GM II - GR	Erétria	AntK 9, 108 ff.	p. 368-370.	
Eubeia	Erétria, W. Gate area	Cemitério	GR	Erétria	AntK 10, 134-135, pl. 38.	-	Com importações cipriotas.
Eubeia	Erétria, Templo de Apolo Daphnephoros	Santuário	GM II - GR	Erétria	BSA 47, 1ff., pls. 1- 3.	-	Inclui algumas peças da Ta Magazia graves
Eubeia	-	-	GM II - GR	Erétria	PAE 1952, 153 ff.	-	Uma peça PG

Eubeia	-	-	-	Erétria	PAE 1955, 125 ff.	-	-
Eubeia	-	-	-	Erétria	ADChr 17, 155, pl. 167e.	-	-
Eubeia	-	-	-	Erétria	ADChr 20 (1965), 285-287, pls.	-	-
Eubeia	-	-	-	Erétria	336-337	-	-
Eubeia	Kerinthos	?	SubPG	British School at Athens	BSA 52, 7, n. 34. BSA 61, pl. 10 d.	-	-
Eubeia	Lefkandi, ou "Xeropolis"	Habitação	SubPG, GA-GR	Erétria	AR para 1965-1966, 10, fig. 14. AJA 69, pl. 85. BCH 89, 844, figs. 3-4. BCH 90, 899, figs. 3-4. Lefkandi (1968), 23 ff.	p. 155 n. 2, 164, 167, 189-195.	Resultados preliminares. Assentamento destruído ou abandonado antes do fim do GR.
Eubeia	Limni	?	GM	Limni	BSA 61, 49, n. 51, pl. 21 e.	-	-
Eubeia	Theologos, perto de Cálcis	"Sepultura"	SubPG, GA	Cálcis	ADChr 16, 152, pl. 133 d.	p. 152.	-
Norte das Espórades	Skyros	Sepulturas	SubPG	Skyros	Ver PGP 165-166	p. 152	Não publicado

Fonte: COLDSTREAM, 2008, p. 411-414.

No inventário abaixo, há a reunião dos principais contextos de achado de vasos cicládicos distribuídos no próprio arquipélago. Longe de ser exaustivo, o objetivo é uma sistematização representativa dos diferentes contextos existentes nas ilhas que compõem as Cíclades. Enfatizaram-se os achados de cerâmica produzidas e distribuídos no arquipélago porque a circulação local parece ter sido mais intensa. O inventário segue a classificação estabelecida como produto do debate do capítulo 2, e traz informações básicas sobre os centros produtivos, suas respectivas cronologias e o tempo durante o qual permaneceram em atividade. De modo a organizar a apresentação, o material foi organizado por critério de cronologia, seguido pelo centro produtivo e pelos sítios onde foram encontrados. Alguns sítios arqueológicos elencados possuem mais material que outros. Isso pode refletir uma questão da formação do registro arqueológico, mas também escolha de escavação.

Mapa 4 - Agrupamento de ilhas conforme posição geográfica nas Cíclades e proximidades



Fonte: Dickinson, 2006, p. 208, fig. 7.1. (adaptado).

Em cada uma das dez ilhas onde vasos cicládicos foram encontrados, exceto Delos, Címolo e Reneia, havia produção local de cerâmica. Como não há aparente influência hegemônica de nenhuma ilha sobre as outras, a variação estilística no arquipélago é muito grande (COLDSTREAM, 2008, p. 164). As características ficam cada vez mais distintas conforme o Período Geométrico avança e é possível reconhecer as diferenças locais com maior facilidade.

3.1.1 Subprotogeométrico

O centro produtivo Tessalo-Cicládico é estilisticamente relacionado a uma fase dita Subprotogeométrica, definida em função da permanência de elementos estilísticos e formais protogeométricos em algumas regiões, entre elas as Cíclades, quando, na Ática, acontece a transição para a primeira fase do Geométrico, o Geométrico Antigo. Por ser homogênea e distribuída por uma área grande, porém diferente da produção ática, durante período no qual existiu, a suposta localização geográfica das oficinas acaba por ser abrangente. Segundo Coldstream (2008, p. 148-150), a área compreendida pelo centro produtivo Tessalo-cicládico é composta por 4 distritos: Halos, Skyros, Cálcis e Kambos, em Tenos. É provável que os centros estivessem situados na Tessália e/ou no norte das Cíclades. Se a análise for restringida às Cíclades, região de interesse dessa pesquisa, é possível delimitar ainda mais a região tendo em vista que nesse arquipélago os achados de vasos desse centro produtivo se concentram na cadeia norte.

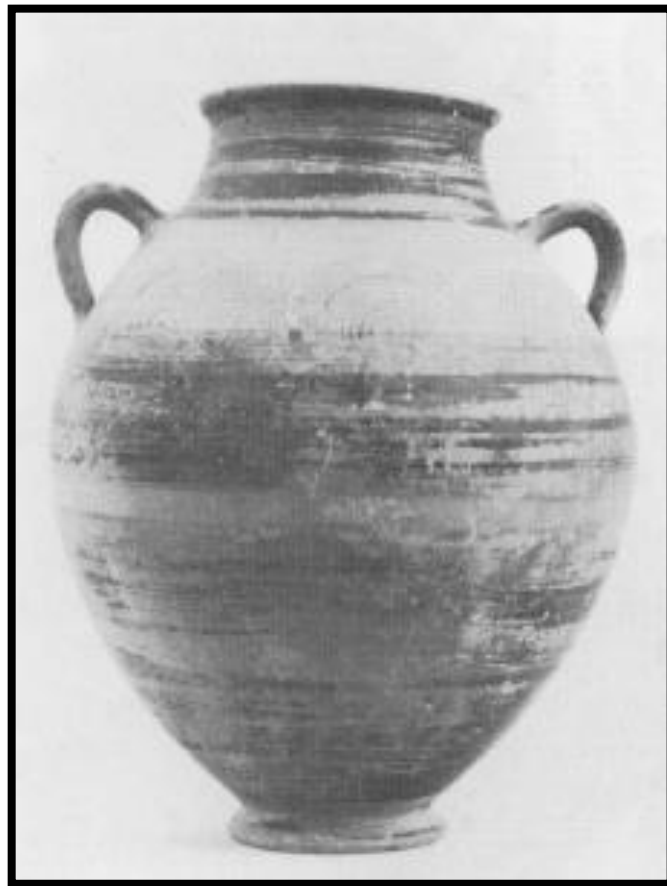
De fato, boa parte do material encontrado em contexto cicládico parece ser proveniente de Tenos, todos de contexto funerário e provavelmente da mesma sepultura. Cinco dos vasos cicládicos que Coldstream (2008, p. 149) elege como significativos da produção desse centro, contemporâneos do Protogeométrico Recente ático, foram encontrados em Tenos e, segundo o próprio autor, são produzidos com argila local. Em contrapartida, o autor menciona que supostamente realizou um estudo mais amplo com potencial e tendência a indicar que a origem desse centro produtivo era a Tessália. Essa impressão parece não ter se confirmado, pois no suplemento de atualização, anexo à edição revisada e ampliada do *Greek Geometric Pottery*, de 2008, Coldstream (p. 459-481) não incorpora nenhuma revisão sobre esse assunto.

O que não foi considerado pelos autores é que, nesse período, as fronteiras políticas podiam ter outra configuração, e a fronteira geográfica ser mais permeável a uma lógica cultural. Mesmo a barreira representada pelo mar, separando as Cíclades da Tessália, podia não representar um limitador a oficinas que operavam nessas duas áreas sob os mesmos preceitos estilísticos e técnicos. Essa interpretação não é improvável se a área que se estende da Tessália, passando pela Eubeia, até o norte das Cíclades, for pensada como um corredor cultural alternativo por onde circulavam as trocas. Talvez essa rota tenha figurado como concorrente, ou mesmo complementar, àquela que intercambiava o eixo Ática-Cíclades.

Desse modo, a produção deste centro pode ser encontrada principalmente em: Andros (Zágora), Reneia (Fossa de Purificação), Reneia (Parakastri; Parakastri, 'Τάφος 14'), Tenos

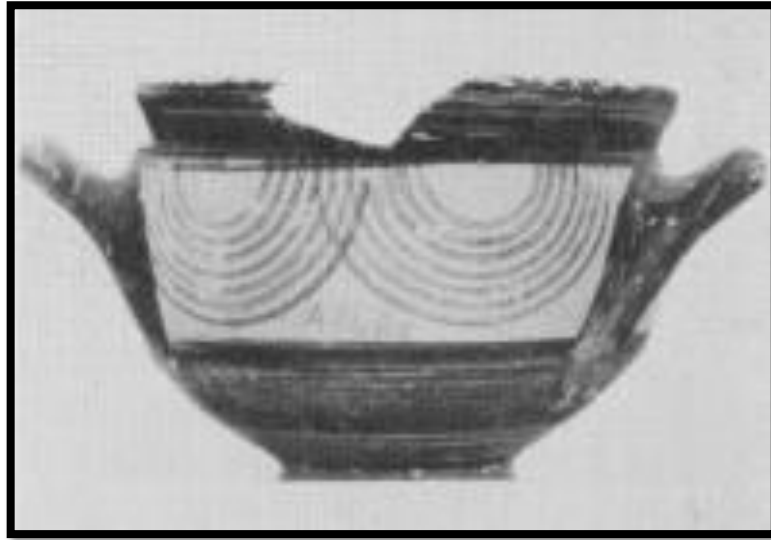
(Exoburgo), Tenos (Kambos, “grave group”), Tenos (Kardiani), Tenos (Ktikados, Gr 1) - (COLDSTREAM, 2008, p. XIX, 149). Além disso, é comum em uma ampla área que não recobre só o norte das Cíclades, mas também a Tessália e Eubeia (COLDSTREAM, 2008, p. 148). Ao longo do tempo, algumas formas desse centro produtivo continuam sendo confeccionadas com suas características locais, enquanto outras adquirem elementos áticos. Os dois tipos acabam sobrevivendo até o período contemporâneo ao Geométrico Médio ático, como o anforisco (figura 3), cuja forma se torna exclusiva das Cíclades e recebe influência da Ática, e o esquifo decorado com semicírculos pendentes que mantém seu formato tradicional (figura 4) (COLDSTREAM, 2008, p. 155-156). Aparecem na já mencionada cadeia norte, além de Naxos.

Figura 3 – Anforisco do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 31,5 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 32 (f).

Figura 4 - esquifo com semicírculos pendentes do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 9,3 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 32 (e).

Segundo os grupos significantes apresentados por Coldstream (2008, p. 149-155), a primeira fase é composta principalmente por anforiscos (figura 3), esquifos (figura 4), jarros e taças. Muitos são bastante semelhantes aos vasos áticos do Protogeométrico Recente encontrados no Cerâmico, outros possuem formatos bicônicos locais.

Boa parte dos vasos contemporâneos do Geométrico Antigo ático estão decorados com uma inovação que se torna o principal motivo circular: os semicírculos pendentes, que aparecem em esquifos de pé baixo, anforiscos e grandes crateras. Círculos no interior e semicírculos em pé também são utilizados em esquifos. Os vasos produzidos nas Cíclades parecem ter sido decorados com mais cuidado, principalmente os motivos circulares, se comparados com os vasos produzidos na Tessália (COLDSTREAM, 2008, p. 152-153). Ornamentos retilíneos são reservados para decorações minoritárias: diagonais opostas, triângulos sem preenchimento, usados em ânforas com alças no pescoço, anforiscos e taças (COLDSTREAM, 2008, p. 153).

Cronologicamente, o centro produtivo Tessalo-Cicládico esteve em atividade no final do Protogeométrico Recente e se manteve até pouco depois da transição para o Geométrico Antigo, em termos áticos. É possível perceber um processo, pois esses vasos são bastante próximos das características áticas no início, por causa do alcance que os vasos do Protogeométrico tiveram no Egeu, mas vão adquirindo características locais porque o Geométrico Antigo ático é menos propagado. Essa fase Subprotogeométrica do centro produtivo Tessalo-Cicládico é contemporâneo do Geométrico Antigo ático (COLDSTREAM,

2008, p. 154-155). Algumas formas se mantêm mesmo com a chegada da influência do Geométrico Médio I da ática (850-800 a.C.). Nas Cíclades, há a permanência do anforisco e do esquiço decorado com semicírculos pendentes (COLDSTREAM, 2008, p. 155). Os esquiços das sepulturas de Reneia (exemplo figuras 5 e 6)⁸⁸ representa o ponto máximo dessa produção Subprotogeométrica e corresponde ao Geométrico Médio I ático (COLDSTREAM, 2008, p. 156-157).

Figura 5 - Esquiço com semicírculos pendentes do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 7,6 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XXVI B (7).

⁸⁸ Cf. grupo Ae 4-19 em Dugas e Rhomaios (1934, p. 52-54).

Figura 6 - Esquifo com semicírculos pendentes do Grupo Norte (Subprotogeométrico); altura: 10 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XXVI B (16).

3.1.2 Geométrico Antigo

As evidências são poucas, mas se concentram principalmente em dois grupos de ilhas: o Grupo Norte e no Grupo Sudoeste (COLDSTREAM, 2008, p. 164). No Grupo Norte é mantido seu estilo Subprotogeométrico, dividido com a Eubeia, Esquiro e Tessália. Essa produção está em sua fase mais homogênea, sendo que pouca quantidade dos vasos encontrados apresenta características do Geométrico Antigo ático. Aparentemente, essas ilhas cicládicas tinham poucos contatos com a Ática e, principalmente, com Atenas (COLDSTREAM, 2008, p. 164-165). Por outro lado, no Grupo Sudoeste não há sinais de produção Subprotogeométrica, porém a proximidade com o estilo ático é mais acentuada. Destaca-se uma oficina de ânfora com alças no bojo que existiu em Melos⁸⁹. Vasos dessas duas variedades – uma subgeométrica e outra atizante - do Geométrico Antigo foram distribuídos em Címolo, Reneia, Sifnos e Tenos (Ktikados, Gr 1) (COLDSTREAM, 2008, p. 164-165).

Assim, conclui-se que os centros produtivos representantes da produção de cerâmica do Geométrico Antigo são dois. O primeiro, localizado em Tenos, era fiel ao estilo

⁸⁹ Cf. nota 86.

Subprotogeométrico, ao passo que o segundo, localizado em Melos, era especializado em ânforas atizantes com alças no bojo (figura 7-a), porém a decoração desses vasos traz três círculos na região entre as alças ao invés de dois, como acontecia nos exemplares áticos (figura 7-b). As principais formas confeccionadas nas oficinas do Grupo Norte, subgeométrico, foram enócoas e esquifos, com pouquíssimo material atizante. Os elementos áticos também se confundem com elementos de Corinto, Argos e Tessália. O Grupo Sudoeste não apresenta traços do estilo Subprotogeométrico, fazendo com que os vasos com proximidade do estilo ático sejam mais destacados. Nesse sentido, além de ânforas com alças no bojo, também produziu formas menores, típicas do Geométrico Antigo II ático (875-850 a.C.), como enócoas de base ampla, taças e cântaros com alças baixas. Em Címolo e Sifnos, foram produzidos léцитos-enocoas e esquifos rasos (COLDSTREAM, 2008, p. 165).

Figura 7 – ânforas do Geométrico Médio. a) produzida em Melos, altura: 73 cm; b) produzida na Ática, altura 71,5 cm.



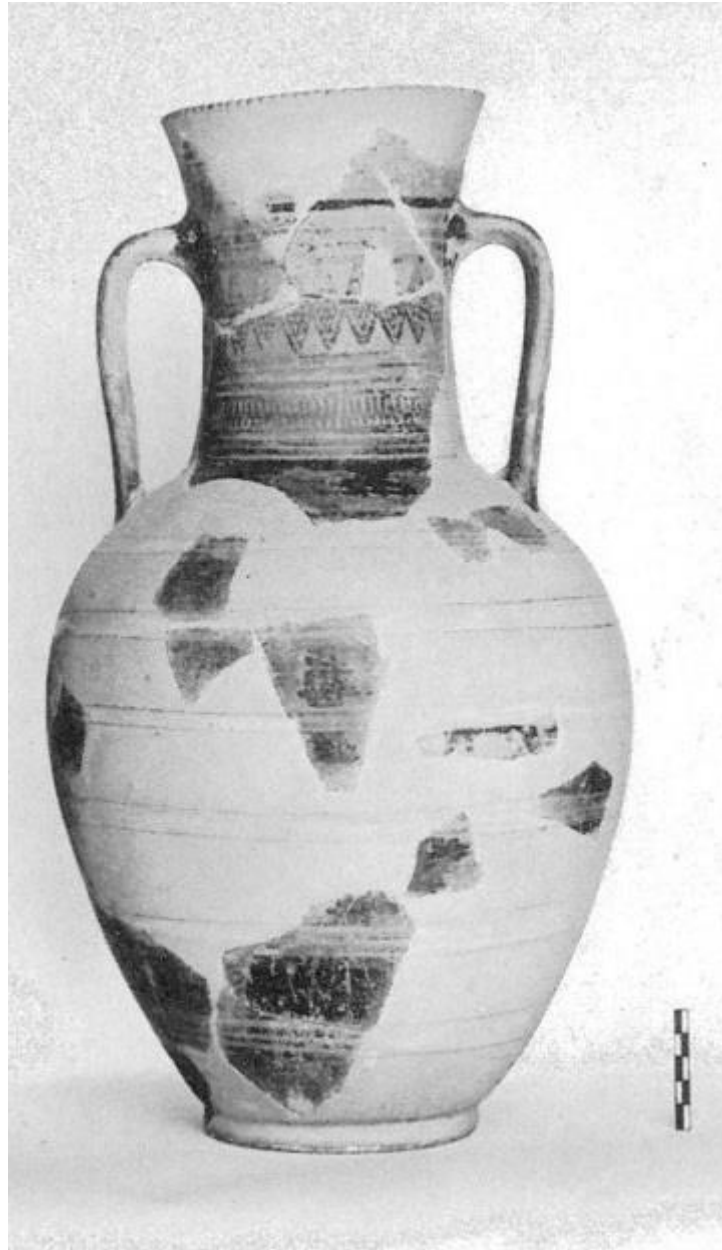
Fonte: a) COLDSTREAM, 2008, prancha 34 (m); b) COLDSTREAM, 1995, prancha 97 (b).

3.1.3 Geométrico Médio

Para os centros produtivos do Geométrico Médio, Coldstream (2008, p. 165) não elenca grupos significantes, porém afirma que a grande quantidade de material facilita a compreensão do desenvolvimento da produção. Neste período, a influência da Ática se espalha pelo arquipélago, fazendo com que os vários centros produtivos operem de maneira mais uniformizada, conseqüentemente, produzindo vasos mais parecidos. As imitações mais fiéis ao ático agora se encontram nas ilhas do norte, contraponto a tendência do Geométrico Antigo. Por outro lado, a presença da Ática se espalha para o grupo central e mesmo para Tera durante o Geométrico Médio. Essa grande quantidade de vasos referentes ao período está bastante dispersa pelo arquipélago. Assim, a ocorrência em várias ilhas pode ser condensada da seguinte maneira quanto aos achados mais importantes: Andros (Zágora; Amonakliou); Tenos (Kardiani; ktikados); Reneia (Parakastri; Fossa de Purificação); Delos (Área do Santuário de Apolo); Paros (Delion; Acropolis); Naxos (Grotta; Naxia); Tera (Messavouno; Sellada); Melos; Címolo (Hellenika) e Sifnos (Kastro) (COLDSTREAM, 2008, p. 166-167).

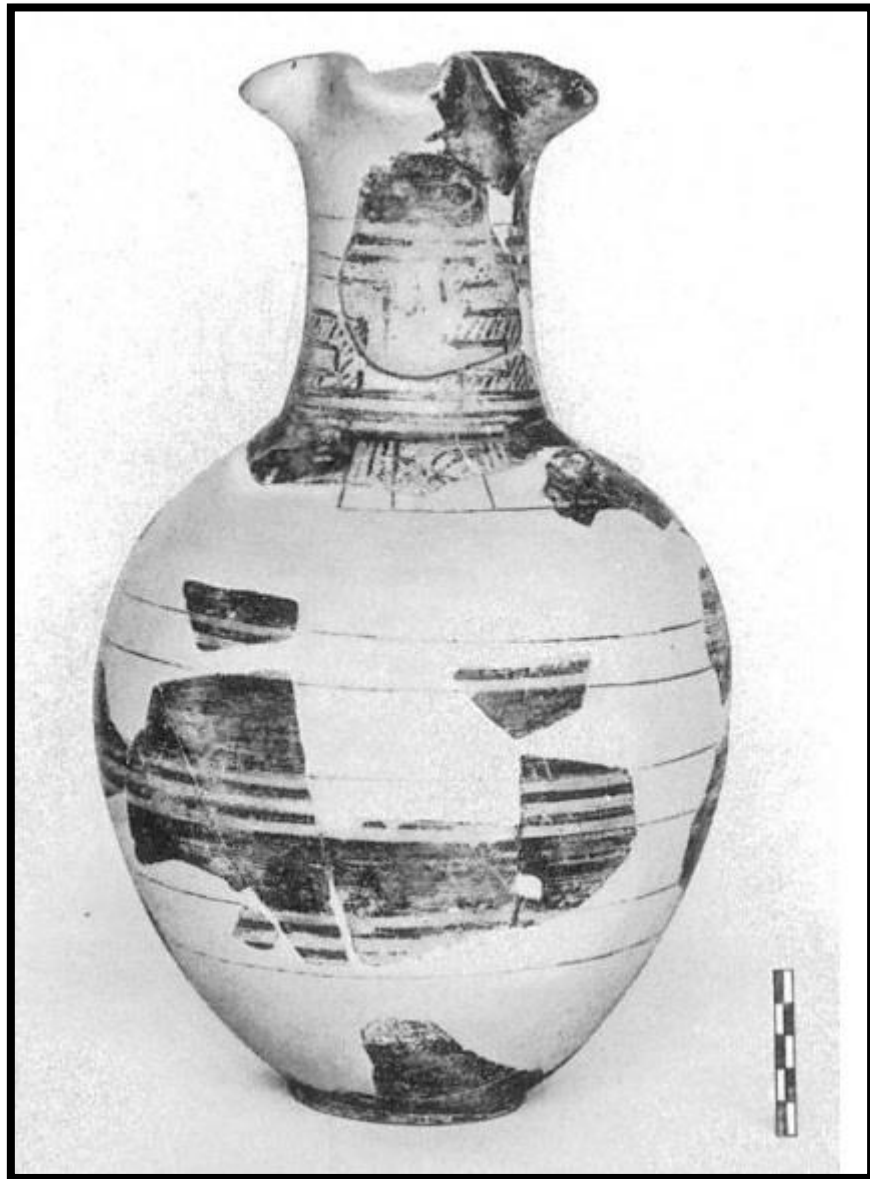
Provavelmente, em Naxos estava localizado o centro produtivo de ânforas com alças no pescoço (figura 8), a julgar pelas características dos exemplares que apresentam argila avermelhada e com presença de mica, além de uma cobertura creme. A ilha também produziu ânforas com alças no bojo, porém Melos foi a grande distribuidora. Esta última também pode ter produzido crateras (COLDSTREAM, 2008, p. 168-169). As enócoas são abundantes, o que permite estabelecer generalizações conforme a ilha nas quais foram produzidas. Assim, Andros e Tenos produziram os exemplares mais parecidos com o ático. Em contrapartida, no Grupo Sudoeste, as enócoas apresentam detalhes que as diferenciam dos exemplares áticos (figura 9) (COLDSTREAM, 2008, p. 168-169).

Figura 8 - Ânfora com alças no pescoço do centro produtivo naxiano (Geométrico Médio); altura: 43 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XLII (“Attique” 13).

Figura 9 – Enócoa produzida na Grupo Sudoeste (Geométrico Médio); altura: 32 cm.



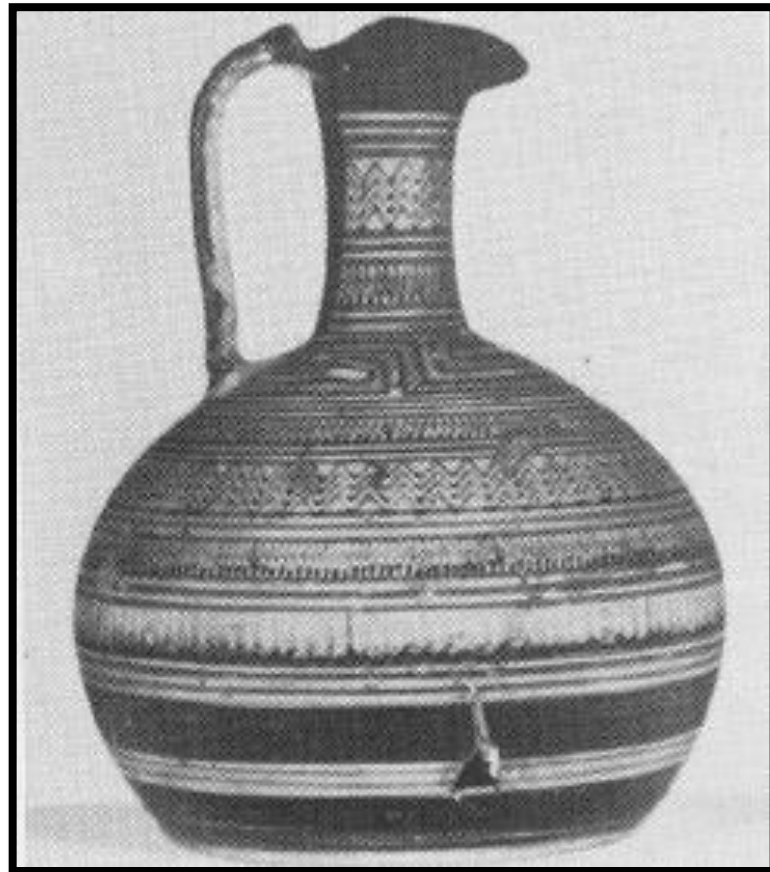
Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XIII (55).

Enócoas encontradas em Reneia indicam a transição para uma autonomia do estilo cicládico. Um exemplo desse processo pode ser verificado nas sepulturas de Parakastri, onde há uma importação ática acompanhada de duas enócoas cicládicas, sendo uma delas (A 1458) uma verdadeira cópia do modelo ático, ao passo que a outra (A 1457) começa a desenvolver um pé mais estreito. Essa característica é o início de um desenvolvimento local para além dos

padrões áticos, uma tendência que continua nas séries da Fossa de Purificação (figura 9) (COLDSTREAM, 2008, p. 168-169).

Sobre os léцитos-enócoas, há exemplares de Naxos que possuem muitas afinidades com os áticos, porém o exemplar Thera J 25 foi feito nos padrões áticos, como o exemplar ático abaixo (figura 10), mas sua argila de tonalidade escura sugere uma origem no centro das Cíclades. Outro exemplar de Reneia (figura 11), parece ter sido feito com argila local, porém utilizou o estilo de Corinto do Geométrico Médio (COLDSTREAM, 2008, p. 169).

Figura 10 - Léцитo-enócoa ático (Geométrico Médio I); altura: 19,9 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 3 (m).

Figura 11 - Lécito-enócoa de produção cicládica (Geométrico Médio); altura: 13 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha L B (“Crétois” 14).

Quanto à decoração, as ânforas com alças no pescoço seguem o padrão ático, com a decoração principal em um painel no pescoço, além das divisões horizontais do vaso e bojo coberto com verniz, havendo áreas com linhas reservadas (figura 8). Em contrapartida, a decoração das ânforas com alças no bojo possui características comuns a todas as ilhas (figura 7-a), mas que não aparecem no material da Ática:

- a) Três painéis circulares, enquanto que na Ática o padrão eram apenas dois;
- b) Os círculos não são suportados por motivos retilíneos, como no ático;
- c) Os círculos são separados uns dos outros por uma parede vertical fina, contendo geralmente galões simples ou Ms. Os vasos áticos, por disporem de mais espaço, empregavam, geralmente, o meandro vertical;
- d) A Cruz de São Jorge é o motivo preferido para o preenchimento dos círculos.

De modo geral, as formas são variadas, porém já conhecidas de outras fases. Segundo Coldstream (2008, p. 168), dez das formas mais comuns áticas foram produzidas pelas oficinas cicládicas, como ânfora com alças no pescoço (figura 8), ânfora com alças no bojo (figura 7), enócoa (figura 9), lécito-enócoa (figuras 10 e 11), cratera com pedestal (Tipo II), esquifo grandes (figura 12), esquifos rasos (figura 13), cântaro com alças altas (figura 14) e taça. O anforisco com alças verticais é uma forma que aparece nesse repertório e também uma herança do Subprotogeométrico do centro produtivo Tessalo-cicládico, porém modificado frente ao contato com o material ático. O esquifo com semicírculos pendentes (figuras 4, 5 e 6) se mantém, porém a produção parece ficar restrita à cadeia norte.

Figura 12 - Esquifo do centro produtivo pariano (Geométrico Médio); altura: 13,6 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XXVIII A (32).

Figura 13 – Esquifo cicládico (Geométrico Médio); altura: 8,5 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XXVII F (31).

Figura 14 - Cântaro com alças altas cicládico (Geométrico Médio); altura: 11,2 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XXIX B (Ae 50).

3.1.4 Geométrico Recente

A diversidade do estilo cicládico é mais notável no Geométrico Recente, quando centros produtivos bastante independentes se estabelecem em Naxos, Melos, Paros e Tera,

cada qual adquirindo suas próprias características e se distanciando dos padrões áticos. Os vasos cicládicos desse período diferem dos anteriores por apresentarem predominância do fundo claro, aparecimento da decoração figurada e o uso do esquema de métopas para adornar os vasos pequenos. Em função da falta de material estratificado suficiente, o desenvolvimento do estilo é feito pela análise estilística interna e pela comparação com o material da Ática (COLDSTREAM, 2008, p. 164, 171).

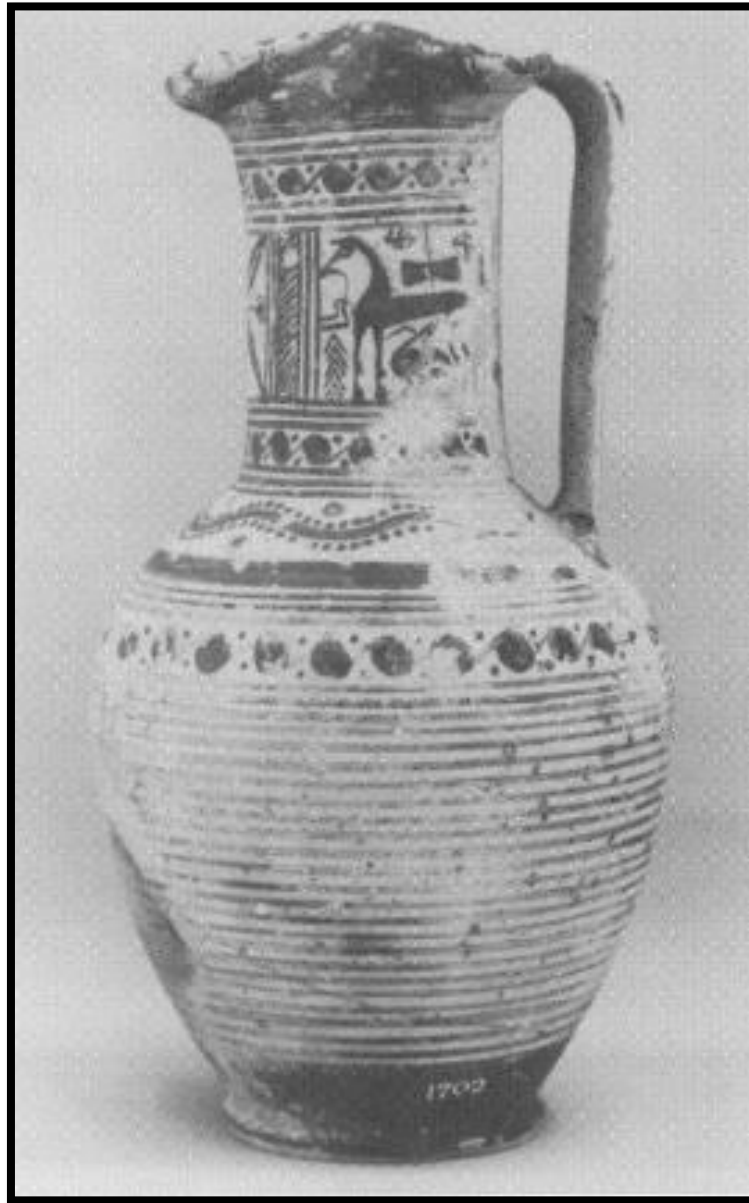
Como os vasos pequenos são muito parecidos com os áticos, é nos maiores que se distinguem os quatro grandes centros produtivos do Geométrico Recente: Meliano, Naxiano, Pariano e Terano. Essa diferenciação depende da combinação de fatores: argila, forma e decoração, sendo a argila o fator mais importante (COLDSTREAM, 2008, p. 171).

3.1.4.1 Centro produtivo Naxiano

Para compreender o centro produtivo Naxiano, há pouco material, porém bastante representativo. Em primeiro lugar, um conjunto de fragmentos encontrados na Península de Palati é utilizado como parâmetro para atribuição ao centro produtivo Naxiano que apresenta argila bem característica, variando do vermelho ao marrom escuro, contendo mica dourada e superfície revestida com cobertura creme espeda (COLDSTREAM, 2008, p. 172). Assim, a produção naxiana foi distribuída internamente ao arquipélago entre as ilhas de Delos, Naxos e Reneia e esteve em atividade entre 750 e 700 a.C.

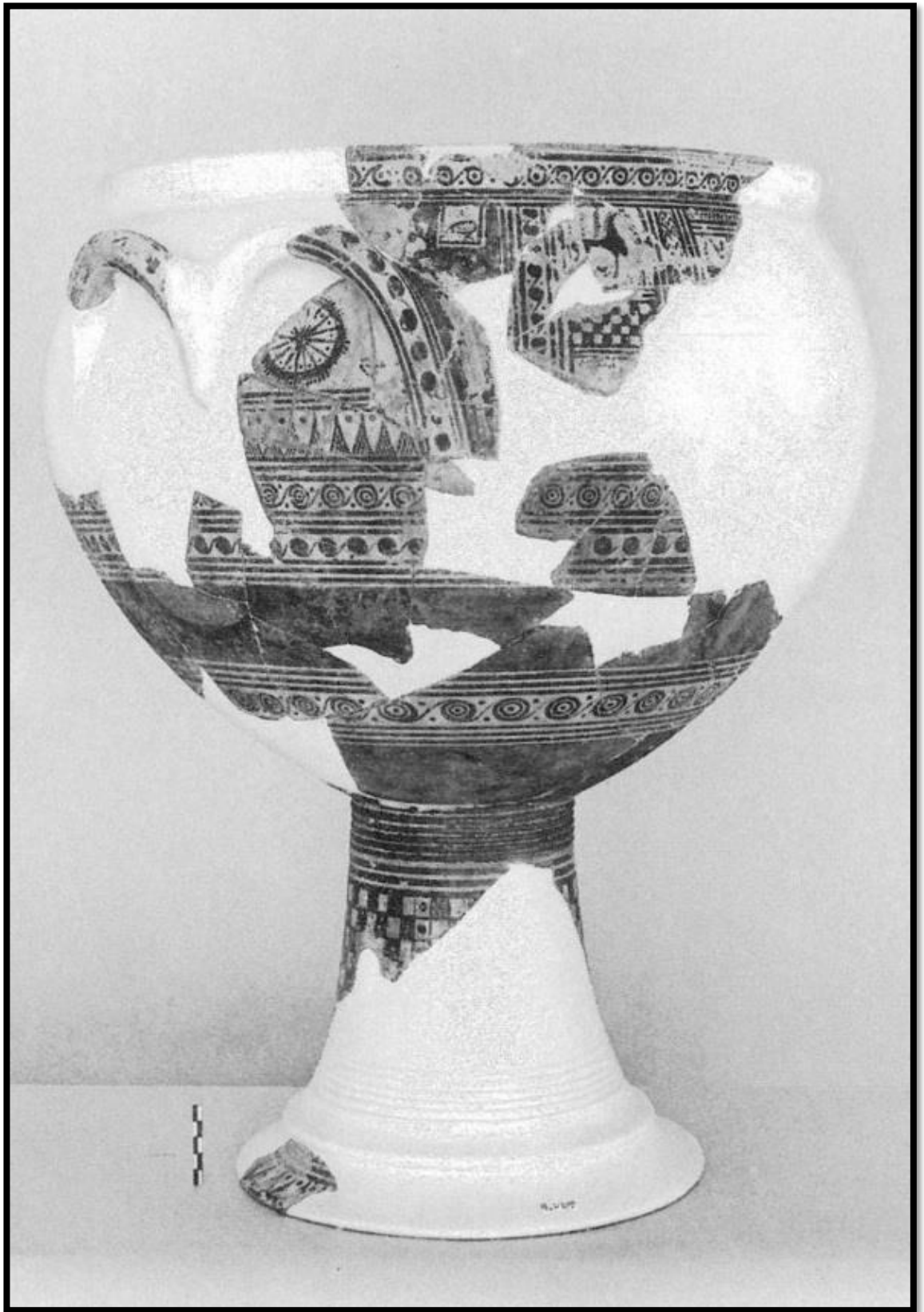
As formas típicas são a cratera pedestalada, a enócoa (figura 15) e a cratera (figura 16). Entretanto são também comuns em Naxos as formas que aparecem em outros centros produtivos, mas que aqui apresentam características distintivas, como a ânfora com alças no pescoço e a enócoa, ambas altas e afuniladas que são modificações das formas já fabricadas na ilha durante o Geométrico Médio. Além disso, também são comuns formas atizantes, como a enócoa bojuda, a caneca e o lécito. Uma outra forma, o lécito-enócoa, é estilisticamente próximo do estilo coríntio. Além das já mencionadas crateras, há, entre as formas abertas típicas, o esquifo e cântaro, muito parecidos com os áticos, porém maiores e com a presença de borda vertical saliente (COLDSTREAM, 2008, p. 172-175).

Figura 15 - Enócoa do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 35,7 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 36 (a).

Figura 16 – Cratera do centro produtivo naxiano (Geométrico Recente); altura: 63 cm.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XLIV (8).

Como as normas costumeiras do Geométrico Recente, a superfície dos vasos monumentais é dividida em zonas conectadas, painéis, e métopas, em que a decoração figurada se alterna com a linear. Essa divisão é vertical na área das alças, e horizontal abaixo. Nos vasos naxianos a ordenação da decoração é muito parecida com a da ática, com composições claras e limpas. Seu repertório de ornamentos não é nada exclusivo, composto de quadriculados, círculos concêntricos tangenciais, bolhas, colunas de losangos hachurados, rosetas de pontos, círculos anelados por pontos e suásticas com braços em ângulos agudos (COLDSTREAM, 2008, p. 173).

O centro produtivo Naxiano produziu peças com decoração figurada de animais típicos do repertório do Geométrico Recente: cavalos, cabras, cervos e pássaros. Porém, inovou ao representar cabras afrontadas, flanqueadas por árvores, cavalo na manjedoura associado ao motivo de machado duplo, cavalos pastando associado a pássaros (COLDSTREAM, 2008, p. 173-174).

A decoração dos vasos de beber mais simples geralmente apresenta métopas preenchidas com pássaros, ampulhetas ou quadrifolhas, ao passo que nas formas fechadas as métopas ficam no painel do pescoço, frequentemente há frisos ao redor do pescoço e, às vezes ao redor do bojo, que é preenchido com faixas horizontais. (COLDSTREAM, 2008, p. 175-176).

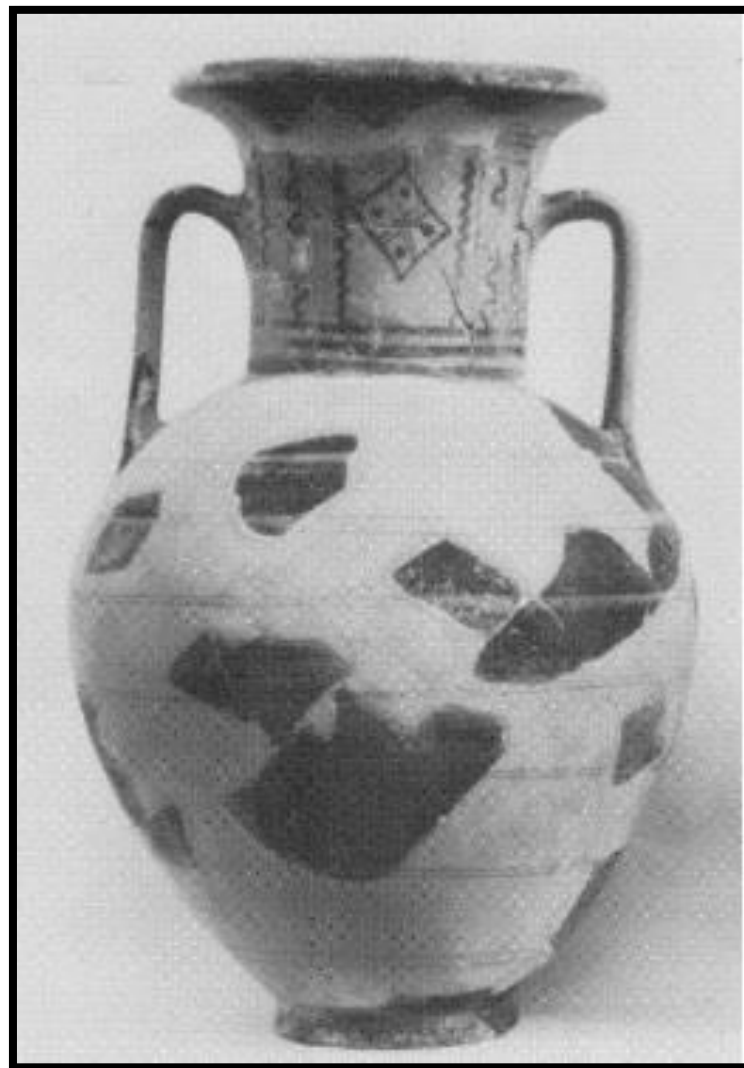
3.1.4.2 Centro Produtivo Pariano

O núcleo do material que define o centro produtivo Pariano vem dos vasos encontrados em Delos e Reneia, sobretudo a Classe A da classificação de Dugas. Diferente do centro Naxiano, a argila de Paros não tem o engobo esbranquiçado, mas às vezes apresenta uma cobertura fina feita da diluição da mesma argila utilizada na confecção do vaso. Sua coloração varia entre o laranja escuro e marrom, além de conter mica dourada (COLDSTREAM, 2008, p. 176). No momento da publicação da primeira edição da obra de Coldstream, ainda se tinha dúvida se a localização do centro produtivo estava em Paros, Tenos ou mesmo Sifnos, porém a edição revisada e ampliada, publicada em 2008, traz as informações dos vasos escavados no Poliandrion de Paros, certamente acrescentando mais peso à hipótese de ser em Paros a localização do centro produtivo (COLDSTREAM, 2008, p. 176-177).

Se os vasos mais importantes para caracterização e atribuição do centro produtivo são provenientes de Delos e de Reneia, há outros achados importantes em Paros (Delion e Poliandrion), Tera (Sellada e Messavouno) e Sifnos (COLDSTREA, 2008, p. 176). A datação dessas peças indica que o centro produtivo esteve em atividade entre 750 e 700 a.C.

A julgar pelo importante material proveniente dessas ilhas, as formas são bastante variadas. Algumas formas fechadas, como ânforas (figura 17) e hídrias possuem formato mais bojudo se comparadas às formas naxianas. São populares as ânforas com alças no pescoço (figura 17), ânforas com alças no bojo, ânforas com alças nos ombros (figura 18), cântaros, cratera com pedestal baixo e caneluras, esquifos, hídrias, léцитos e pratos (COLDSTREAM, 2008, p. 177-180).

Figura 17 - Ânfora com alças no pescoço do centro produtivo pariano (Geométrico Recente); altura 36 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 37 (b).

Figura 18 - Ânfora com alças no ombro do centro produtivo pariano, Grupo da Roda (Geométrico Recente); altura: 42 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 37 (d).

O esquema decorativo é bem próximo do ático e características do Geométrico Médio permanecem no início. Nessa fase inicial, vasos como esquifos possuem simples decoração central de meandros em gancho, alguns exemplares têm métopas com pássaros e quadrifolhas. Com o passar do tempo, a produção pariana se torna mais individualizada. De modo geral, o estilo desenvolve uma maneira de colocar ornamentos menores nos lugares reservados à decoração mais substancial. Assim, nas métopas dos vasos de beber, os motivos hachurados áticos são substituídos por uma massa de pontos e sigmas, aplicados com pincel múltiplo. A mesma mistura é repetida em alguns vasos fechados, mas como regra os frágeis ornamentos são colocados espaçados: sigmas e losangos flutuando em um amplo campo, suportado por linhas onduladas ou cabos quebrados, verticais ou horizontais; cadeias de ziguezagues e

losangos são decompostos e padrões pontilhados. Os motivos circulares se tornam mais populares à medida que a produção se distancia do estilo ático. Sintomático disso é o uso em métopas de um único círculo espesso, contendo quatro ou oito raios, conhecidos como motivo de roda (figura 18) (COLDSTREAM, 2008, p. 180-181).

3.1.4.3 Centro Produtivo Meliano

As ilhas do Grupo Sudoeste são, provavelmente, onde esse centro produtivo estava instalado. Os vasos associados são provenientes principalmente de Melos e Címolo, além de vasos relacionados encontrados em Sifnos e Tera. Como no cemitério de Melos, explorado desde o século XIX, os achados foram muitos, entre eles peças ambiciosas, elege-se essa ilha como a que abrigou o centro produtivo que, por essa razão, recebeu o nome de Meliano. Assim, os conjuntos de Melos formam o núcleo ao redor do qual outros vasos são agrupados segundo critério de estilo e da argila. Esta última é caracterizada por ter como característica principal a mica prateada, grãos escuros, provavelmente de origem vulcânicas, e coloração mais escura que o alaranjado da Ática, variando da cor de couro escuro até o marrom avermelhado. A argila de uma grande quantidade de vasos provenientes de Címolo é bastante parecida com a de Melos, portanto a possibilidade de que também nessa ilha funcionasse alguma oficina não é descartada. Em Sifnos, certa quantidade de fragmentos de vaso de beber indicam que a ilha também pode ter abrigado alguma oficina que operou com elementos de Melos e de Paros misturados (COLDSTREAM, 2008, p. 181). Não é de se ignorar a possibilidade de que o centro produtivo Meliano fosse na verdade regional, com diferentes oficinas operando com matéria-prima e padrões formais e ornamentais comuns, tendo em vista a semelhança entre os vasos de Melos, Címolo e Sifnos.

A forma mais particular e própria no repertório é o suporte com aberturas (figura 19), porém outras também são comuns, como as crateras pedestaladas e as ânforas com alças no bojo. Outras formas mais simples, porém comuns, são enócoas, esquifos, hídrias pequenas, canecas e pratos. Essas formas são decoradas com uma composição semelhante à ática, porém ainda mais simplificada que na naxiana, sem rejeitar o essencial: área central dividida horizontalmente em dois frisos principais, flanqueados por duas métopas em cada lado. Apenas as métopas têm desenho figurado, enquanto ornamentos de preenchimento se restringem a estrelas. A decoração figurada apresenta temas relacionados a animais: cervos

ajoelhados com pássaros nas costas, cavalos, cabras, variações de pássaros, leões heráldicos e figuras humanas (COLDSTREAM, 2008, p. 182-185).

Figura 19 - Suporte com aberturas do centro produtivo meliano (Geométrico Recente); altura: 15 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 39 (a).

A julgar pelas comparações com o material ático e pelo desenvolvimento interno do estilo, o centro produtivo deve ter funcionado até depois do final do Geométrico Recente nas Cíclades (COLDSTREAM, 2008, p. 185).

3.1.4.4 Centro Produtivo Terano

Diferente da produção meliana que parece estar diluída em várias oficinas, a produção do centro produtivo Terano é homogênea do ponto de vista da argila utilizada e do estilo. Essa

argila é facilmente reconhecida pelo seu tom violeta, repleta de partículas vulcânicas com coloração variada entre preta, branca, roxa e vermelha. Sua maior diferença em relação à argila utilizadas pelos outros centros é a ausência de mica. Como a argila utilizada continha muitas impurezas, devido à sua origem vulcânica, os vasos do Geométrico Recente produzidos em Tera recebiam a aplicação de um engobo esboço esbranquiçado que ajudava a deixar a superfície mais lisa para a aplicação da decoração (COLDSTREAM, 2008, p. 185-186).

Coldstream não especifica nenhum estudo de comparação entre a argila dos vasos e depósitos do material na ilha, porém o autor baseia sua classificação nas análises de Dugas, (1925, p. 155). Ademais, devido ao maior isolamento geográfico de Tera, a presença de partículas vulcânicas na argila dos vasos, e a existência de associação entre esses vasos e raros exemplares externos, principalmente de Corinto, em contextos funerários, pressupõe-se que sejam produção local⁹⁰. Essa mesma associação, segundo o autor (COLDSTREAM, 2008, p. 186, 188), ajudou a definir a cronologia da produção que está situada entre 720 a.C. e se estende para além do Geométrico nas Cíclades, e podendo ser dividida em uma fase do Geométrico Recente e outra Subgeométrica, ambas tratadas nesta mesma seção por serem consideradas continuidades.

Todo esse material de referência, utilizado para caracterização, atribuição, cronologia do centro produtivo Terano é proveniente de dois cemitérios, Messavouno e Sellada, localizados na própria ilha. As sepulturas parecem ser familiares o que ajuda a explicar, junto com a ausência de circulação externa, o caráter local da produção (COLDSTREAM, 2008, p. 186).

Basicamente, as duas formas principais do centro Terano são o stamnos (figura 20) e a ânfora com alças no ombro (figura 21), ambas utilizadas como urnas funerárias e adaptadas para o rito funerário predominante, ou seja, possuem aberturas amplas para receber as cinzas do indivíduo, além de oferendas e vasos menores, geralmente formas utilizadas no ritual, como esquifos (COLDSTREAM, 2008, p. 186). A maior ocorrência dessas formas deve ser interpretada tendo em vista que este centro produtivo foi reconhecido exclusivamente com base no material de contexto funerário.

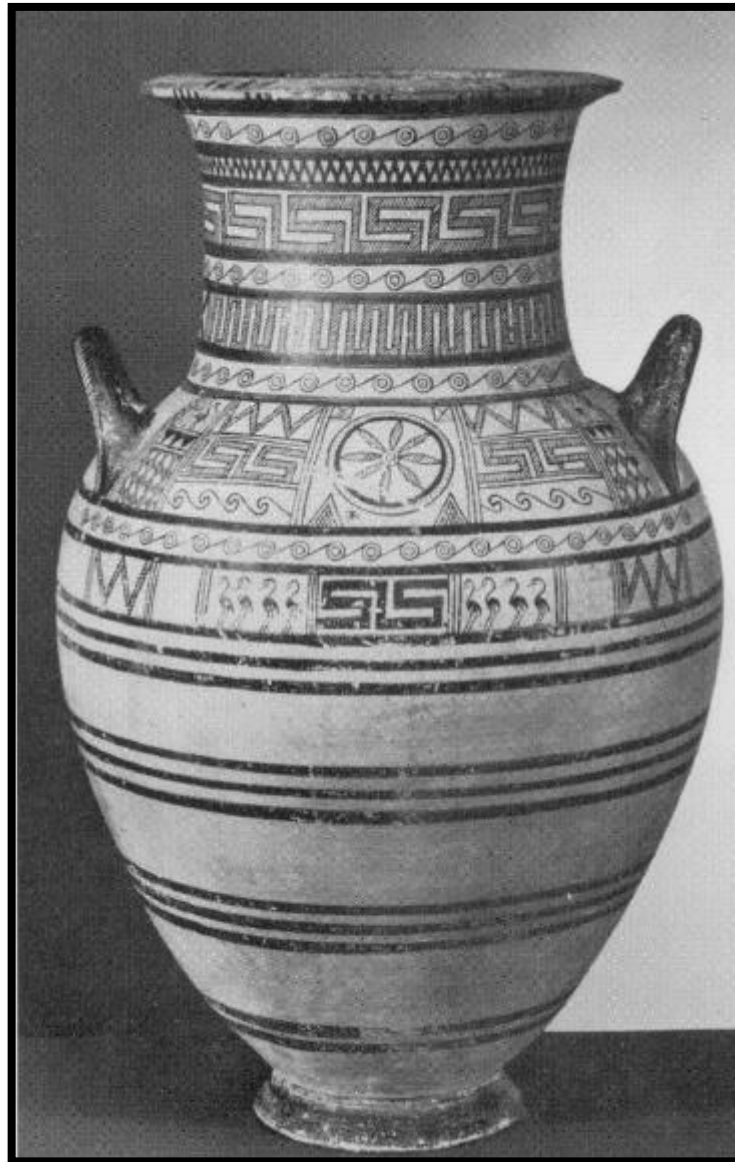
⁹⁰ Para verificar o contexto funerário e associação a vasos coríntios, ver Coldstream, 2008, p. 186.

Figura 20 - Stamnos do centro produtivo terano (Geométrico Recente); altura: 37 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 40 (a).

Figura 21 - Ânfora com alças nos ombros do centro produtivo terano (Geométrico Recente); altura: 73,5 cm.



Fonte: COLDSTREAM, 2008, prancha 40 (e).

Ao longo do tempo o stamnos foi perdendo sua popularidade para a ânfora que vai se tornando mais alongada e menos bojuda. Além dessas formas principais, há miniaturas de vasos, crateras, pixídes, cântaros, esquifos, taças e pratos . A formas utilizadas como urnas possuem decoração somente em uma face e, na maioria dos casos, a composição principal se limita a descer somente até a parte superior do bojo, mantendo o ornamento principal – meandro - entre as alças, sendo a parte baixa do vaso preenchida com faixas horizontais. Nos

exemplares de stamnos, o fundo é escuro, ao passo que nas ânforas o sistema é o fundo claro (COLDSTREAM, 2008, p. 186-188).

Os principais motivos do centro produtivo Terano são retilíneos: losangos pontilhados, zigzagues com barras no ápice, ampulhetas, losangos hachurados com ganchos anexados. Exceção a essa tendência são o quadrifolha, círculos tangenciais e pássaros. Muitos desses motivos não têm origem na Ática. Na fase Subgeométrica, a novidade principal é a intrusão de uma métopa circular no centro do painel principal, geralmente cercado uma flor de oito pétalas e cercado por uma borda pontilhada (COLDSTREAM, 2008, p. 188-189)

Tabela 3 - Indicação da origem, distribuição e cronologia dos centros produtivos.

Centro Produtivo	Origem	Distribuição	Cronologia
Tessalo-Cicládico	Grupo Norte e/ou Tessália	Ilhas da Cadeia norte das Cíclades (principalmente em Andros, Delos, Reneia e Tenos), Eubeia e Tessália.	PGR-GA
Tenos	Grupo Norte - Tenos	Címolo, Reneia, Sifinos e Tenos.	GA
Melos	Grupo Sudoeste - Melos	Címolo, Reneia, Sifinos e Tenos.	GA
Naxos	Naxos – Grupo Central	Grupo Sudoeste.	GM
Melos	Melos – Grupo Sudoeste	Grupo Sudoeste.	GM
Andros	Andros – Grupo Norte	Norte das Cíclades.	GM
Tenos	Tenos – Grupo Norte	Norte das Cíclades.	GM
?	Grupo Central	Naxos.	GM
?	Reneia?	Reneia.	GM
Meliano	Melos	Melos, Sifno.	GR
Naxiano	Naxos	Delos, Reneia.	GR
Pariano	Paros	Delos, Reneia, Paros.	GR
Terano	Tera	Tera.	GR

Tabela 4 - Indicação das principais formas e da cronologia de cada centro produtivo.

Centro Produtivo	Principais Formas	Cronologia
Tessalo-Cicládico	Esquifo	PGR-GA
Tenos	Esquifo	GA
Melos	Ânforas	GA
Naxos	Ânforas com alças no pescoço; ânforas com alças no bojo.	GM
Melos	Ânforas com alças no bojo, crateras.	GM
Andros	Enócoas atizantes, esquifos com semicírculos pendentes.	GM
Tenos	Enócoas atizantes, esquifos com semicírculos pendentes.	GM
Grupo Central	Lécitos-enócoas.	GM
Reneia?	Lécito-enócoas.	GM
Meliano	Ânforas e suportes.	GR
Naxiano	Ânforas.	GR
Pariano	Ânforas, esquifos.	GR
Terano	Ânforas, stamnos.	GR

4 ESTUDO DE CASO

Para o estudo da produção e circulação da cerâmica cicládica do Geométrico há um grande conjunto proveniente da Fossa de Purificação de Reneia (DUGAS; RHOMAIOS, 1934) que congrega vasos provenientes de diferentes contextos do arquipélago. Esse material foi utilizado como referência por ser contextualizado e conter peças quase intactas ou que dispunham das partes amplas e principais, fazendo com que as formas dos vasos pudessem ser reconhecidas. Outro conjunto importante, também contextualizado, composto por amostras provenientes de diferentes ilhas, embora quase que completamente constituído por fragmentos, seja proveniente das escavações do Heraion de Delos, realizadas em 1911 por P. Roussel (DUGAS, 1928, p. 9), 1958 por P. Bernard (1958), 1964 por J. Ducat (1964) e em 2008 por H. Sarian (2000; 2008).

Mapa 5 - Delos, Reneia e Míconos em destaque.



Fonte: Escola Francesa de Atenas, disponível em:
<https://www.efa.gr/fr/recherche/sites-de-fouilles/cyclades/delos/delos-presentation-geographique>

O intuito de analisar ambos os conjuntos é compreender as relações de trocas, circulação e distribuição de cerâmica durante o Período Geométrico por meio do estudo desse material e seus contextos. Contudo, após a deposição final feita ainda pela sociedade do Período Geométrico, uma série de acontecimentos vinculados ao estudo e classificação desses conjuntos influenciaram significativamente a maneira pela qual foram interpretados.

4.1 A Fossa de Purificação de Reneia

O material da Fossa de Purificação de Reneia consiste basicamente em um conjunto abundante de vasos de diferentes períodos depositados durante a Antiguidade em uma vala comum na ilha de Reneia. Esse conjunto foi encontrado e escavado no final do século XIX e início do XX pelo Serviço Grego de Arqueologia. O fato que reuniu vasos de diferentes períodos em um mesmo local aconteceu no século V a.C. após os atenienses ordenarem uma purificação na ilha de Delos, retirando todo material funerário depositado na ilha, transportando-o para Reneia (BRUNEAU; DUCAT, 1983, p. 265-268). Heródoto comentou que houve uma purificação bastante antiga e parcial ordenada por Pisístrato no século VI a.C.:

Além disso, conforme as ordens dos oráculos, ele [Pisístrato] purificou ainda a ilha de Delos, e a purificou da seguinte forma: em toda a região de onde se avistava o santuário, ele desenterrou os mortos e os transportou para outra região da ilha (HERÓDOTO, I; LXIV, tradução a partir do francês)⁹¹.

Tucídides faz referência à mesma purificação mencionada por Heródoto e comenta mais detalhadamente outra purificação ocorrida séculos depois, mais completa que a promovida por Pisístrato e na qual o material foi transferido para Reneia.

[...] durante a purificação de Delos pelos atenienses, durante a guerra que nos ocupa, quando todos os túmulos que estavam na ilha desapareceram, nós percebemos que mais da metade eram tumbas de cários; isto se reconheceu pelo equipamento bélico que acompanha os mortos, assim como pelo modo de sepultamento ainda praticado hoje pelos cários (TUCÍDIDES, I, VIII; tradução a partir do francês).⁹²

⁹¹ Outre cela, conformément aux oracles, il purifia encore L'île de Délos, et la purifia comme il suit: dans toute la région où la vue portait à partir du sanctuaire, il déterra les morts, et les transporta dans une autre région de l'île (HERÓDOTO, I; LXIV).

⁹² [...] lors de la purification de Délos par les Athéniens, au cours de la guerre qui nous occupe, quand on fit disparaître toutes les tombes qui se trouvaient dans l'île, on s'aperçut que plus de la moitié étaient des tombes cariennes; cela se reconnut à l'attirail guerrier accompagnant le mort comme au mode de sépulture que pratiquent encore aujourd'hui les Cariens (TUCÍDIDES, I; VIII).

Mais adiante, o historiador continua:

No mesmo inverno, os atenienses purificaram Delos para obedecer a algum oráculo. Uma purificação já havia sido feita anteriormente pelo tirano Pisístrato, mas no único setor visível do santuário, não em toda a ilha; Desta vez, uma purificação completa ocorreu, como se segue: as sepulturas que foram encontradas em Delos foram todas removidas, e foi expressamente proibido morrer na ilha e dar à luz a partir de agora; Isso exigiria a mudança para o Reneia. A distância entre Delos e Reneia é tão curta que o tirano de Samos Polycrates, que por algum tempo foi poderoso no mar e subjugou todas as ilhas, levando em particular Reneia, dedicou-a a Apollo Deliano ligando-a a Delos por uma corrente. E é pela primeira vez, após a purificação, que os atenienses celebraram a festa quadrienal da Delia (TUCÍDIDES, III; CIV; tradução a partir do francês)⁹³.

É mais provável que a purificação qualificada por Tucídides como completa tenha ocorrido no inverno de 426 e 425 a.C. e sido aquela que originou a deposição conhecida como Fossa de Purificação (STAVROPOULLOS, 1898, p. 101; ROUSSEL, In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 4), uma vez que o historiador menciona o fato de que o material exumado foi depositado em Reneia.

Após mais de 2 milênios da deposição descrita por Tucídides, entre 1898 e 1900, durante 3 missões consecutivas do Serviço Grego de Arqueologia, lideradas pelo arqueólogo e éforo das antiguidades das Cíclades, D. Stavropoulos, foi encontrada a fossa com o conteúdo exumado das sepulturas de Delos. O conteúdo encontrado por Stavropoulos durante esses 3 anos é bastante numeroso e heterogêneo, com fragmentos de vasos de diferentes períodos anteriores ao fim do século V a.C. (STAVROPOULLOS, 1898, p. 103; ROUSSEL, In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 4). Outros objetos, em quantia considerável e variada, também foram recuperados durante as explorações, como vestígios de mármore e outras pedras que foram, provavelmente, parte das sepulturas e memoriais funerários, vestígios de cremação, cinzas, jóias de ouro e prata, placas de chumbo, estatuetas de terracota, estátuas com inscrições e colunas (STAVROPOULLOS, 1898, p. 100-103; 1899, p. 68-69; 1900, p. 67-71; COUILLOUD, 1974, p. 36-37)⁹⁴.

⁹³ Le même hiver encore, les Athéniens purifièrent Délos, pour obéir à quelque Oracle. Une purification avait déjà été faite précédemment, par le tyran Pisistrate, mais dans le seul secteur visible du sanctuaire, non dans l'île entière; cette fois, une purification totale eut lieu, de la façon suivante: les tombes qui se trouvaient à Délos furent toutes enlevées, et il fut expressément interdit de mourir dans l'île et d'y enfanter désormais; il faudrait pour cela passer à Rhénée. La distance entre Délos et Rhénée est si courte que le tyran de Samos Polycrate, qui fut quelque temps puissant sur mer et soumit toutes les îles, prenant en particulier Rhénée, l'avait consacrée à Apollon Déléen en la reliant à Délos par une chaîne. Et c'est alors pour la première fois, après la purification, que les Athéniens célébrèrent la fête quadriennale des Délies (TUCÍDIDES, III; CIV).

⁹⁴ Estudos detalhados sobre os monumentos funerários de Reneia foram publicados por Marie-Thérèse Couilloud (1970;1974).

Apesar da descrição de D. Stavropoulos, é difícil precisar onde e quando exatamente ele encontrou os materiais do Período Geométrico. Aparentemente, a maior parte foi encontrada nas primeiras sondagens de 1898, conduzida ao longo da região de Reneia voltada a Delos, do *golfe de Générale* até o ponto de Glaropounda (STAVROPOULLOS, 1898, p. 100-104; COUILLOUD, 1974, p. 36-37). Contudo, o arqueólogo relata outras sepulturas associadas à cerâmica geométrica encontradas entre 24 de julho e 30 de setembro de 1900, durante a última escavação realizada por ele. Tais estruturas foram encontradas em uma colina na costa oeste, parte norte da ilha, e Stavropoulos as atribuiu à cidade de Reneia (STAVROPOULLOS, 1900, p. 67-68; COUILLOUD, 1974, p. 37, nota 4).

Após a finalização das escavações em 1900, o material foi transportado para o Museu Arqueológico de Míconos para a realização dos trabalhos de restauro e posteriormente de publicação. D. Stavropoulos se dedicava ao estudo e restauração, mas veio a falecer em 1919. Durante os anos que se passaram do final das escavações até o falecimento de D. Stavropoulos, escavações de exploração exaustivas na ilha de Delos foram conduzidas pela *École Française d'Athènes*, resultando em achados de vasos semelhantes àqueles encontrados na Fossa de Purificação de Reneia (ROUSSEL, In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 4).

Ficava evidente aos olhos dos arqueólogos gregos e da direção da *École Française d'Athènes* que os vasos encontrados em Delos e na Fossa de Purificação de Reneia tinham, antes das purificações descritas por Heródoto e Tucídides, uma origem deposicional comum. Dessa constatação foi acordado que os vasos fossem publicados sob uma **mesma orientação metodológica**. Chancelado pelo governo grego e pelo Conselho Arqueológico da Grécia⁹⁵, em acordo com o então diretor da *École Française d'Athènes*, Ch. Picard, o projeto de publicação do material ganhou forma em 1924 como um trabalho conjunto entre gregos e franceses que deveria ser publicado na série *Exploration Archéologique de Délos*, . (ROUSSEL, In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 4-5).

Segundo P. Roussel (In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 5), o acordo ainda definiu que o Serviço Grego de Arqueologia seria representado por K. A. Rhomaios, diretor do Serviço Grego de Arqueologia, e a *École Française d'Athènes* por Ch. Dugas, sendo ambos responsáveis pelo estudo e publicação do material. Roussel ainda prossegue, dizendo que o

⁹⁵ Hoje denominado “Conselho Arqueológico Central e Conselhos de Museus”, em grego “Κεντρικό Αρχαιολογικό Συμβούλιο και Συμβούλιο Μουσείων”, é um órgão grego consultivo supremo para questões relativas à proteção de antiguidades e patrimônio cultural da Grécia. Também atual na supervisão das pesquisas e escavações conduzidas pelas Eforias das Antiguidades e pelas Escolas Internacionais de Arqueologia. Foi criado em 1834, renomeado em 3 ocasiões: em 1899 como “Comitê Arqueológico”, em 1910 como “Conselho Arqueológico” e em 1977 recebeu o título atual. Para mais informações, acessar <http://kas.culture.gr/%CE%B9%CF%83%CF%84%CE%BF%CF%81%CE%AF%CE%B1/>.

desenvolvimento deste projeto, firmado em 1924, foi atrasado por diversas razões, em especial pela necessidade de adiar a restauração dos vasos. Um fato interessante dessa representação, mencionado também por P. Roussel (Ibidem, p. 5), é que durante as negociações para o acordo, M. Picard era diretor da *École Française d'Athènes* enquanto que o Serviço Grego de Arqueologia teve, nesse espaço de tempo, dois diretores, MM. K. Kourouniotis e K. A. Rhomaios.

De fato, houve atraso em função da restauração das peças, mas o retardo também pode ter resultado de negociações e acertos entre as partes gregas e francesas. É de se notar que Ch. Dugas publicou o volume X da *Exploration Archéologique de Délos*, com o título *Les Vases de l'Héraion* (1928), apenas 4 anos após o acordo firmado entre a *École Française d'Athènes* e o governo grego, em 1924, ao passo que a publicação do primeiro volume e fascículo dedicado ao material da Fossa de Purificação de Reneia, de autoria de Dugas e Rhomaios, teve que esperar 10 anos para ser impressa no *Exploration Archéologique de Délos*, volume XV, *Les Vases de Délos, I, Les vases préhelléniques et géométriques* (1934). Algum fator impunha ritmos diferentes aos trabalhos.

É bastante plausível que Dugas concluiu o volume X da *Exploration Archéologique de Délos* em 4 anos após o acordo porque trabalhou como único autor em uma publicação exclusiva da *École Française d'Athènes*, portanto sem maiores divergências e com maior liberdade e acesso ao material. Por outro lado, em carta enviada ao ministro da cultura da França em 1924 (DUGAS, 1923), Dugas deixa claro que o estudo dos vasos teve início anos antes, mas foi interrompido em 1912, sendo retomado em 1924.

O volume XV, fascículo I, foi um trabalho realizado a dois, Dugas e Rhomaios, dependendo da coordenação, negociações e divisão do material por ambas as partes. A dificuldade de comunicação entre os autores e a logística para as missões são fatores que decididamente influenciaram no retardo da publicação, principalmente se for levado em conta que esse processo ocorreu em meados do século XX.

As condições para as publicações foram tão específicas e claras as repartições entre os autores que acabaram alterando a estrutura adotada até então nas publicações das explorações de Delos. Foi necessário criar uma subdivisão – número de ordem seguido de subtítulo - do *Exploration Archéologique de Délos* para que a numeração progressiva dos volumes não fosse interrompida, mas que se identificassem aqueles volumes referentes ao material da Fossa de Purificação. Assim, a numeração dos volumes continuou progressiva, mas um subtítulo numerado foi inserido naqueles volumes que apresentassem vasos provenientes da relação Delos-Reneia. Somado a isso, a colaboração do Serviço Grego de Arqueologia ficou

bastante destacada na contracapa das publicações e nas próprias palavras de P. Roussel (In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 4) em seu prefácio ao volume XV do *Exploration Archéologique de Délos*:

Os resultados apresentados nas edições anteriores desta publicação se devem exclusivamente ao trabalho realizado em Delos pela Escola Francesa de Atenas. Não é o mesmo aqui: uma parte muito grande dos achados que serão discutidos vem de Reneia e foi descoberta em escavações realizadas sob os auspícios da Sociedade Arqueológica de Atenas (tradução livre).⁹⁶

A correspondência enviada por Dugas (1923) ao ministro da cultura da França evidencia o teor das negociações e permutas políticas que ocorriam nos bastidores do trabalho conjunto de publicação dos vasos provenientes da Fossa de Purificação. Tal correspondência, datilografada, informa ao ministro o resultado das missões de Ch. Dugas na Grécia – Delos e Míconos - realizado entre 2 de julho de 1923 e 1 de novembro de 1923 que, segundo o autor, teve dois objetivos principais. Primeiro, completar os estudos dos vasos do Heraion de Delos que estava sem prosseguimento há mais de 10 anos. Segundo, começar os estudos em conjunto com K. Rhomaios dos vasos escavados em Reneia, provenientes da Fossa de Purificação e conservados no museu de Míconos. Ele prossegue dizendo que seria necessária uma nova missão conjunta com Rhomaios em 1925, ano que ele esperava que os trabalhos de restauro dos vasos estivessem finalizados para que então pudessem repartir o material de estudo.

No momento em que Dugas escreveu a carta ao ministro da cultura da França, já se delineava nos bastidores a manifestação das preferências e a negociação entre os dois arqueólogos para a divisão do material a ser estudado em Míconos. Esse fato fica evidente em uma passagem na qual Dugas menciona que Rhomaios expressou seu interesse em estudar a série de vasos melianos, enquanto Dugas selecionou a série “deliana”, menor em quantidade, mas importante por ser uma série de descoberta recente. O restante do material ambos concordaram em dividir.

Mas a questão é qual o motivo de todos esses esforços para o estudo e publicação conjunta, levando em conta os problemas que acarretam tal empreita? Mais uma vez os

⁹⁶ Les résultats exposés dans les précédents fascicules de cette publication étaient dûs exclusivement aux travaux effectués, à Délos, par l'École française d'Athènes. Il n'en est pas de même ici: une très large part des trouvailles dont il sera question provient de Rhénée et a été mise au jour dans des fouilles pratiquées sous les auspices de la Société archéologique d'Athènes (DUGAS ; RHOMAIOS, 1934, p. 4).

escritos na correspondência de Dugas trazem algumas pistas, ele escreve que o material da Fossa de Purificação de Reneia:

[...] tem sido um objeto de cobiça para as várias escolas arqueológicas. Extremamente consciente, com a maior preocupação pela perfeição, o Sr. Éforo Stavropoullos não havia publicado nenhum relato completo de sua magnífica descoberta até ter certeza de que todas as peças de sua coleção estavam devidamente reconstituídas e a classificação estabelecida com precisão rigorosa. Vários institutos estrangeiros haviam várias vezes oferecido sua assistência a M. Stavropoullos para a publicação dos vasos de Myconos. Mas Ele sempre rejeitou essas ofertas, desejando que este achado grego fosse publicado pelos gregos (DUGAS, 1923, tradução livre).⁹⁷

O excerto acima indica o claro motivo que animava os gregos a manterem sob seus compatriotas o direito de estudo e publicações do material. Em contrapartida, Dugas argumenta em favor da *École Française d'Athènes*:

Surgiu, por um lado, a questão de que era natural que o Serviço Helênico de Antiguidades quisesse realizar o projeto de Stavropoullos e realizar a publicação dos vasos de Míconos; ninguém poderia negar este direito, eu diria mesmo esse dever. Mas, por outro lado, a Escola Francesa poderia perder o interesse pelos vasos de Reneia? Não havia um interesse científico em reunir em uma publicação os vasos encontrados em Delos pelos escavadores dos séculos XIX e XX e aqueles que haviam sido removidos, em 425 a.C., para ser depositado, com os restos exumados dos túmulos mortos, na Fossa de Purificação? [...] as inteligentes negociações de M. Picard, a influência que ele gozava nos círculos helênicos prepararam o terreno e facilitaram o acordo a que cheguei após uma análise aprofundada da questão feita com M. Rhomaios (DUGAS, 1923, tradução livre)^{98, 99}.

A vontade de Dugas, sua argumentação científica e a influência de Picard garantiram o sucesso da sua tentativa e a *École Française d'Athènes*, enfrentando a concorrência de outras escolas internacionais de arqueologia, angariou a publicação conjunta do material,

⁹⁷ [...] étaient depuis longtemps un objet de convoitise pour les diverses écoles archéologiques. Extrêmement consciencieux, portant au plus haut degré le souci de la perfection, M. l'Ephore Stavropoullos n'avait voulu faire paraître aucun compte-rendu développé de sa magnifique découverte avant d'avoir la certitude que toutes les pièces de sa collection étaient exactement recollées et d'en avoir établi le classement avec une rigoureuse précision. Ces scrupules avaient été pris par certains pour de l'impuissance, et divers instituts étrangers avaient à plusieurs reprises offert leur concours à M. Stavropoullos pour la publication des vases de Myconos. Mais il avait toujours repoussé ces offres, désirant que cette trouvaille grecque fût publiée par des Grecs (DUGAS, 1924)

⁹⁸ Picard era então diretor da *École Française d'Athènes*.

⁹⁹ Une question s'est alors posée d'une part, il était naturel que le service hellénique des antiquités souhaitât réaliser le projet de Stavropoullos et entreprit lui-même la publication des vases de Myconos; nul ne pouvait lui contester ce droit, j'en dirais même ce devoir. Mais, d'autre part, l'École française pouvait-elle se désintéresser des vases de Rhénée? N'y avait-il pas un intérêt scientifique à réunir dans une même publication les vases trouvés à Délos par les fouilleurs du XIX^e et XX^e siècles et ceux qui en avaient été enlevés, en 425 av. J.-C., pour être déposés, avec les restes exhumés des tombes déliennes, dans la Fosse de la Purification? [...] les habiles négociations de M. Picard, l'influence dont il jouit dans les milieux helléniques avaient préparé le terrain et facilité l'entente à laquelle j'ai abouti après un examen approfondi de la question fait avec M. Rhomaios (DUGAS, 1924).

conseguindo ainda que se publicasse como volume da *Exploration Archéologique de Délos*, uma publicação francesa. Assim, em 1934 saiu o primeiro fascículo contendo o material da Fossa de Purificação de Reneia, o *Exploration Archéologique de Délos*, volume XV, *Les Vases de Délos*, fascículo I, *Les vases préhelléniques et géométriques* (DUGAS; RHOMAIOS, 1934). As palavras de P. Roussel no prefácio do mesmo livro (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 4) demonstra a importância pela qual a coleção foi tratada e, portanto, fruto de tanta disputa: “[...] la collection de vases du musée de Mykonos devint l’une des plus importantes de La Grèce – et la première pour l’étude de la céramique des Cyclades.”¹⁰⁰

A publicação apresenta 56 pranchas contendo fotografias em preto e branco. Cada fotografia corresponde a um vaso pertencente ao conjunto de vasos escavados na Fossa de Purificação de Reneia e mantidos na coleção de mesmo nome do Museu Arqueológico de Míconos. Alguns vasos possuem mais de uma foto, geralmente fotos com ângulos que buscam mostrar detalhes específicos da peça. No total, foram 389 peças, entre vasos e fragmentos, publicados neste volume.

Dugas e Rhomaios (1934, p. 12) dividiram o total de peças em duas grandes categorias, a categoria A e categoria B, definidas segundo a coloração do engobo e da argila. A categoria A se subdivide em 6 grupos e a categoria B se subdivide em 3 grupos, determinados pelas características da técnica, forma, decoração e argila dos vasos. Além das categorias A e B há os vasos áticos, rodianos, cretenses, cipriotas e de origem indeterminada.

A grande característica da categoria A é a presença de uma superfície polida de cor marrom clara e engobo esbranquiçado. Os vasos classificados na categoria B apresentam engobo claro, de cor branca amarelada a marrom clara (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 12).

Respectivamente, as subdivisões das categorias A e B são: Aa, Ab, Ac, Ad, Ae, Af, Ba, Bb, Bc. Abaixo a classificação conforme pensada pelos autores:

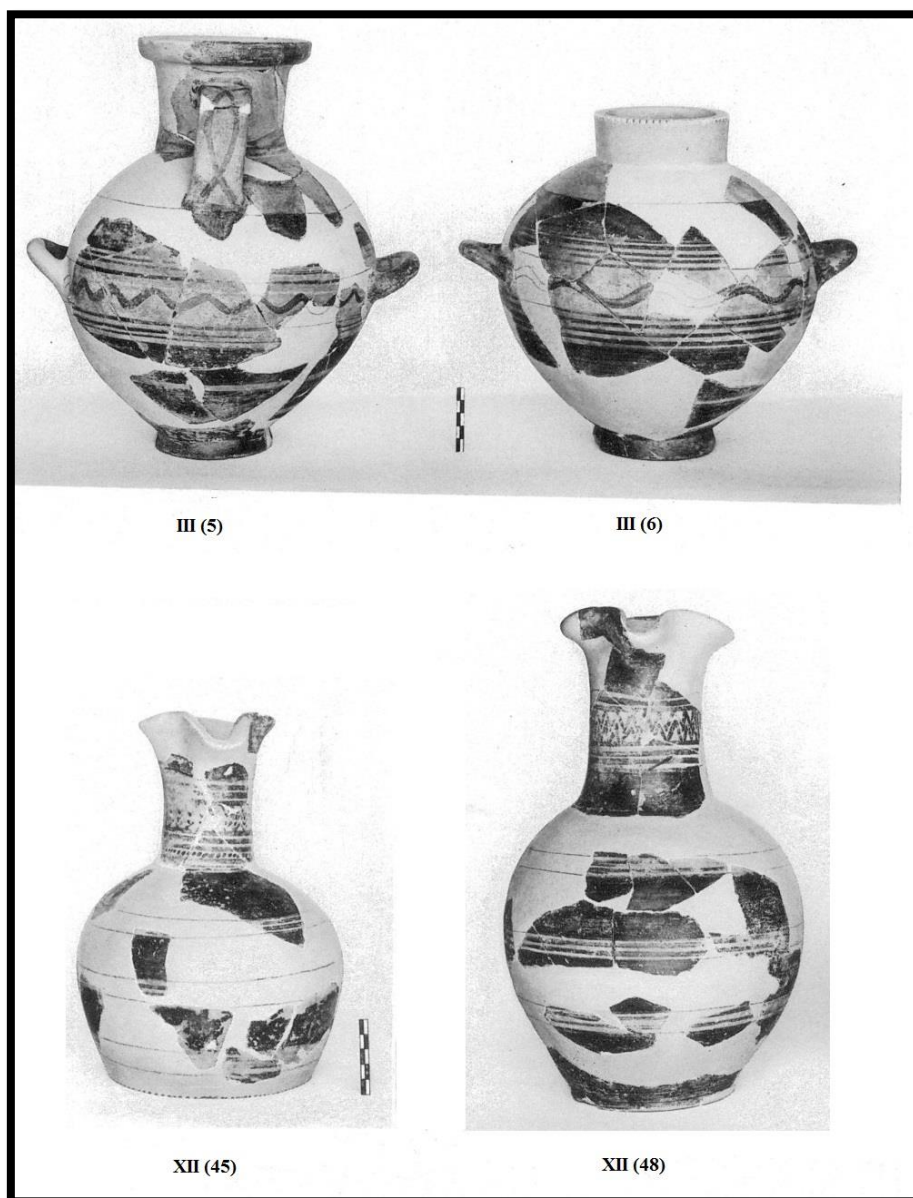
4.1.1 Grupo Aa

Grupo representado por vasos com decoração simples, linear e estritamente geométrica. São ânforas com alças verticais, hídrias e enócoas. A decoração curvilínea que estes vasos apresentam é comum em diferentes regiões, o que fez os autores acreditar serem importações (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 12-13). Alguns exemplares (DUGAS;

¹⁰⁰ [...] a coleção dos vasos do museu de Míconos tornou-se uma das mais importantes da Grécia – e a primeira para o estudo da cerâmica das Cíclades (tradução livre).

RHOMAIOS, 1934, prancha III 5-6, IV 9-11) parecem ser estilisticamente próximos do Protogeométrico. Outras, como as enócoas deste grupo (RHOMAIOS, 1934, prancha XII 45 e 48, XIII 51), (figura 22), são idênticas às enócoas do Geométrico Antigo e Geométrico Médio da Ática.¹⁰¹

Figura 22 - Cerâmica geométrica do grupo Aa.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha III (5-6), XII (45-48).

¹⁰¹ Cf. COLDSTREAM, 2008, fig. 2d; 3c, n.

4.1.2 Grupo Ab

Nesse grupo foram classificadas as ânforas com pescoço largo e alças horizontais pequenas, possuem decoração com elementos orientalizantes e composições ricas que balanceiam a relação entre forma e decoração (RHOMAIOS, 1934, p. 12, 27).

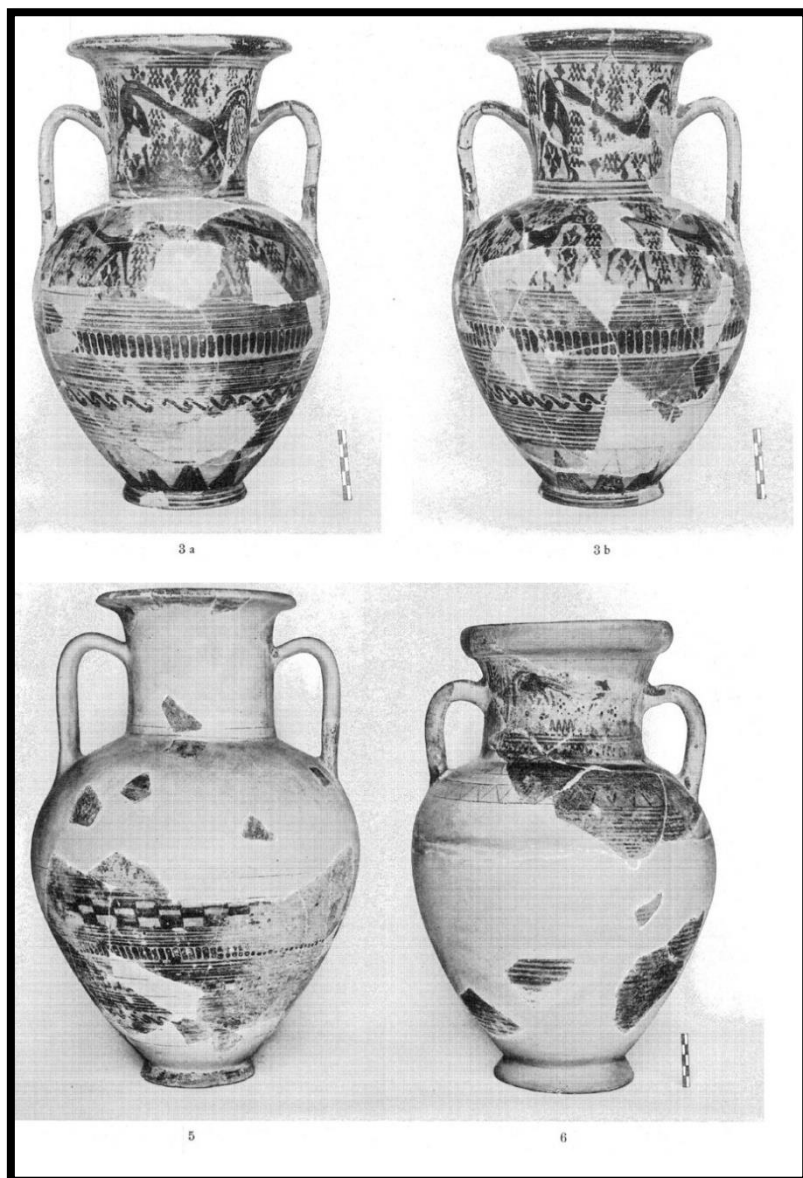
4.1.3 Grupo Ac

Composto por vasos de grandes dimensões, principalmente ânforas com decoração geométrica. É o grupo que exhibe maior superfície decorada, com verniz brilhante, sem engobo, sem mica e com uma argila bastante fina, características que os autores acreditam ser indício da proximidade do estilo ático do século VIII a.C. (RHOMAIOS, 1934, p. 12, 33).

4.1.4 Grupo Ad

Neste grupo se encontram aqueles vasos com tendência orientalizante muito semelhantes ao final do Geométrico ático, em que a decoração linear cede espaço para cenas figuradas e os ornamentos retilíneos são aplicados com menor precisão e detalhamento, possivelmente era uma produção feita de forma rápida, em série. É mais recente que o grupo Ac porque o verniz tem menos brilho e fixação, além de apresentar muitas figuras de animais (figura 23). As formas mais comuns são ânforas e hídrias. Os autores reconheceram neste grupo não só um mesmo estilo, mas também a mesma oficina uma vez que a técnica passa ser padrão: argila avermelhada fina, superfície lisa, verniz negro brilhante, sem a presença de engobo, mesmo sistema de decoração e a mesma forma para as ânforas e hídrias. Aqui também a proximidade com o estilo ático é atestada pelas características descritas (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 12, 39).

Figura 23 - Cerâmica geométrica do grupo Ad.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XXII.

4.1.5 Grupo Ae

Subdivisão na qual foram agrupados somente os esquifos com decoração geométrica (RHOMAIOS, 1934, p. 12, 49).

4.1.6 Grupo Af

Como no grupo Ae, os autores fizeram uma divisão estritamente baseada na forma, neste caso, pratos. Os exemplares parecem com os de Rodes e há peças iguais encontradas em Tera e na Ática (RHOMAIOS, 1934, p. 12, 67).

4.1.7 Grupo Ba

Este grupo é constituído somente por vasos provenientes de Tera. As formas mais comuns são as ânforas com decoração geométrica e orientalizante (RHOMAIOS, 1934, p. 12, 71).

4.1.8 Grupo Bb

As formas mais comuns desse grupo são as ânforas, enócoas e esquifos. As ânforas possuem uma característica distintiva: o bojo alongado. A decoração geométrica se destaca sobre um claro engobo branco amarelado, com nuances de marrom. O verniz é forte, brilhante e resistente, semelhante ao ático (RHOMAIOS, 1934, p. 12, 71).

4.1.9 Grupo Bc

Estes vasos possuem uma decoração que varia de motivos bastante geométricos para motivos orientalizantes. As formas mais características são a ânfora e a cratera. Essa variação de motivos geométricos para motivos orientalizantes fez com que os autores situassem esse grupo no final do Geométrico e identificassem neles a proximidade com o estilo ático (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 12, 85).

Os grupos Bb e Bc foram encontrados nas ilhas de Delos, Reneia e Naxos, indicando uma difusão restrita do estilo que levou Dugas e Rhomaios (1934, p. 71) a levantarem a hipótese de que em alguma dessas ilhas se encontrava o centro de produção, provavelmente em Naxos. Não há vasos de Tera em Delos, mas há muitas importações de outras ilhas em Tera, principalmente do grupo Ab que também é bem representado em Delos e Reneia. Supunha-se no momento desta publicação (DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p.44) que a maior

parte do material geométrico proveniente da Fossa de Purificação fosse originário de Paros ou Naxos, fato confirmado posteriormente por Coldstream (2008).

4.2 A cerâmica geométrica de Delos

Excetuando-se o conjunto de cerâmica encontrado nas escavações da Fossa de Purificação de Reneia, tratado na subdivisão anterior, a publicação de Dugas e Rhomaios (1934) apresenta alguns vasos provenientes de Delos e que de alguma forma não foram transferidos para Reneia durante a Purificação, publicados anteriormente por Dugas e Poulsen (1911). P. Roussel na introdução do *Exploration Archéologique de Délos XV* (In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 4-5) considera que esses vasos compartilhavam do mesmo contexto de uso – provavelmente funerário - antes de serem separados pela purificação da ilha e, portanto, foram publicados em um mesmo volume¹⁰². Por outro lado, acrescenta P. Roussel (In: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, p. 5), a cerâmica encontrada no Heraion forma um conjunto separado, associado somente ao templo, o que resultou em uma publicação exclusiva deste material no *Exploration Archéologique de Délos X* (DUGAS, 1928)¹⁰³.

¹⁰² Roussel não faz nenhuma menção à função da cerâmica, mas pela ação de Purificação da ilha de Delos descrita por Heródoto e Tucídides - citados anteriormente - é possível deduzir que o material transferido para Reneia, bem como o material que fortuitamente foi esquecido durante o processo, era proveniente de sepulturas e não de templos.

¹⁰³ Associada a um depósito votivo sua função era, evidentemente, votiva.

Figura 24 - Ânfora geométrica. Delos, Museu Arqueológico de Delos, alt. 33cm – inv: B1.947x.



Fonte: DUGAS; RHOMAIOS, 1934, prancha XVI, 8.

Conforme mencionado anteriormente, O Heraion de Delos recebeu escavações ao longo do século XX e início do XXI. Nestas escavações, fragmentos e vasos característicos do período Geométrico foram encontrados associados ao Heraion I, templo de Hera descoberto no interior da *cella* do Heraion II, templo mais recente (SARIAN, 2000, p. 330) (ANEXO F).¹⁰⁴

Na escavação conduzida por P. Roussel, em 1911, encontraram-se pela primeira vez alguns vasos das Cíclades produzidos no final do período Geométrico (SARIAN, 2000, p. 333-334). Esse material foi publicado por Ch. Dugas no *Exploration Archéologique de Délos X* (1928). Um total de 14 vasos do Geométrico cicládico é apresentado por Dugas, sendo divididos em 2 grupos. Assim, 10 classificados como Insulares e 4 como Argivos-Cicládicos (1928, p. 2, tabela 1). Conforme a classificação que o autor estabeleceu na ocasião da publicação do EAD X a maior parte dos vasos geométricos do depósito votivo do Heraion são contemporâneos do início do Orientalizante, ou seja, início do século VII a.C. O autor levanta essa hipótese devido à baixa frequência de vasos geométricos encontrados no depósito votivo e também porque, em sua maioria, estão muito fragmentados. Os vasos insulares são

¹⁰⁴ O templo I data da segunda metade do século VIII a.C. (SARIAN, 2008, p. 9), enquanto que o templo II data entre 475 e 450 a.C. (SARIAN, 2000, p. 333).

caracterizados como pertencentes ao grupo que possui cobertura de engobo e muito comuns entre os contextos das Cíclades, provavelmente boa parte do Grupo Aa e Ab da publicação de Dugas e Rhomaios (1934) (COULIÉ, 2013, p. 98), ou do centro produtivo Pariano, conforme foi debatido nesta pesquisa. Os vasos Argivo-Cicládicos são, segundo o autor, do Período Geométrico, porém bastante raros (DUGAS, 1928, p. 9, 23 e 24), é provável que sejam do centro produtivo Naxiano.

Durante as sondagens de 1958, conduzidas por P. Bernard, foram encontrados fragmentos cerâmicos geométricos ao Sudoeste do templo II (SARIAN, 2008, p 4). As sondagens de 1964, conduzidas por J. Ducat, revelaram fragmentos do Geométrico Recente (SARIAN, 2000, p. 329).

Figura 25 - Fragmento de borda de um vaso geométrico proveniente das escavações de Jean Ducat, em 1964. Delos, Museu Arqueológico de Delos, alt. 3,05 cm.



Fotografia: Arquivo Haiganuch Sarian.

Em 2008, durante as escavações da Professora Haiganuch Sarian, foi descoberto na parte Sul do terraço Oeste do Heraion um estrato de terra, de coloração marrom oliva, repleto de fragmentos do período Geométrico Recente. Embora sejam necessárias análises mais precisas, alguns dos fragmentos são, provavelmente, provenientes das Cíclades, da Eubeia e de Rodes, além de um aríbalo quase completo cuja argila, forma e decoração são típicas do Geométrico Recente de Naxos, ter sido encontrado sob um dos blocos de fundação do muro Y na mesma camada marrom oliva (SARIAN, 2008, p. 7).

Figura 26 - Aríbalo do Geométrico Recente das Cíclades proveniente das escavações de Haiganuch Sarian, em 2008. Delos, Museu Arqueológico de Delos.

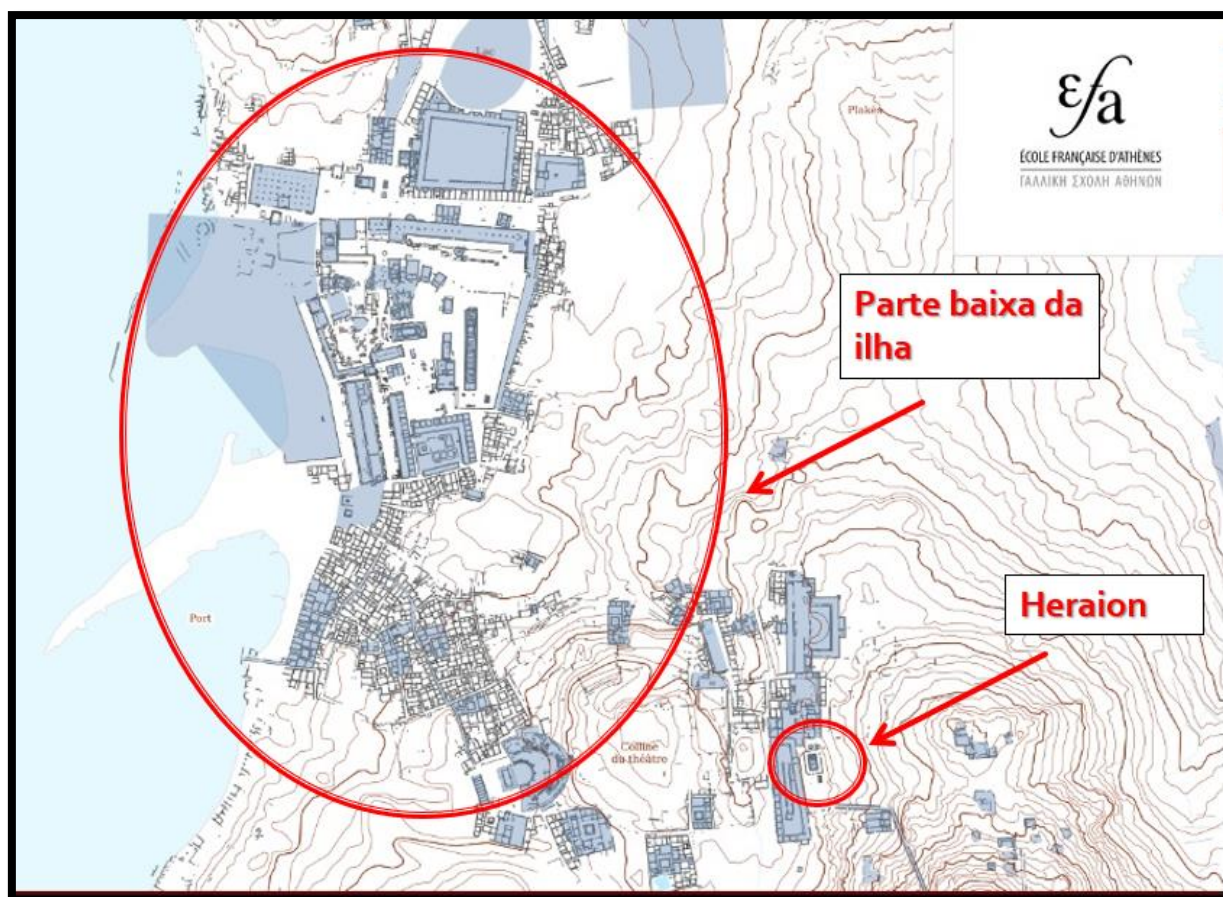


Fonte: SARIAN, 2008, fig. 30.

A análise e comparação desses conjuntos permite levantar algumas hipóteses importantes sobre a distribuição de cerâmica cicládica do Período Geométrico em Delos (ver mapa 6). A fim de estabelecer a relação entre os conjuntos, cabe destacar três momentos. Em primeiro lugar, os relatos de Heródoto e Tucídides indicam que na parte baixa da ilha, região do santuário de Apolo e próximo ao porto antigo, existiam sepulturas, talvez um cemitério. O material de toda essa região foi removido por conta da Purificação e levado para Reneia. Em um segundo momento, há as evidências das escavações do século XIX e XX, conduzidas pelo Serviço Grego de Arqueologia e pela Escola Francesa de Atenas. Nesse contexto, foi

encontrado o local em Reneia para onde o material exumado de Delos foi levado depois da purificação da ilha. Paralelamente, as escavações em Delos, na parte baixa da ilha, revelaram a presença de material que, posteriormente, foi comparado ao de Reneia, indicando semelhança entre o material dos dois locais. Assim, ganhou peso a hipótese de que a região próxima ao porto antigo passou por uma espécie de retirada de material que foi conduzido a Reneia, porém parte desses vasos foi deixada em Delos no processo de exumação. Por fim, encontraram-se os vasos e fragmentos no depósito votivo do Heraion e proximidades do templo em menor quantidade, na sua maioria fragmentado e incompleto.

Mapa 6 - Detalhe da ilha de Delos indicando os dois focos principais de achados de cerâmica geométrica cicládica.



Fonte: Escola Francesa de Atenas, disponível em:
<https://www.efa.gr/fr/recherche/sites-de-fouilles/cyclades/delos/delos-presentation-geographique>

Até que análises mais minuciosas, incluindo técnicas arqueométricas, sejam conduzidas nos fragmentos e vasos, as conclusões são bastante generalistas e preliminares, principalmente, porque a maior parte dos contextos não são primários. Isso posto, os dados apontam para dois lugares de concentração de cerâmica geométrica cicládica: um mais robusto na parte baixa da ilha (BRISART, 2017, p. 330-331), considerando – por meio da análise e comparação dos achados – os vasos que foram levados para Reneia, e outro menos denso nas proximidades do Heraion. Os achados também diferem em relação às formas e cronologia, sendo ausentes formas grandes e pesadas, como ânforas, na região do Heraion, menores, como esquifos e enócoas. Por outro lado, os vasos da parte baixa da ilha, e consequentemente de Reneia, são mais variados, indicando origem dos centros produtivos Naxiano, Pariano, Meliano e mesmo Tessalo-Cicládico, o que faz com que sua cronologia seja mais recuada, entre GA e GR. Os poucos vasos geométricos do depósito votivo, pelas formas e decoração, indicam origem Pariana e Naxiana do GR. A baixa frequência do Geométrico em relação ao Orientalizante nesse contexto parece confirmar a hipótese de Dugas de que se tratava de vasos depositados na transição do Geométrico para o Orientalizante, quando os vasos geométricos estavam se tornando menos populares. Entretanto, os achados de fragmentos e de alguns vasos associados a camadas mais profundas e a estruturas de um dos muros, conforme apontado sobre as escavações conduzidas por Haiganuch Sarian, são indicativos de que a presença de cerâmica geométrica nessa região é associada ao GR, e não só à transição.

CONCLUSÕES

A definição de centro produtivo, inicialmente, parecia uma questão simples, porém se mostrou ao longo do estudo um problema complexo. Ele se apresentou pela ausência de dados arqueológicos e de discussões específicas na literatura. A grande contribuição desta pesquisa nesse sentido é simples, mas chegar a esse ponto foi uma tarefa que exigiu a revisão bibliográfica e o estabelecimento da articulação de elementos que inicialmente não estava clara. Assim, chegou-se à conclusão que a busca pela caracterização e localização dos centros produtivos cicládicos do Período Geométrico é realizada quase que exclusivamente pela análise dos conjuntos cerâmicos, ou seja, das produções, uma vez que praticamente não há vestígios arquitetônicos de oficinas. Ademais, a delimitação espacial dessa categoria é incerta, pois alguns desses centros estão claramente circunscritos a uma ilha, ao passo que outros ocupam um conjunto delas. Nesse sentido, parece mais fácil defini-los no tempo, observando a modificação das formas e dos ornamentos, do que no espaço porque, neste último caso, há uma escassez de parâmetros, restando recorrer à distribuição da produção. Nesse ponto, também surgiram conclusões não esperadas, mas que levaram a reflexões importantes. Em primeiro lugar, estudar a circulação buscando indícios de acordos comerciais específicos e conjunturas políticas e econômicas é uma tarefa muito complexa para ser realizada sem incorporar dados de outras natureza que não a cerâmica, como análise de contextos funerários e outras ordens de materiais. Por outro lado, a distribuição, esse aspecto específico da circulação, é muito útil para o tipo de investigação desta pesquisa. Isso ocorre porque na busca pela localização de centros produtivos, qualquer sítio arqueológico onde se encontre cerâmica associada a determinada produção pode ser interpretado como o próprio centro ou área consumidora. A decisão dessa escolha recai sobre estudo atento do contexto de achado, comparações e quantificações.

Tendo isso em mente, confirmou-se a ideia de que a descentralização, pelo menos em relação à produção de cerâmica, foi a grande tendência ao longo das várias fases do Geométrico e praticamente todos os cantos do arquipélago tiveram seus centros produtivos. Ora esses centros tenderam à maior uniformidade, ora à maior autonomia estilística, porém nunca idênticos. Entretanto, é durante o Geométrico Recente que centros produtivos bastante diferenciados entre si emergem em Naxos, Melos, Paros e Tera.

Retomando o debate a partir da ordenação cronológica e agrupando os estudos segundo as características das obras, as constatações acima expressas ficaram claras,

contribuindo, se não com novos dados materiais ou teóricos, com uma melhor compreensão do dossiê cicládico e da maneira como o debate foi constituído. Mais que encontrar soluções definitivas para o debate, os resultados foram no sentido de retomá-lo.

Quanto ao caso de Delos, os achados indicam demanda de vasos de cerâmica para emprego em diferentes tipos de atividades, como foi possível observar nas duas áreas de ocupação, uma votiva, na região do Heraion e do Cinto, outra funerária – possivelmente o cemitério estava associado a algum espaço habitacional próximo – na parte baixa da ilha, próxima ao antigo porto e ao santuário de Apolo. O material da ilha tem origem variada, inclusive com exemplares extracicládicos. Além disso, a parte baixa da ilha continha vasos relacionados ao período de maior circulação de vasos áticos no arquipélago, datados, portanto, do Geométrico Médio e talvez Geométrico Antigo, ao passo que a região do Heraion-Cinto apresenta cerâmica do final do Período Geométrico.

Devido aos efeitos e atrasos provocados pela pandemia de Covid-19, não foi possível trabalhar com uma grande massa de dados e as análises dos vasos e fragmentos, principalmente no Museu Arqueológico de Delos, não foram conduzidas, comprometendo os resultados da pesquisa. Observou-se, contudo, uma série de lacunas antes não detectadas que podem ser objetos de estudos em publicações futuras. Em primeiro, questões amplas, cujo interesse transcende o campo da arqueologia e as especificidades do recorte dessa pesquisa, tais como discussões sobre a caracterização do Período Geométrico e da Idade do Ferro Inicial no que tange a problemas de cronologia, de nomenclaturas, de enquadramento na História Antiga da Grécia, abordando questões que lidam com documentações, conceitos e estratégias que façam com que esse período também seja debatido fora do campo da especialidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos

DUGAS, C. **Fouilles Délos 1923**: Correspondance (deux lettres au directeur de l'Efa) et rapport dactylographié de Ch. Dugas sur son étude des vases de l'Héraion et des vases de la fosse de purification de Rhénée, 1923. (Arquivos da École Française d'Athènes).

Textos Antigos

HERÓDOTO. *Histoires*. Livre I Clio. Trad. Ph. E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

TUCÍDIDES. **La Guerre du Péloponnèse**. Livre I. Trad. Jacqueline de Romilly. Les Belles Lettres, 1981.

_____. **La Guerre du Péloponnèse**. Livre III. Trad. Jacqueline de Romilly. Les Belles Lettres, 1967.

Textos Modernos

AGELARAKIS, A. P. **Parian Polyandria**: The Late Geometric Funerary Legacy of Cremated Soldiers' Bones on Socio-Political Affairs and Military Organizational Preparedness in Ancient Greece. Oxford: Archaeopress Archaeology Publishing, 2018.

AINIAN, A. M. **From Ruler's Dwellings to Temples**. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700). SIMA, CXXI, 1997.

_____. Siculo-Geometric and The Sikels: Ceramics and Identity in Eastern Sicily. In: LOMAS, Kathryn (Org). **Greek Identity in the Western Mediterranean**. Papers in Honour of Brian Shefton. Leiden: Brill, 2004.

ARNOLD, D. E. **Ceramic Theory and Cultural Process**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. (New Studies in Archaeology).

BARCLAY, K. **Scientific Analysis of Archaeological Ceramics**: A Handbook of Resources. Oxford: Oxbow Books, 2001.

BLEGEN, C. W.; PALMER, H.; YOUNG, R. S. **Corinth**: the North Cemetery. Princeton, 1964. (Corinth XIII).

BLONDÉ, F.; PERREAULT, J. Y. (Orgs.). Les Ateliers de potiers dans le monde grec aux époques géométrique, archaïque et classique : actes de la Table Ronde organisée à l'École française d'Athènes (2 et 3 octobre 1987 (Vol. 23). École française d'Athènes. In: **BCH**, supplément XXIII, 1992.

BOARDMAN, J. **Early Greek Vase Painting** – 11th to 6th BC. Londres: Thames and Hudson, 1998.

_____. **Pottery from Eretria**. BSA, 47, 1952.

_____. **The Greeks overseas: The colonies and trade**. New York, 1980.

_____. **The History of Greek Vases: Potters, Painters and Pictures**. Londres: Thames & Hudson, 2001.

BRISARD, T. H. Céramique géométrique cycladique. In ÉTIENNE, R. **Le Sanctuaire d'Apollon à Délos**. Athènes : École Française d'Athènes, De Boccard, 2018 (EAD XLIV).

BROODBANK, Cyprian. Mediterranean “Prehistory”. In: HORDEN, P.; KINOSHITA, S. (Org). **A Companion to Mediterranean History**. Sussex: Wiley Blackwell, 2014.

BRUNEAU, P.; DUCAT, J. **Guide de Délos**. 3^a Ed. Paris: E. de Boccard, 1983. (Collection : École Française d'Athènes, Sites et Monuments, 1).

BUSCHOR, E. Kykladisches. **AM**, 54, 1929.

CAILLEUX, A., **Code expolaire des couleurs des sols**. Paris : Éditions Boubée, 2000.

CAMBITOGLOU, A. et al. **Zagora 1: Excavation of a Geometric Town on the Island of Andros (1968-1969)**. Athens: K. Mihala, 1992.

_____. *Zagora 2: Excavation of a Geometric Town on the Island of Andros (1969-1970)*. Athens: K. Mihala, 1988.

CHILDE, V. G. *Introdução à Arqueologia*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961.

COLDSTREAM, J. N. **Geometric Greece 900-700 BC**. Londres, Nova York: Routledge, 2003.

_____. **Greek Geometric Pottery: A Survey of ten Local Styles and their Chronology**. 2^a ed. Bristol: Fenix Press, 2008.

_____. The Cesnola Painter: A Change of Address. **BICS**, 18, 1971.

_____. The meaning of the regional styles in the eighth century. In: HÄGG, R. et al. *The Greek Renaissance of the Eighth Century BC.: Tradition and Innovation*. In: **Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae**, Estocolmo, Vol. 30, n. 4, 1983. (Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1981).

_____. The Rich Lady of the Areiopagos and Her Contemporaries: A Tribute in Memory of Evelyn Lord Smithson. **Hesperia**, Vol. 64, n. 4, 1995. Atenas : The American School of Classical Studies at Athens.

CONVEGNO DI CORTONA. **Forme di contatto e processi di trasformazione nelle società antiche.** Pisa, Scuola Normale Superiore Roma, École Française de Rome, 1983. (Collection de l'École française de Rome). 19

CONZE, A. Zur Geschichte der Anfänge griechischer Kunst. **SBWien**, 64, 1870.

_____. Zur Geschichte der Anfänge griechischer Kunst II. **SBWien**, 73, 1873.

COOK, R. M. **Greek painted pottery.** 3^a ed. Londres, Nova York: Routledge, 1997.

COUILLOUD, Mt. **Les Monuments Funéraires de Rhénée.** Paris: Diffusion De Boccard, 1974. (EAD, XXX).

_____. Monuments Funéraires de Rhénée. In: **BCH**, n. 94, 2, Athènes, École Française d'Athènes, 1970, p. 533-547.

COULIÉ, A. **La céramique grecque aux époques géométrique et orientalisante: XIe-VIe siècle av. J.-C.** Paris: Picard, 2013. (Collection: Les Manuels D'Art ET D'Archéologie Antiques).

_____. Région et Cités: la question des styles cycladiques en céramique aux VIII^e et VII^e siècles. In: **Identités ethniques dans le monde grec antique: actes du colloque international de Toulouse organisé par le CRATA, 9-11 mars 2006** (Vol. 73, pp. 53-62). Toulouse: Presses Univ. du Mirail, 2007.

COURBIN, P., **La Céramique Géométrique de l'Argolide.** Paris : Éditions E. De Boccard, 2 vols., 1966. (Collection : BEFAR, 208).

_____. **Tombes Géométriques d'Argos I (1952-1958).** Paris : Librairie Philosophique J.Vrin, 1974. (Collection : École Française d'Athènes, Études Péloponnésiques, 7).

DALONGEVILLE, R.; ROUGEMONT, G. (Orgs.). **Recherches dans les Cyclades.** Résultats des Travaux de la RCP 583. Paris: Diffusion de Boccard, 1993. (Collection de la Maison de L'orient Méditerranéen, 23, Série Archéologique 13).

DAVISON, J. M. **Attic Geometric Workshops.** Roma: L'Erma di Bretschneider. 1968.

DESBOROUGH, V. R.d'A. **Protogeometric Pottery.** Oxford: Clarendon Press, 1952.

_____. **The Last Mycenaeans and Their Successors: An Archaeological Survey c. 1200-c.1000 B.C..** Oxford: Clarendon Press, 1964.

_____. What is Protogeometric?. In: **The Annual of the British School at Athens.** 1948, v. 43, p. 260-272.

DESCOEUDRES, J-P. (ed.). Greek Colonists and Native Populations. **Proceedings of the First Australian Congress of Classical Archaeology held in honour of Emeritus Professor A. D.Trendall,** Sydney 9–14 July 1985. Canberra/Oxford: Humanities Research Centre/Clarendon Press, 1990.

DICKINSON, O. **The Aegean from Bronze Age to Iron Age.** Continuity and change between the twelfth and eighth centuries BC. Londres e Nova York: Routledge, 2006.

_____. The Mycenaean Heritage of Early Iron Age Greece. In: DEGER-JALKOTZY, S; LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer.* Edinburgh Leventis Studis 3. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2008.

DIMITROVA, C. Pottery Production in Ancient Greece. In: **Geoarchaeology and Archaeomineralogy** : Proceedings of the International Conference, editado por KOSTOV, B.; GUROVA, G., 29-30 october, 2008. Sofia: Publishing House "St. Ivan Rilski, 2008.

DOUGHERTY, C. **The Poetics of Colonization:** From City to Text in Archaic Greece. London: Oxford University Press, 1993.

DOUMAS, C. G.; MERTENS, J. R.. **Silent Witnesses:** Early Cycladic Art of the Third Millennium BC. Nova Iorque: Alexander S. Onassis Public Benefit Foundation, 2002.

DRAGENDORFF, H. (ed.). **Thera II.** Berlin, 1903.

DUGAS, C. **La Céramique des Cyclades.** Paris : E. De Boccard, 1925. (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, CXXIX).

_____. **La céramique grecque.** Paris: Payot, 1924.

_____. **Les Vases de L'Héraion.** Paris : E. De Boccard, 1928. (EAD, X).

DUGAS, C. ; POULSEN, F. Vases archaïques de Délos. In : **BCH**, 35, vol. I. Paris: Librairie Fontemoing, 1911, p. 350-422.

DUGAS, C.; RHOMAIOS, C. **Les Vases Préhelléniques et Géométriques.** Paris: E. De Boccard, 1934. (EAD, XV).

FAUGÈRES, L.. Le Domain Égéen: un décor et une histoire. In: TREUIL, René et al. (Org). **Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de L'Âge du Bronze.** 2^a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

GAUTIER, J. Caractérisation de centres de productions céramiques par microscopie optique. In: DALONGEVILLE, R.; ROUGEMONT, G. (Orgs.). **Recherches dans les Cyclades.** Résultats des Travaux de la RCP 583. Paris: Diffusion de Boccard, 1993. (Collection de la Maison de L'orient Méditerranéen, 23, Série Archéologique 13).

GOFFER, Z. **Archaeological Chemistry.** Monographs on Analytical Chemistry and its Applications. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007.

HÄGG, Robin. Et al. The Greek Renaissance of the Eighth Century B. C.: Tradition and Innovation. In: *Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae, Estocolmo*, Vol. 30, n. 4, 1983. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1981.

HUNT, A. M. W. (Ed.). **The Oxford Handbook of Archaeological Ceramic Analysis.** Oxford: Oxford University Press, 2017.

JONES, R. E. (ed.). **Greek and Cypriot Pottery**. A Review of Scientific Studies. Grécia : Mitsialis Bros Co, 1986. (The British School at Athens Fitch Laboratory Occasional Paper 1).

KAHANE, P. Die Entwicklungsphasen der Attisch-Geometrischen Keramik. **AJA**, 44, 1940.

KONTOLEON, N. Γεωμετρικός αμφορεύς εκ Νάξου. In: **`Αρχαιολογική `Εφημέρις**, 1945-1947.

KOUROU, N. Cycladic Naxian Late Geometric Pottery and History. In: LENTINI, M. C. (ed.). **The Two Naxos Cities: a Fine Link between the Aegean Sea and Sicily**. Palermo: Gruppo Editoriale Kalós, 2001.

KOURTESSI-PHILIPPAKIS, G.. Le Paléolithique et le Mésolithique. In: TREUIL, René et al. (Org). **Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de L'Âge du Bronze**. 2^a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

KRAIKER, W. ; KÜBLER, K. **Kerameikos. Ergebnisse der Ausgrabungen**, I. Die Nekropolen des 12. bis 10. Jahrhunderts, Berlin, 1939.

KRISTIANSEN, K. **Europe Before History**. New Studies in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____. Networks and the Emergence of Greek Identity. In: **Mediterranean Historical review**, 18, 2, 2003.

KÜBLER, K. Kerameikos. **Ergebnisse der Ausgrabungen**, IV. Neufunde aus der Nekropole des 11. und 10. Jahrhunderts, Berlin, 1943.

_____. Kerameikos. **Ergebnisse der Ausgrabungen**, V, 1. Die Nekropole des 10. und 8. Jahrhunderts, Berlin, 1954.

_____. Kerameikos. **Ergebnisse der Ausgrabungen**, VI. Die Nekropole des späten 8. bis frühen 6. Jahrhunderts, Berlin, 1959.

KUNISCH, N. **Ornamente Geometrischer Vasen: ein Kompendium**. Düsseldorf: Böhlau Verlag Köln Weimar Wien, 1998. 20.

LANGDON, S (Ed.). **From Pasture to Polis: Art in the Age of Homer** 1993 From pasture to polis. Art in the Age of Hommer. Columbia: University of Missouri Press, 1993.

_____. The Pottery of the Early Iron Age and Geometric Periods in: RUNNELS, C.: PULLEN, D. J.; LANGDON, S. (eds.) **Artifacts and Assemblage. The Finds from a Regional Survey of the Southern Argolid**, Greece. Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1995, p. 57-73.

_____. Views of Wealth, a wealth of Views: Grave Goods in Iron Age Attica. In: LYONS, Deborah; WESTBROOK, Ramond (orgs.). **Women and Property in Ancient Near Eastern and Mediterranean Societies**. Conference organized by the Center for Hellenic

Studies. Harvard University. Disponível em : <http://chs.harvard.edu/CHS/article/display/1219> p. 1-27. 2003.

LAUMONIER, A. **Les Figurines de Terre Cuite**. Paris : E. De Boccard, 1956. (EAD XXIII).

LEMOS, I. Athens and Lefkandi: a tale of two sites. In: DEGER-JALKOTZY, S; LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2008 (Edinburgh Leventis Studies 3).

MALKIN, I. *Ancient Perception of Greek Ethnicity*. Center for Hellenic Studies: Trusters for Harvard University, 2001.

_____. **A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.

_____. Networks and the Emergence of Greek Identity. In: **Mediterranean Historical review**, 18, 2, 2003.

MATSON, F. R. (Ed.). **Ceramics and Man**. Chicago: Aldine Publishing Company, 1965.(Viking Fund Publications in Anthrpology, v. 41).

MORALES, F. A.; SILVA, U. G. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, 2020. v.40, n. 83, p. 125-150.

MORRIS, I. **Archaeology as Cultural History: words and things in Iron Age Greece**. Oxford: Blackwell Publishers Inc. 2000.

_____. **Burial and ancient society: The rise of the Greek city-state**. Nova York: Cambridge University Press, 1987.

_____. **Mycenaean Pottery. An Introduction**. Exeter: The Short Run Press, 2001.(Oxford University School of Archaeology Monograph, v. 36).

NIKOLAOU, K. On the Origins of Greek Geometric Pottery and Questions of Continuity. In: **Symposium on the Dark Ages in Greece**. New York: Hunter College: 21-31, 1977.

NOBLE, J. V. **The Techniques of Painted Attic Pottery**. Londres: Faber e Faber, 1966.

PAYNE, H. G. G. Cycladic Vase-painting of the Seventh Century. **JHS**, 46, 1926.

PEACOCK, D. The Scientific Analysis of Ancient Ceramics: A Review. In : **World Archaeology**, vol. 1, n. 3, 1970. p. 375-389.

PFUHL, E. Der archaische Friedhof am Stadtberge Von Thera. In: **Mitteilungen des deutschen archäologischen Instituts, Athenische Abteilung**, 28, 1903.

PLASSART, A.. **Les sanctuaires et les cultes du Mont Cynthe**. Paris : E. De Boccard, 1928. (EAD XI).

POPHAM, M. R.; CALLIGAS, P. G.; SACKETT, L. H. **Lefkandi II: The Protogeometric Building at Toumba**. Oxford: Alden Press, 1993.

POPHAM, M. R.; SACKETT, L. H.; THEMELIS, P. G. **Lefkandi I: The Iron Age**. Oxford: Alden Press, 1980.

POURSAT, J-C. Le Cadre Chronologique. In: TREUIL, René et al. (Org). **Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de L'Âge du Bronze**. 2^a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

RENFREW, Colin. **The Emergence of Civilisation: The Cyclades and the Aegean in the Third Millennium BC**. Londres: Methuen, 1972.

RUIJGH, C. J. L'écriture syllabique et l'écriture alphabétique. In: TREUIL, René et al. (Org). **Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de L'Âge du Bronze**. 2^a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

SABADINI, F. A. **A Cerâmica Geométrica da Ática (1100-700 a.C.): Tradição e Inovação**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 691. 2016.

_____. A Tradição na Produção de Estatuetas Cicládicas (3.200-2.700 a.C.). In: **Revista Mare Nostrum**, vol 10, n. 1, 2019. pp. 135-155; Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/150055>, acessado em 20/10/2023.

_____. Revisitando a Cerâmica Geométrica das Cíclades: Produção e Circulação. NEARCO, n. 1, vol. XIV, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

SALVIAT, F. La céramique thasienne orientalisante et l'origine des vases méliens. **Les Cyclades. Matériaux pour une étude de géographie historique**. Paris, CNRS: 185-190. 1986.

SARIAN, H. A Escrita Alfabetica Grega: uma invenção da polis? A contribuição da arqueologia. In: **Clássica**, v. 11/12, n. 11/12. 1998/1999, p. 159-77.

_____. A cerâmica como documento arqueológico. In: **Revista de Pré-História**, n. 6, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1984, p. 196-204.

_____. A ilha de Renéia (Ciclades, Grécia) – Arqueologia – Topografia – História. In: **Revista de Pré-História**, n. 6. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1984, p. 270-280.

_____. Alguns dados relativos ao projeto de pesquisa “Arqueologia de um santuário: o Heraion de Delos, Grécia”. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 10, 2000, p. 329-336.

_____. Análises Físico-químicas na Determinação das Origens da Cerâmica Orientalizante das Cíclades e da Grécia de Leste (sécs. VII e VI a.C.). In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 2, 1997, p. 61-71.

_____. **Arqueologia de um Santuário: o Heraion de Delos.** Relatório Científico à FAPESP. São Paulo: MAE/USP, 2008. 18 p.

SCHIFFER, M. B. **Behavioral Archaeology.** Nova York: Academic Press, 1976.

_____. **Formation Processes of the Archaeological Record.** Salt Lake City: University of Utah Press, 1996.

SCHREIBER, T. **Athenian vase-construction: A potter's analysis.** Malibu: Getty Museum Publications, 1999. 21.

SHEEDY, K. A. Attic and Atticising Pottery in the Cyclads during the Eighth century B.C. In: DESCOEUDRES, J.-P. (ed.). EYMOYΣΙΑ, **Ceramic and Iconographic studies in honor of Alexander Cambitoglou,** Mediterranean Archaeology. Suplemento 1. Sydney, 1990.

SNODGRASS, A. **Archaeology and the rise of the Greek state.** An Inaugural Lecture. London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1977.

_____. **Archaic Greece.** The age of experiment. Londres: J. M. Dent, 1980.

_____. **The Dark Age Greece: An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC.** Nova York: Routledge, 2000.

_____. The Greek Early Iron Age : a reappraisal. In: **Dialogues d'histoire ancienne**, vol. 9, 1983. pp. 73-86; Disponível em: http://www.persee.fr/doc/dha_0755-7256_1983_num_9_1_1599, acessado em 19/06/2019.

SOUZA, C. D. de. Aspectos da construção do espaço funerário no mundo Grego do Período Geométrico (entre 900 e 700 a.C.). In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE A CIDADE ANTIGA, 1., 2013, São Paulo. **Khorion, O espaço no Mundo Grego,** Organização LABECA. São Paulo. p. 1-29.

_____. As Práticas Mortuárias na Região da Argólida. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, suplemento 13, 2011.

STAVROPOULLOS, Εκθεσις Περὶ Τῆς Ἐν Πηνεῖα Ἀνασκαφῆς. In: **Prakt AE**, vol.1898, 1899, 1900, Atenas.

STOCKHAMMER, P. W. Conceptualizing cultural hybridization in archaeology. In **Conceptualizing Cultural Hybridization: A Transdisciplinary Approach.** Berlin and Heidelberg: Springer Verlag, 2012.

STRÖMBERG, A. **Male or Female?** A methodological study of grave gifts as sex-indicators in Iron Age burials from Athens. Jonsered: Paul Aströms Dörlag, 1993.(Studies in Mediterranean Archaeology and Literature).

STUART, B. H. **Analytical Techniques in Materials Conservation.** Sussex: John Wiley & Sons, 2007.

TAYLOR, C.; VLASSOPOULOS, K. **Communities and networks in the ancient greek world**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

TREUIL, René et al. (Org.). **Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de L'Âge du Bronze**. 2^a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

VACEK, A. Imitation or innovation? Style, decoration and syntax of greek and cyprriot pottery during the geometric period. In: GEORGIIOU, A. (org.). **Cyprus: An island culture: Society and Social Relations from the Bronze Age to the Venetian Period**. Oxbow Books, 2012.

VAN DOMMELEN, P; KNAPP, B. A. **Material Connections in the Ancient Mediterranean. Mobility, Materiality and Mediterranean Identities**. London and New York: Routledge, 2011.

VILLARD, F. Les céramiques locales: problèm es généraux. In: BLONDÉ, F.; PERREAULT, J. Y. (Orgs.). **Les Ateliers de potiers dans le monde grec aux époques géométrique, archaïque et classique : actes de la Table Ronde organisée à l'École française d'Athènes (2 et 3 octobre 1987 (Vol. 23). École française d'Athènes. In: BCH, supplément XXIII, 1992.**

_____. Localisation des ateliers cycladiques de céramique géométrique et orientalisante. In: DALONGEVILLE, R.; ROUGEMONT, G. (Orgs.). **Recherches dans les Cyclades**. Résultats des Travaux de la RCP 583. Paris: Diffusion de Bocard, 1993. (Collection de la Maison de L'orient Méditerranéen, 23, Série Archéologique 13).

ZAPHIROPOULOU, P. Une Nécropole à Paros, Nécropoles et Société Antiques. In : DE LA GENTÈRE, J. **Actes du Colloque International de L'Université de Lille III**. Lille 1991, Naples. 1994.

_____. I due Polyandria dell'Antica Necropoli di Paros, **Annali di Istituto Orientali**, Napoli, 6, p. 13-24. 1999. Annale d La universita orientale di napoli (sigla do l Anne).

_____. Geometric Battle Scenes on Vases from Paros, In: RYSTEDT, E.; WELLS, B. (Orgs.). **Pictorial Pursuits. Figurative Painting on Mycenaean and Geometric Pottery. Papers from two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 and 2001**. Estocolmo, 2006.

ZERVOS, C. **La Civilisation Hellénique**. Tome I – Xie-VIIIe S. Paris: Éditions "Cahiers D'Art", 1969.

WEBSTER, T. B. L. **Potter and Patron in Classical Athens**. London: Methuen & Co Ltd. 1972.

WHITLEY, J. **Style and Society in Dark Age Greece: The Changing face of a Pre-literate Society 1100-700 BC**. Cambridge, New York, Port Chester, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1991. (New Studies in Archaeology).

_____. Objects with Attitude: Biographical Facts an Fallacies in the Study of Late Bronze Age and Early Iron Age Warrior Graves. **Cambridge Archaeological Journal**. 2002, v. 12, p. 217-232.

WEINBERG, S. **The Geometric and Orientalizing Pottery**. Cambridge, 1943. (Corinth VII, 1).

APÊNDICES

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia – entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica.

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
1	Aa	Hídria		
2	Aa	Hídria		
3	Aa	Hídria		
4	Aa	Hídria		
5	Aa	Hídria		
6	Aa	Hídria		
7	Aa	Pixide		
8	Aa	Hídria		
9	Aa	Hídria		
10	Aa	Hídria		
11	Aa	Hídria		
12	Aa	Hídria		
13	Aa	Hídria		
14	Aa	Hídria		
15	Aa	Hídria		
16	Aa	Ânfora		
17	Aa	Ânfora		
18	Aa	Ânfora		
19	Aa	Ânfora		
20	Aa	Ânfora		
21	Aa	Hídria		
22	Aa	Hídria		
23	Aa	Hídria		
24	Aa	Hídria		
25	Aa	Hídria		
26	Aa	Hídria		
27	Aa	Hídria		
28	Aa	Ânfora		
29	Aa	Ânfora		
30	Aa	Ânfora		
31	Aa	Ânfora		
32	Aa	Hídria		
33	Aa	Hídria		
34	Aa	Hídria		
35	Aa	Hídria		
36	Aa	Hídria		
37	Aa	Hídria		
38	Aa	Hídria		
39	Aa	Hídria		
40	Aa	Hídria		
41	Aa	Hídria		
42	Aa	Ânfora		
43	Aa	Ânfora de pescoço		
44	Aa	Enócoa trilobada		
45	Aa	Enócoa trilobada		
46	Aa	Enócoa		
47	Aa	Enócoa		
48	Aa	Enócoa trilobada		
49	Aa	Enócoa com alça		
50	Aa	Enócoa com alça		

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica (continuação).

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
51	Aa	Enócoa com alça		
52	Aa	Enócoa com alça		
53	Aa	Enócoa		
54	Aa	Enócoa		
55	Aa	Enócoa com alça		
56	Aa	Enócoa		
57	Aa	Enócoa		
58	Aa	Ânfora de pescoço		
59	Aa	Ânfora de pescoço		
60	Aa	Ânfora de pescoço		
61	Aa	Ânfora de pescoço		
62	Aa	Vaso sem alça		
63	Aa	Pixíde		
64	Aa	Tampa		
38	Ab	Ânfora	Rosa (BCH 35).	Não
2	Ab	Ânfora		
3	Ab	Ânfora sem		
4	Ab	Ânfora sem		
5	Ab	Ânfora sem		
6	Ab	Ânfora		
7	Ab	Ânfora		
39	Ab	Ânfora	Vermelha, muito	Não
40	Ab	Ânfora	Argila vermelha,	Sim (tipo não
10	Ab	Ânfora		
11	Ab	Cratera		
41	Ab	Ânfora	Argila rosa (BCH 35)	Sim (tipo não
42	Ab	Ânfora	Argila vermelha,	Com grãos (não
19	Ab	Cratera	vermelha dura (EAD	Não
15	Ab	Esquifo		
16	Ab	Base de vaso		
17	Ab	Base de vaso		
18	Ab	Tampa		
19	Ab	Ânfora		
49	Ab	Vaso (fragmento)	Argila vermelha,	Sim (tipo não
44	Ac	Cratera	Rosa, dura	
46	Ac	Ânfora com alças	Argila rosa.	Com grãos (não
47	Ac	Ânfora com alças	Argila cinza vínico,	Pequenas
4	Ac	Ânfora com alças		
48	Ac	Cratera	Argila marrom	Sim (tipo não
6	Ac	Cratera		
7	Ac	Ânfora		
8	Ac	Ânfora		
9	Ac	Vaso (fragmento)		
10	Ac	Ânfora com base		
11	Ac	Ânfora		
1	Ad	Ânfora com alças		
2	Ad	Ânfora com alças		
3	Ad	Ânfora com alças		
4	Ad	Ânfora com alças		
5	Ad	Ânfora com alças		

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica (continuação).

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
6	Ad	Ânfora com alças		
7	Ad	Hídria		
8	Ad	Hídria		
9	Ad	Hídria		
10	Ad	Hídria		
11	Ad	Hídria		
12	Ad	Esquifo com alças		
13	Ad	Hídria		
1	Ae	Esquifo com alça		
2	Ae	Esquifo		
3	Ae	Esquifo		
4	Ae	Esquifo		
5	Ae	Esquifo		
6	Ae	Esquifo		
7	Ae	Esquifo		
8	Ae	Esquifo		
9	Ae	Esquifo		
10	Ae	Esquifo		
11	Ae	Esquifo		
12	Ae	Esquifo		
13	Ae	Esquifo		
14	Ae	Esquifo		
15	Ae	Esquifo		
16	Ae	Esquifo		
17	Ae	Esquifo		
18	Ae	Esquifo		
19	Ae	Esquifo		
20	Ae	Esquifo		
21	Ae	Esquifo		
22	Ae	Esquifo		
23	Ae	Esquifo		
24	Ae	Esquifo		
25	Ae	Esquifo		
26	Ae	Esquifo		
27	Ae	Esquifo		
28	Ae	Esquifo		
29	Ae	Esquifo		
30	Ae	Esquifo		
31	Ae	Esquifo		
32	Ae	Esquifo		
33	Ae	Esquifo		
34	Ae	Esquifo com alça		
35	Ae	Esquifo com alça		
36	Ae	Esquifo		
37	Ae	Esquifo		
38	Ae	Esquifo		
4	Ae	Esquifo	Rosa (BCH 35)	Não
40	Ae	Esquifo		
41	Ae	Esquifo		
42	Ae	Esquifo		

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica (continuação).

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
43	Ae	Esquifo		
44	Ae	Esquifo		
45	Ae	Esquifo		
46	Ae	Esquifo		
47	Ae	Esquifo		
48	Ae	Esquifo		
5	Ae	Esquifo	Rosa (BCH 35)	Sim (tipo não
50	Ae	Esquifo		
51	Ae	Esquifo		
52	Ae	Esquifo		
53	Ae	Esquifo		
8	Ae	Esquifo	Argila rosa bastante	Não
55	Ae	Esquifo		
56	Ae	Esquifo		
57	Ae	Esquifo		
58	Ae	Esquifo		
59	Ae	Esquifo		
60	Ae	Esquifo		
3	Ae	Esquifo	rosa marrom, muito	Sim (tipo não
62	Ae	Esquifo		
43	Ae	Esquifo	Rosa, dura	Sim (tipo não
64	Ae	Esquifo		
65	Ae	Esquifo com alça		
66	Ae	Esquifo		
67	Ae	Esquifo		
68	Ae	Esquifo		
69	Ae	Esquifo		
70	Ae	Esquifo		
2	Ae	Esquifo	Rosa (BCH 35)	Sim (tipo não
22	Ae	Esquifo	Rosa (BCH 35)	Sim (tipo não
18	Ae	Esquifo	rosa (BCH 35)	
74	Ae	Esquifo		
75	Ae	Esquifo		
76	Ae	Esquifo		
77	Ae	Esquifo		
50	Ae	Esquifo	Argila vermelha,	
79	Ae	Esquifo		
80	Ae	Esquifo		
81	Ae	Esquifo		
82	Ae	Esquifo		
83	Ae	Esquifo		
84	Ae	Esquifo		
Vases géométriques	Aa	Esquifo	Rosa tijolo	Não
86	Ae	Esquifo		
87	Ae	Esquifo		
88	Ae	Esquifo		
89	Ae	Esquifo		
90	Ae	Esquifo		
91	Ae	Esquifo		
92	Ae	Esquifo		

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica (continuação).

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
93	Ae	Esquifo		
94	Ae	Fiala		
95	Ae	Taça		
96	Ae	Taça		
1	Af	Prato		
2	Af	Prato		
3	Af	Prato		
4	Af	Prato		
5	Af	Prato		
6	Af	Prato		
7	Af	Prato		
8	Af	Prato		
9	Af	Prato		
1	Bb	Ânfora		
2	Bb	Ânfora		
3	Bb	Ânfora		
4	Bb	Ânfora		
5	Bb	Ânfora		
6	Bb	Ânfora		
7	Bb	Ânfora		
8	Bb	Ânfora		
9	Bb	Ânfora		
10	Bb	Ânfora		
11	Bb	Ânfora		
12	Bb	Ânfora		
13	Bb	Enócoa		
14	Bb	Enócoa		
15	Bb	Enócoa		
16	Bb	Enócoa		
17	Bb	Enócoa		
18	Bb	Enócoa		
19	Bb	Enócoa		
20	Bb	Enócoa trilobada		
21	Bb	Enócoa trilobada		
22	Bb	Enócoa		
23	Bb	Enócoa		
24	Bb	Enócoa		
25	Bb	Enócoa		
26	Bb	Enócoa		
27	Bb	Enócoa		
28	Bb	Enócoa com		
29	Bb	Enócoa com		
30	Bb	Enócoa		
31	Bb	Enócoa com bojo		
32	Bb	Enócoa		
33	Bb	Vaso com três pés		
34	Bb	Cratera		
35	Bb	Cratera		
36	Bb	Vaso (fragmento)		
37	Bb	Cratera		

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica (continuação).

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
38	Bb	Esquifo		
39	Bb	Esquifo		
40	Bb	Esquifo		
41	Bb	Esquifo		
42	Bb	Esquifo		
43	Bb	Esquifo		
44	Bb	Esquifo		
45	Bb	Esquifo		
46	Bb	Esquifo		
47	Bb	Esquifo		
48	Bb	Esquifo		
49	Bb	Esquifo		
50	Bb	Esquifo		
51	Bb	Esquifo		
52	Bb	Esquifo		
53	Bb	Esquifo		
54	Bb	Esquifo		
55	Bb	Esquifo		
56	Bb	Esquifo		
57	Bb	Esquifo		
58	Bb	Esquifo		
59	Bb	Esquifo		
60	Bb	Esquifo		
1	Bc	Ânfora		
2	Bc	Hídria		
3	Bc	Ânfora		
4	Bc	Ânfora		
5	Bc	Vaso (fragmento)		
35	Bc	Ânfora	Argila vermelha	Sim (tipo não
7	Bc	Ânfora		
36	Bc	Cratera	Rosa, bastante dura,	
1	Ático	Ânfora com alças		
2	Ático	Enócoa		
3	Ático	Enócoa		
4	Ático	Vaso (fragmento)		
5	Ático	Vaso (fragmento)		
6	Ático	Vaso (fragmento)		
7	Ático	Pixíde		
8	Ático	Pixíde		
9	Ático	Tampa		
45	Ático	Enócoa trilobada	Argila vermelha	Sim (tipo não
11	Ático	Esquifo		
12	Ático	Esquifo		
13	Ático	Ânfora		
14	Ático	Enócoa		
15	Ático	Esquifo		
16	Ático	Esquifo		
17	Ático	Esquifo		
18	Ático	Ânfora		
1	Ródio	Enócoa trilobada		

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica (continuação).

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
2	Ródio	Enócoa		
3	Ródio	Cratera		
4	Ródio	Esquifo		
5	Ródio	Esquifo		
6	Ródio	Esquifo		
7	Ródio	Esquifo		
8	Ródio	Esquifo		
9	Ródio	Esquifo		
10	Ródio	Esquifo		
11	Ródio	Esquifo		
12	Ródio	Esquifo		
13	Ródio	Esquifo		
14	Ródio	Esquifo		
15	Ródio	Esquifo		
16	Ródio	Esquifo		
17	Ródio	Esquifo		
18	Ródio	Esquifo		
19	Ródio	Esquifo		
20	Ródio	Esquifo		
21	Ródio	Esquifo		
22	Ródio	Esquifo		
23	Ródio	Esquifo		
24	Ródio	Esquifo		
25	Ródio	Esquifo		
26	Ródio	Esquifo		
27	Ródio	Esquifo		
28	Ródio	Esquifo		
29	Ródio	Esquifo		
30	Ródio	Esquifo		
31	Ródio	Esquifo		
32	Ródio	Esquifo		
33	Ródio	Esquifo		
34	Ródio	Esquifo		
35	Ródio	Esquifo		
36	Ródio	Esquifo		
37	Ródio	Esquifo		
38	Ródio	Esquifo		
39	Ródio	Esquifo		
40	Ródio	Esquifo		
41	Ródio	Coupe		
42	Ródio	Vaso (fragmento)		
1	Cretense	Ânfora		
2	Cretense	Ânfora		
3	Cretense	Ânfora		
4	Cretense	Ânfora		
5	Cretense	Ânfora		
6	Cretense	Ânfora		
7	Cretense	Enócoa		
8	Cretense	Enócoa		
9	Cretense	Enócoa		

APÊNDICE A – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, centro produtivo, forma, argila e mica (continuação).

N. referência	Centro Produtivo	Forma	Argila	Mica
10	Cretense	Enócoa		
11	Cretense	Hídria		
12	Cretense	Enócoa com bojo		
13	Cretense	Enócoa		
14	Cretense	Enócoa		
15	Cretense	Esquifo		
16	Cretense	Romã		
17	Cretense	Ânfora		
1	Cipriota	Enócoa		
2	Cipriota	Enócoa		
1	Origem	Ânfora		
2	Origem	Cratera		
3	Origem	Tampa		
4	Origem	Prato		
5	Origem	Prato (fragmento)		
6	Origem	Enócoa		
7	Origem	Enócoa		
9	Géométriques de	Esquifo		Não
10	Géométriques de	Esquifo	Rosa e fina	Sim (tipo não)
11	Géométriques de	Ânfora		
12	Géométriques de	Ânfora		Não
13	Géométriques de	Vaso (fragmento)		Não
14	Géométriques de	Ânfora		Não
15	Géométriques de	Esquifo		
16	Géométriques de	Pixíde		Não
17	Géométriques de	Ânfora		Não
20	Géométriques de	Ânfora		Não
21	Géométriques de	Ânfora	cinza violácea, mal	Não
23	Vases	Esquifo	marrom escura,	grãos grossos de
24	Vases	Esquifo	marrom escura,	grãos grossos de
25	Vases	Esquifo	marrom escura,	grãos grossos de
26	Vases	Vaso sem alça	marrom escura,	grãos grossos de
27	Vases déliens	Enócoa com	vermelho-tijolo,	
28	Bb	Enócoa trilobada	rosa, bastante macia	Não
29	Vases déliens	Enócoa trilobada	rosa, bastante macia	Não
30	Vases déliens	Enócoa trilobada	Vermelha, dura	Não
31	Vases déliens	Enócoa	Vermelha, muito	Não
32	Vases déliens	Enócoa	Vermelha, muito	
33	Vases déliens	Vaso (fragmento)		
34	Vases déliens	Base de vaso		
37	Vases déliens	Esquifo	Rosa, bastante dura,	
51	Protomeliano	Esquifo	Fina, porosa,	
52	Protomeliano	Esquifo		
53	Protomeliano	Esquifo		
54	Protomeliano	Esquifo	Argila rosa, muito	Com grãos (não)
55	Protomeliano	Tampa		

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação.

N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
1		Fossa de		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Fossa de		EAD XV
6		Fossa de		EAD XV
7		Fossa de		EAD XV
8		Fossa de		EAD XV
9		Fossa de		EAD XV
10		Fossa de		EAD XV
11		Fossa de		EAD XV
12		Fossa de		EAD XV
13		Fossa de		EAD XV
14		Fossa de		EAD XV
15		Fossa de		EAD XV
16		Fossa de		EAD XV
17		Fossa de		EAD XV
18		Fossa de		EAD XV
19		Fossa de		EAD XV
20		Fossa de		EAD XV
21		Fossa de		EAD XV
22		Fossa de		EAD XV
23		Fossa de		EAD XV
24		Fossa de		EAD XV
25		Fossa de		EAD XV
26		Fossa de		EAD XV
27		Fossa de		EAD XV
28		Fossa de		EAD XV
29		Fossa de		EAD XV
30		Fossa de		EAD XV
31		Fossa de		EAD XV
32		Fossa de		EAD XV
33		Fossa de		EAD XV
34		Fossa de		EAD XV
35		Fossa de		EAD XV
36		Fossa de		EAD XV
37		Fossa de		EAD XV
38		Fossa de		EAD XV
39		Fossa de		EAD XV
40		Fossa de		EAD XV
41		Fossa de		EAD XV
42		Fossa de		EAD XV
43		Fossa de		EAD XV
44		Fossa de		EAD XV
45		Fossa de		EAD XV
46		Fossa de		EAD XV
47		Fossa de		EAD XV
48		Fossa de		EAD XV
49		Fossa de		EAD XV
50		Fossa de		EAD XV

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação (continuação).

N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
51		Fossa de		EAD XV
52		Fossa de		EAD XV
53		Fossa de		EAD XV
54		Fossa de		EAD XV
55		Fossa de		EAD XV
56		Fossa de		EAD XV
57		Fossa de		EAD XV
58		Fossa de		EAD XV
59		Fossa de		EAD XV
60		Fossa de		EAD XV
61		Fossa de		EAD XV
62		Fossa de		EAD XV
63		Fossa de		EAD XV
64		Delos		EAD XV
38	Engobo fino	Delos	Poços do	BCH 35
2		Delos		EAD XV
3		Delos		EAD XV
4		Delos		EAD XV
5		Delos		EAD XV
6		Delos		EAD XV
7		Delos		EAD XV
39	superfície bastante	Delos	Nordeste da Sala	BCH 35
40	Engobo marrom	Delos	Artemision (EAD XV).	BCH 35
10		Delos		EAD XV
11		Delos		EAD XV
41		Delos	Atemision (EAD XV).	BCH 35
42	Engobo marrom	Delos	Artemision (EAD XV).	BCH 35
19		Delos	Nordeste da Casa de	BCH 35, p. 357
15		Delos		EAD XV
16		Delos		EAD XV
17		Delos		EAD XV
18		Delos		EAD XV
19		Fossa de		EAD XV
49	Engobo marrom	Delos	Artemision (EAD	BCH
44	superfície polida,	Delos	Artemision (EAD XV).	BCH 35
46	superfície polida	Delos	Artemision (EAD XV).	BCH 35
47	superfície polida	Delos	Artemision (EAD XV).	BCH 35
4		Delos		EAD XV
48	Engobo fino marrom	Delos	Casa a nordeste da	BCH
6		Delos		EAD XV
7		Delos		EAD XV
8		Delos		EAD XV
9		Delos		EAD XV
10		Delos		EAD XV
11		Delos		EAD XV
1		Fossa de		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Fossa de		EAD XV

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação (continuação).

N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
6		Fossa de		EAD XV
7		Fossa de		EAD XV
8		Fossa de		EAD XV
9		Fossa de		EAD XV
10		Fossa de		EAD XV
11		Fossa de		EAD XV
12		Fossa de		EAD XV
13		Fossa de		EAD XV
1		Delos		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Fossa de		EAD XV
6		Fossa de		EAD XV
7		Fossa de		EAD XV
8		Fossa de		EAD XV
9		Fossa de		EAD XV
10		Fossa de		EAD XV
11		Fossa de		EAD XV
12		Fossa de		EAD XV
13		Fossa de		EAD XV
14		Fossa de		EAD XV
15		Fossa de		EAD XV
16		Fossa de		EAD XV
17		Fossa de		EAD XV
18		Fossa de		EAD XV
19		Fossa de		EAD XV
20		Fossa de		EAD XV
21		Fossa de		EAD XV
22		Fossa de		EAD XV
23		Fossa de		EAD XV
24		Fossa de		EAD XV
25		Fossa de		EAD XV
26		Fossa de		EAD XV
27		Fossa de		EAD XV
28		Fossa de		EAD XV
29		Fossa de		EAD XV
30		Fossa de		EAD XV
31		Fossa de		EAD XV
32		Fossa de		EAD XV
33		Fossa de		EAD XV
34		Fossa de		EAD XV
35		Fossa de		EAD XV
36		Fossa de		EAD XV
37		Fossa de		EAD XV
38		Fossa de		EAD XV
4	engobo branco	Delos	tombeau à l'angle	BCH 35
40		Fossa de		EAD XV
41		Fossa de		EAD XV
42		Fossa de		EAD XV

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação (continuação).

N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
43		Fossa de		EAD XV
44		Fossa de		EAD XV
45		Fossa de		EAD XV
46		Fossa de		EAD XV
47		Fossa de		EAD XV
48		Delos		EAD XV
5	Engobo branco (BCH	Delos	tombeau à l'angle	BCH 35, p. 353.
50		Fossa de		EAD XV
51		Fossa de		EAD XV
52		Fossa de		EAD XV
53		Fossa de		EAD XV
8	Engobo	Delos	Perto do altar de	BCH 35, p. 354
55		Fossa de		EAD XV
56		Fossa de		EAD XV
57		Fossa de		EAD XV
58		Fossa de		EAD XV
59		Fossa de		EAD XV
60		Fossa de		EAD XV
3	engobo branco	Delos	tombeau à l'angle	BCH 35
62		Delos		EAD XV
43	Engobo fino	Delos	Çasa ao sul da	BCH 35
64		Fossa de		EAD XV
65		Fossa de		EAD XV
66		Fossa de		EAD XV
67		Fossa de		EAD XV
68		Fossa de		EAD XV
69		Fossa de		EAD XV
70		Fossa de		EAD XV
2	Engobo branco (BCH	Delos	Tombeau à l'angle	BCH 35
22	superfície polida com	Delos	Casa do Kerdon	BCH 35, p. 359.
18		Delos	Habitação a oeste do	BCH 35, p. 357
74		Delos		EAD XV
75		Fossa de		EAD XV
76		Fossa de		EAD XV
77		Fossa de		EAD XV
50		Delos	Perto do altar de	BCH 35
79		Fossa de		EAD XV
80		Fossa de		EAD XV
81		Delos		EAD XV
82		Fossa de		EAD XV
83		Fossa de		EAD XV
84		Delos		EAD XV
Vases géométriques	Engobo branco /	Delos	Tombeau à l'angle	BCH 35, p. 352,
86		Fossa de		EAD XV
87		Fossa de		EAD XV
88		Fossa de		EAD XV
89		Fossa de		EAD XV
90		Fossa de		EAD XV
91		Fossa de		EAD XV
92		Fossa de		EAD XV

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação (continuação).

N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
93		Fossa de		EAD XV
94		Fossa de		EAD XV
95		Delos		EAD XV
96		Delos		EAD XV
1		Fossa de		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Fossa de		EAD XV
6		Fossa de		EAD XV
7		Fossa de		EAD XV
8		Fossa de		EAD XV
9		Delos		EAD XV
1		Fossa de		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Fossa de		EAD XV
6		Fossa de		EAD XV
7		Fossa de		EAD XV
8		Fossa de		EAD XV
9		Fossa de		EAD XV
10		Fossa de		EAD XV
11		Fossa de		EAD XV
12		Fossa de		EAD XV
13		Fossa de		EAD XV
14		Delos		EAD XV
15		Fossa de		EAD XV
16		Delos		EAD XV
17		Fossa de		EAD XV
18		Fossa de		EAD XV
19		Fossa de		EAD XV
20		Fossa de		EAD XV
21		Delos		EAD XV
22		Fossa de		EAD XV
23		Fossa de		EAD XV
24		Fossa de		EAD XV
25		Delos		EAD XV
26		Fossa de		EAD XV
27		Delos		EAD XV
28		Delos		EAD XV
29		Fossa de		EAD XV
30		Fossa de		EAD XV
31		Fossa de		EAD XV
32		Delos		EAD XV
33		Fossa de		EAD XV
34		Fossa de		EAD XV
35		Fossa de		EAD XV
36		Delos		EAD XV
37		Delos		EAD XV

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação (continuação).

N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
38		Fossa de		EAD XV
39		Fossa de		EAD XV
40		Fossa de		EAD XV
41		Fossa de		EAD XV
42		Fossa de		EAD XV
43		Fossa de		EAD XV
44		Fossa de		EAD XV
45		Fossa de		EAD XV
46		Fossa de		EAD XV
47		Fossa de		EAD XV
48		Fossa de		EAD XV
49		Fossa de		EAD XV
50		Fossa de		EAD XV
51		Fossa de		EAD XV
52		Fossa de		EAD XV
53		Fossa de		EAD XV
54		Delos		EAD XV
55		Fossa de		EAD XV
56		Fossa de		EAD XV
57		Fossa de		EAD XV
58		Fossa de		EAD XV
59		Fossa de		EAD XV
60		Delos		EAD XV
1		Fossa de		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Delos		EAD XV
4		Delos		EAD XV
5		Delos		EAD XV
35	Engobo branco	Delos	ao sul dos dois	BCH 35
7		Delos		EAD XV
36	Engobo amarelo	Delos	ao sul dos dois	BCH 35, p. 368.
1		Delos		EAD XV
2		Delos		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Delos		EAD XV
5		Delos		EAD XV
6		Delos		EAD XV
7		Delos		EAD XV
8		Delos		EAD XV
9		Delos		EAD XV
45	superfície polida com	Delos	Artemision (EAD XV).	BCH 35
11		Delos		EAD XV
12		Delos		EAD XV
13		Fossa de		EAD XV
14		Fossa de		EAD XV
15		Fossa de		EAD XV
16		Fossa de		EAD XV
17		Fossa de		EAD XV
18		Fossa de		EAD XV
1		Delos		EAD XV

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação (continuação).

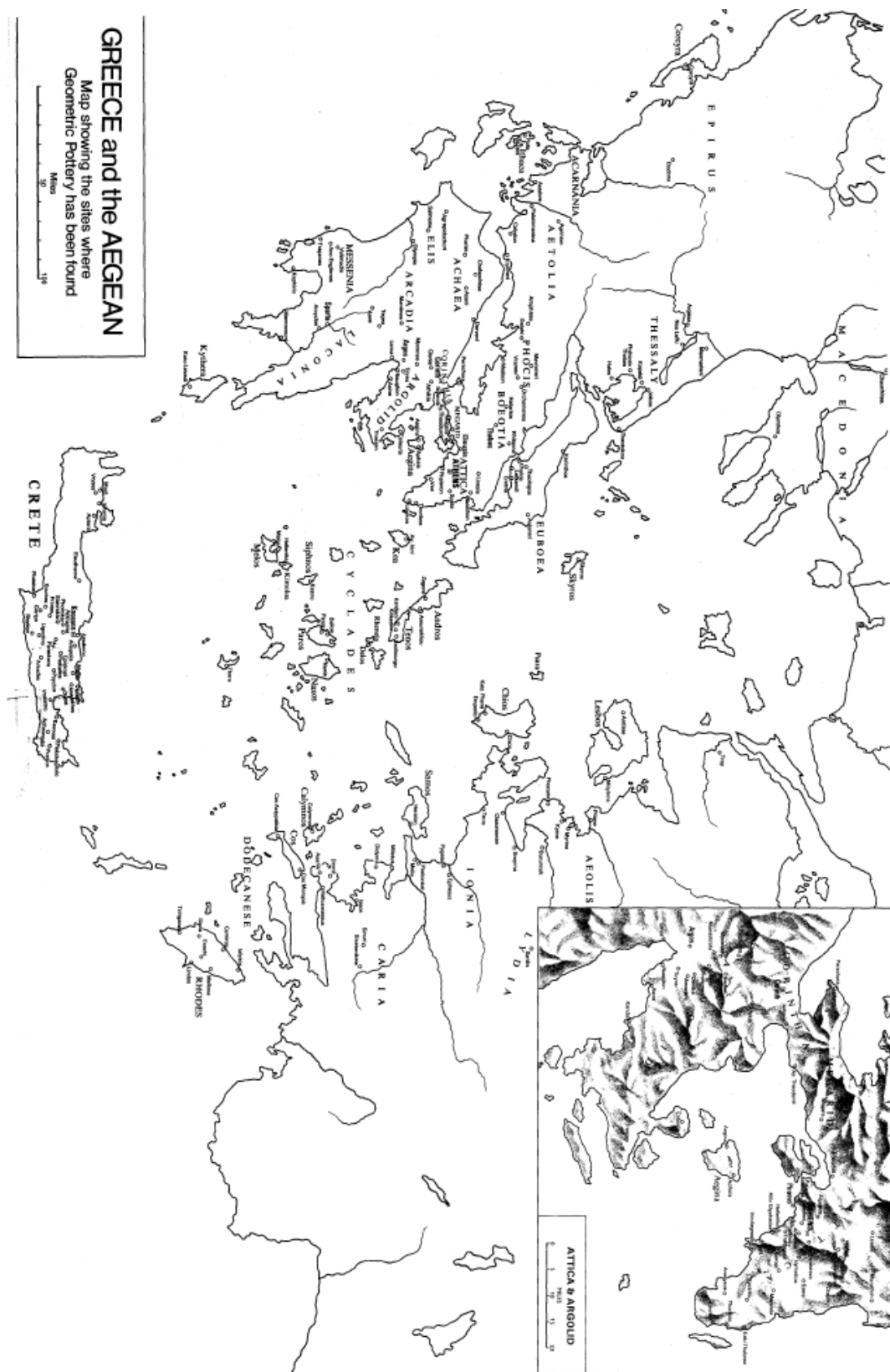
N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
2		Fossa de		EAD XV
3		Delos		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Fossa de		EAD XV
6		Fossa de		EAD XV
7		Fossa de		EAD XV
8		Fossa de		EAD XV
9		Fossa de		EAD XV
10		Fossa de		EAD XV
11		Fossa de		EAD XV
12		Fossa de		EAD XV
13		Fossa de		EAD XV
14		Fossa de		EAD XV
15		Fossa de		EAD XV
16		Delos		EAD XV
17		Fossa de		EAD XV
18		Fossa de		EAD XV
19		Fossa de		EAD XV
20		Fossa de		EAD XV
21		Fossa de		EAD XV
22		Delos		EAD XV
23		Fossa de		EAD XV
24		Fossa de		EAD XV
25		Fossa de		EAD XV
26		Delos		EAD XV
27		Delos		EAD XV
28		Fossa de		EAD XV
29		Fossa de		EAD XV
30		Fossa de		EAD XV
31		Fossa de		EAD XV
32		Fossa de		EAD XV
33		Fossa de		EAD XV
34		Fossa de		EAD XV
35		Fossa de		EAD XV
36		Fossa de		EAD XV
37		Fossa de		EAD XV
38		Fossa de		EAD XV
39		Fossa de		EAD XV
40		Fossa de		EAD XV
41		Delos		EAD XV
42		Delos		EAD XV
1		Delos		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Fossa de		EAD XV
6		Fossa de		EAD XV
7		Fossa de		EAD XV
8		Fossa de		EAD XV
9		Fossa de		EAD XV

APÊNDICE B – Banco de dados dos vasos do Período Geométrico encontrados em Delos e Reneia– entradas: número de referência, tratamento da superfície, proveniência, contexto arqueológico e publicação (continuação).

N. referência	Tratamento da sup...	Proveniência	Contexto Arqueoló...	Publicação
10		Fossa de		EAD XV
11		Fossa de		EAD XV
12		Delos		EAD XV
13		Fossa de		EAD XV
14		Fossa de		EAD XV
15		Delos		EAD XV
16		Delos		EAD XV
17		Delos		EAD XV
1		Fossa de		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
1		Fossa de		EAD XV
2		Fossa de		EAD XV
3		Fossa de		EAD XV
4		Fossa de		EAD XV
5		Delos		EAD XV
6		Delos		EAD XV
7		Delos		EAD XV
				EAD XV
9	Engobo branco	Delos	Tesouro 2	BCH 35, p. 355
10	superfície polida	Delos	Região do Artemision	BCH 35, p. 355
11		Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 355
12		Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 356.
13		Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 356.
14	Superfície polida com	Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 356.
15		Delos	Pórtico a oeste do	BCH 35, p. 356.
16		Delos	Tesouro 2	BCH 35, p. 356.
17		Delos	ao sul dos dois	BCH 35, p. 357.
20		Delos	ao sul dos dois	BCH 35, p. 358.
21	superfície polida,	Delos	ao sul dos dois	BCH 35, p. 358 e
23		Delos	ao sul dos dois	BCH 35, p. 360.
24		Delos	Ao sul dos dois	BCH, p. 360
25		Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 360.
26		Delos	Tesouro 2	BCH 35, p. 360 e
27	engobo amarelo	Delos	Vases déliens	BCH 35, p. 361.
28	Engobo marrom	Delos	ao sul dos dois	BCH 35, p. 362.
29	Engobo marrom	Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 363
30	Engobo marrom	Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 363
31	Engobo amarelo	Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 363-3
32	Engobo marrom	Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 364-3
33	Engobo marrom	Delos	Ao sul dos dois	BCH 35, p. 366-3
34	Engobo branco	Delos	Região Oeste do	BCH 35, p. 367.
37	Engobo amarelado	Delos	Nordeste do templo	BCH 35, p. 371
51	Engobo fino	Delos	loja δ	BCH 35
52	Engobo fino cinza-	Delos	Nordeste do	BCH 35
53	Engobo branco fino.	Delos	ao sul dos dois	BCH 35
54	Engobo marrom	Delos	ao sul dos dois	BCH 35
55		Delos	ao sul dos dois	BCH 35

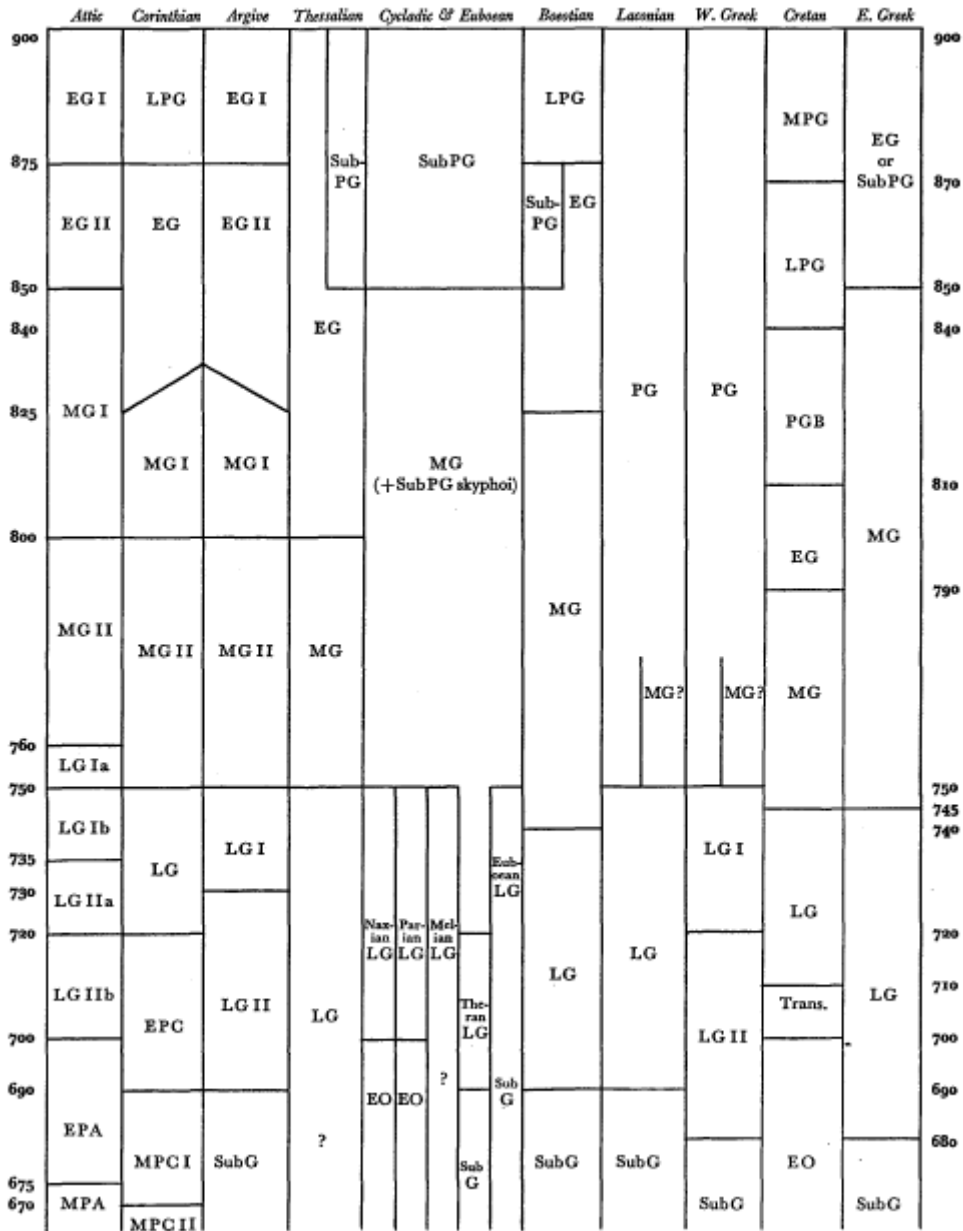
ANEXOS

ANEXO A – Mapa com indicação dos sítios arqueológicos no Egeu onde foi encontrada cerâmica do Período Geométrico.



Fonte: Coldstream, 2008, p. I.

ANEXO B – Tabela de comparação cronológica dos estilos de cerâmica do Período Geométrico.



Fonte: Coldstream, 2008, p. 330.

ANEXO C – Tabela de comparação cronológica dos estilos de cerâmica do Período Geométrico (destaque para as cronologias da Ática e das Cíclades).

	Ático	Coríntio	Argivo	Tessálio	Cicládico e Euboico	Beócio	Lacônio	Grécia O.	Creta	Grécia L.	
900	EGI	LPG	EGI			LPG			MPG	EG or SubPG	900
875	EG II	EG	EG II	Sub-PG	SubPG	Sub-PG	EG		LPG		875
850											850
840				EG							840
825	MGI	MGI	MGI		MG (+SubPG akyphoi)		PG	PG	PGB		825
800									EG	MG	800
790	MG II	MG II	MG II	MG		MG					790
760	LG Ia							MG?			760
750	LG Ib										750
745											745
740											740
735	LG IIa	LG	LG I						LG I		735
730											730
720	LG IIb	EPC	LG II	LG	Naxian LG Parian LG Melian LG	LG	LG		LG		720
710											710
700									LG II	Trans.	700
690	EPA	MPCI	SubG	?	EO EO	SubG	SubG				690
675	MPA	MPCI									675
670		MPCI II							SubG	EO	670
										SubG	

Fonte: Coldstream, 2008, p. 330.

ANEXO D - Os principais sítios arqueológicos cicládicos que contêm material cerâmico do Período Geométrico.

(20) THE CYCLADES

<i>Locality</i>	<i>Type of site</i>	<i>Publication</i>	<i>Date</i>
ANDROS			
Amonakliou	?	Sauciuc, <i>Andros</i> , fig. 59	Andros MG 166
Zagora	Graves	<i>PGP</i> 161-3, pl. 16	Andros SubPG, 166, MG 168-70
"	Settlement	<i>BCH</i> 85, 839, fig. 8 (Andros, not Samos)	Mykonos Excavations in progress MG II- LG —
DELOS			
Hieron of Apollo and Artemis	Sanctuary	<i>BCH</i> 35, 350ff. <i>Delos xv, passim</i>	Delos Pottery all imported: mainly 'Parian' and Naxian SubPG, 153-7, MG-LG 166ff., 173-81
Heraion	Sanctuary	<i>Delos x</i> , pl. 9, 37-8	Delos LG, EPC 175
KEOS			
Ay. Irini	Sanctuary	<i>Hesperia</i> 33, 333	Keos LG 164n.1
KIMOLOS,			
Hellenika	Cemetery	<i>BCH</i> 78, 146, figs. 41-4	Kimolos Not fully published MG-LG 165, 167ff., 181-5
"	?	<i>AM</i> 69-70, 153ff., Beil. 56-61	Private possession EG-LG
MELOS, area of Classical city			
	Cemetery	<i>JdI</i> 14, 33ff. <i>BSA</i> 2, 70-1 <i>JOAI</i> 39, 54ff. <i>CVA</i> Sèvres, pl. 11, nos. 9, 11-14 <i>CVA</i> Scheurleer 11f, pl. 1, 3 <i>CVA</i> Munich 3, pl. 141, 1-2 <i>CVA</i> Schloss Fasanerie 2, pl. 55	Athens Melos? Melos Sèvres Amsterdam Munich Schloss Fasanerie Many other vases, unpub- lished, in Athens, Melos, Leiden (?), London, and elsewhere EG-LG 165, 167ff., 181-5
NAXOS, sites in and near Naxia:			

Fonte: Coldstream, 2008, p. 413.

ANEXO D - Os principais sítios arqueológicos cicládicos que contêm material cerâmico do Período Geométrico (continuação).

<i>Locality</i>	<i>Type of site</i>	<i>Publication</i>	<i>Museum</i>	<i>Remarks</i>	<i>Date</i>	<i>Ref.</i>
NAXOS, sites in and near Naxia:						
Grotta	Settlement	<i>AE</i> 1945-7, 1ff.	Naxos	Unexcavated	MG	168
Gymnasium area	Graves	<i>PAE</i> 1937-8, 117ff.	Naxos	Not fully published	MG-LG	166ff.
Kaminaki	Settlement	<i>PAE</i> 1939, 119ff., fig. 2	Naxos	Not fully published	LG	173n.8
Palati	Settlement	<i>AM</i> 54, 152ff., Beil. 53-4	Naxos	Unexcavated	LG	172ff.
PAROS						
Acropolis	Settlement	<i>AM</i> 42, 73ff.	Paros		MG-LG	166, 176ff.
Delion	Sanctuary	Rubensohn, <i>Delion</i> 85ff., pls. 14-17	Paros		MG-LG	166, 176ff.
RHENEIA						
Parakastri	'Graves'	<i>PGP</i> 156-8, pls. 18-19	Mykonos		Sub PG, EG-MG	152-6, 165ff.
Purification Trench	Cemetery deposit	<i>Delos</i> xv, <i>passim</i>	Mykonos	Grave material removed from Delos in 426 B.C.	Sub PG, MG-LG	153-7, 165ff., 173-81
SIPHNOS						
Kastro	Settlement	<i>BSA</i> 44, 33ff.	Siphnos		EG-LG	165, 167, 176
TENOS						
Exoburgo	Sanctuary	<i>PAE</i> 1953, 258ff.	Tenos	Pottery unpublished	Sub PG, MG-LG	—
Kambos	'Grave'		Tenos		PG	149-51
Kardiani	Graves	<i>Ann.</i> 8-9, 103ff.	Tenos		Sub PG, MG	152-5, 166ff.
Kükados	Graves	Pls. 32c; 33a-b, e, h	Tenos		Sub PG, EG-MG	152-5, 166ff.
?	'Grave'	<i>PGP</i> 158-9, pl. 25a	Vatican		Sub PG	152-5
THERA						
Messavouno	Cemetery	<i>AM</i> 28, 96ff.	Thera	Plentiful imports from many sources	MG-LG	104, 166ff., 176ff., 185-9
Sellada	Cemetery	<i>Thera</i> 11, 13ff., <i>AM</i> 73, 128ff., Beil. 97-8	Thera	Plentiful imports from many sources	MG-LG	176ff., 185-9

Fonte: Coldstream, 2008, p. 414.

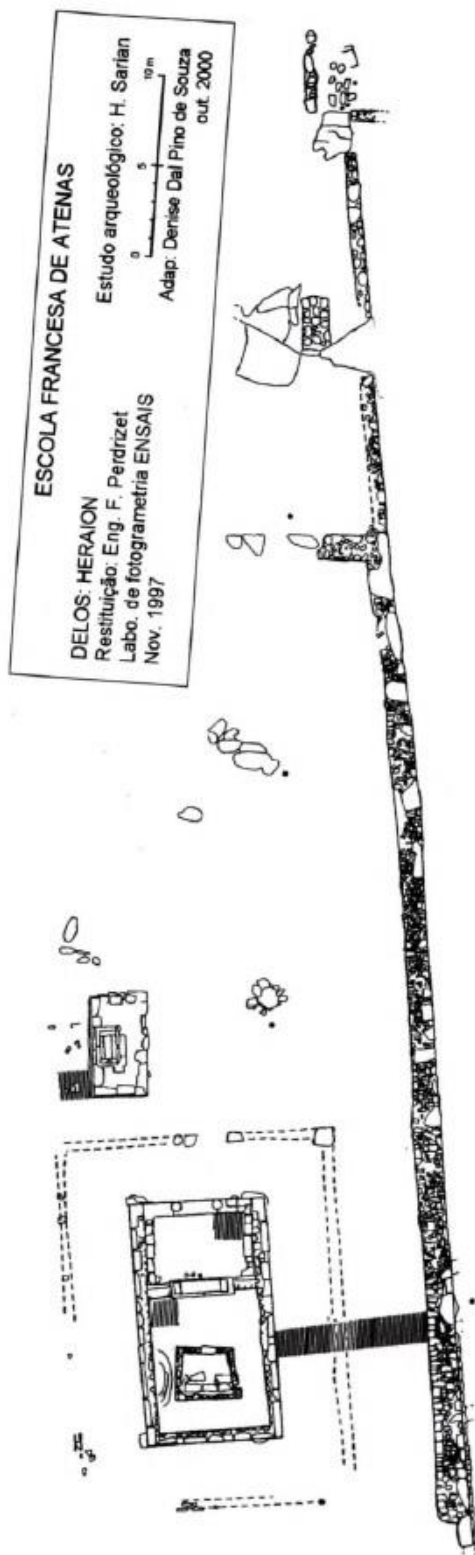
ANEXO E - Os principais sítios arqueológicos cicládicos que contêm material cerâmico do Período Geométrico (suplemento).

(20) CYCLADES

<i>Locality</i>	<i>Type of site</i>	<i>Publication</i>	<i>Date</i>
AMORGOS	Graves, Settlement, Sanctuary	<i>PAE</i> 1993, 166ff. <i>PAE</i> 1990, 177ff. †L. Marangou, <i>Minoa</i> I	MG, LG
ANDROS			
Zagora	Settlement	† <i>Zagora</i> I, II; <i>PAE</i> 1972, 251ff.	PG-LG
Hypsele	Settlement	C. Televantou, <i>Andriaka Chronika</i> 21 (1993), 187ff.; <i>APES</i> 421ff.	MG, LG
DONOUSA	Settlement, Pyres	<i>ADCh</i> 24, 393ff.; 25, 426ff.; 26, 465ff. <i>AAA</i> 4, 210ff; 6, 256ff.	MG
NAXOS			
Gymnasium	S. Cemetery	†N. Kourou, <i>To Notio Nekrotaphio tis Naxou kata te geometrike periodo</i> (Athens, 1999)	EG II-MG II
Plithos	N. Cemetery	<i>Ann</i> 61, 121ff.	EG-LG
Palati	Settlement	<i>AA</i> 1972, 386ff.	EG-LG
Tsikalario	Cemetery	<i>ADCh</i> 20, 515ff.	MG
PAROS			
Paros town	Cemetery	<i>AION</i> 6, 13ff.; <i>AE</i> 2000, 283ff.; <i>Pictorial Pursuits</i> , 271ff.	LG
Koukounaries	Settlement	<i>Le Cycladi ed il mondo Egeo</i> , ed. E. Lanzillotta and D. Schilardi (Rome, 1996) 33ff.	EG-LG
TENOS			
Exoburgo	Sanctuary (relief pithoi)	†N. Kontoleon, <i>AE</i> 1969, 215ff.	LG

Fonte: Coldstream, 2008, p. 489-490.

ANEXO F – Planta do Santuário de Hera, em Delos.



Fonte: Sarian, 2000, fig. 1, p. 331.